Olga Roriz
"É neste envelhecimento que está a minha riqueza" P22

Fundador: Francisco Pinto Balsemão

Expresso

30 de agosto de 2024
2705 • • Semanário

Diretor: João Vieira Pereira
Diretores-Adjuntos: David Dinis, Martim Silva, Miguel Cadete e Paula Santos
Diretor de Arte: Marco Grieco

expresso.pt

24h

O Expresso vai mudar
Já a partir da próxima semana, na edição de 6 de setembro, o Expresso chegará às bancas num formato ligeiramente diferente, com mais um caderno e com muitas novidades. Leia mais na última página.

***Rentrée:* Marcelo com livros e Capicua**
Como já é tradição, o Presidente da República volta a organizar a Festa do Livro em Belém, que acaba por ser uma espécie de *rentrée* de Marcelo. A festa vai decorrer de 5 a 8 de setembro e, além da apresentação de livros e de debates, inclui animação musical com Capicua, Fernando Daniel e Capitão Fausto. A abrir será exibido o filme "As Armas e o Povo", de 1975.

Timor condecora
José Ramos-Horta condecorou oito jornalistas portugueses nas comemorações dos 25 anos do referendo pela independência. O Presidente timorense considera que Paulo Nogueira, Pedro Sousa Pereira, Fernando Peixeiro, Pedro Miguel Duarte Costa, Bento Rodrigues, António Pedro Valador, Pedro Manuel Mesquita e José Luís Ramos Pinheiro foram "capazes de divulgar ao mundo a resistência e o sofrimento do povo de Timor-Leste e a sua vontade de autodeterminação".

Integram esta edição semanal, além deste corpo principal, os seguintes cadernos: ECONOMIA, REVISTA E

195 mil lisboetas vivem em casas sem construção antissísmica

➔ Mafra é o único concelho do continente com um **plano especial de fuga** para a população
➔ Há **30 mil edifícios em Lisboa** que não estão preparados para um tremor de terra P20

Cartas secretas não aproximaram Pedro Nuno de Montenegro

Líder do PS escreveu ao primeiro-ministro sobre o OE e já recebeu a resposta. Mas continua sem dados para negociar

Em julho, Pedro Nuno Santos enviou a Luís Montenegro uma carta pedindo-lhe informações sobre as contas públicas do próximo ano. Montenegro respondeu. Na visão da direção socialista, a resposta não foi satisfatória. P8

PS quer alargar duas semanas prazo para aborto

Anteprojeto está pronto e será uma bandeira da candidata à liderança da JS, Sofia Pereira

Na Academia Socialista, que decorre em Tomar, o PS vai regressar às chamadas questões fraturantes e insistir na urgência da regulamentação da objeção de consciência dos médicos, para garantir que há condições no país para IVG. P8

Prestação da casa pode ser aliviada até €160

Euribor está em queda acentuada e as famílias com contratos revistos em setembro já vão sentir alívio na prestação E14

Maternidades do Oeste e da Margem Sul vão ser reorganizadas

Presidente da Comissão de Saúde Materna anuncia que ministério já tem plano para novas equipas de urgência P14

Ex-autarca comunista quer voltar a Setúbal e ataca PCP P10

FOTO MICHAEL REGAN/FIFA/GETTY IMAGES

Nova lei da imigração deixa ilegais nadadores-salvadores

São dezenas, estão certificados pelo Instituto de Socorros a Náufragos e têm contrato de trabalho P16

Paralímpicos: a revolução da inclusão é em Paris P31

O comprimido azul já chegou aos mais jovens R16

Grupo Wagner mais fraco um ano após morte de Prigozhin P29

David Dinis

UM REALISTA ENTRA NA SALA

Primeiro, teremos António Costa e Maria Luís Albuquerque a disputar, no sábado, uns minutos de diretos televisivos. Depois, no domingo, virão Luís Montenegro e Pedro Nuno Santos, marcando a *rentrée* política do país. Prepare-se para os avisos, críticas, demarcações. Mas não valorize: este é o tempo de marcar territórios, antes do arranque da negociação do Orçamento. E não valorize também por isto: não é só a Pedro Nuno que convém que o Governo sobreviva a outubro. Montenegro também precisa de ser salvo — já explico do quê.

Antes: é verdade que o primeiro-ministro não tem medido esforços a distribuir medidas por várias famílias. Lembre-se do Pontal, há duas semanas, de onde saiu um cheque para pensionistas e um passe para os comboios. Junte os aumentos para professores e polícias, também militares e funcionários judiciais, e ainda o alívio de IRS, que também foi ideia dele — e que até vem com retroativos, simpaticamente distribuídos entre setembro e outubro.

Não, os *timings* não são coincidência. Um simpatizante da AD acreditará que o Governo usa uma folga para apoiar quem precisa e criar bases para estabilizar o Estado; um cínico acredita que Montenegro está a cercar o eleitorado do PS, obrigando Pedro Nuno à viabilização do Orçamento; um estratego dirá que, com as novas regras europeias, o Governo ganha folga no próximo ano se gastar mais agora (como explicou Sérgio Aníbal no "Público"). Mas é nesse momento que um realista entra na sala.

Luís Montenegro recebeu o Governo como nenhum outro nas últimas décadas: a economia acima da média europeia, o desemprego em níveis historicamente baixos, a balança externa positiva, as contas públicas em excedente. Mas a margem é ilusória e só dura mais uns meses.

O que se segue é mais duro. Como explicava o último "Boletim Económico" do Banco de Portugal, a margem orçamental deste ano era de 1% do PIB a 1 de janeiro. Mas em 2025, tendo em conta apenas alguns dos anúncios feitos entretanto pelo Governo, já estava para lá do limite das novas regras europeias em cerca de 2 mil milhões de euros. Vale a pena fixar o que diz o documento publicado por Mário Centeno (sim, ele): "Não existe margem para a adoção de medidas que não sejam compensadas por outras." Por esta altura, Montenegro e Miranda Sarmento já o terão percebido.

É aí que entra Pedro Nuno Santos. O líder do PS (com a imagem mais marcadamente de esquerda da história do partido) tem aparecido, por ironia da história, a travar a agenda orçamental de Montenegro. As linhas vermelhas do PS fixaram-se em duas medidas já anunciadas, mas que cautelosamente Montenegro deixou a marinar: a redução drástica do IRC e o bónus do IRS Jovem. Não discuto a bondade das medidas, lembro só que, juntas, elas contam mais de 1500 milhões de euros. O Governo prometeu ainda juntar mil milhões da isenção de IRS e contribuições ao 15º mês de vencimento. Tudo a somar a um Orçamento de 2025 que ainda não existe, mas já ameaça entrar em défice.

É certo que ainda falta saber a margem que as Finanças conseguem negociar com Bruxelas. Mas nem o mundo está para veleidades nem as contas estão tão famosas como parecem. Como diria Vítor Gaspar (ou Maria Luís Albuquerque), qual é a parte da frase "não há dinheiro" que os políticos não percebem?

Estão, por isso, presos um ao outro. Pedro Nuno Santos terá, sim, de encontrar um argumento para deixar passar o primeiro Orçamento da AD — o que, na cacofonia em que se transformou o PS, será sempre difícil, com a vantagem de que ninguém aparece a defender que o chumbe. Mas Luís Montenegro também precisa de Pedro Nuno, porque tem de encontrar argumentos para mitigar, adiar, abdicar de algumas das promessas simpáticas que levou para as legislativas.

É isso: em 2025, a festa acabou, para todos. Vai ser preciso deitar mãos à obra. O melhor, assim, é que marquem a primeira reunião — antes que se faça tarde.

ddinis@expresso.impresa.pt

Duelo

O Governo aprovou no Conselho de Ministros uma medida de apoio para os professores deslocados pelo país

Pedro Alves

Vice-presidente do grupo parlamentar do PSD

Cristina Mota

Missão Escola Pública

REGRAS DO SUBSÍDIO DE DESLOCAÇÃO DOS PROFESSORES SÃO BOAS?

SIM É inaceitável que, após 50 anos de democracia, Portugal tenha anualmente milhares de alunos sem aulas. Todos conhecemos o que caracteriza o desafio: o aumento contínuo de professores aposentados, derivado do envelhecimento da classe docente, não tem compensação na formação de novos professores jovens. A tendência está a ser invertida, começando nas medidas de valorização da carreira dos professores, como a reposição do tempo de serviço congelado. Ser professor apenas será atrativo aos mais jovens se a carreira for apelativa.

Os alunos sem aulas não podem esperar anos por soluções. O tempo deles é o agora. Qualquer estratégia para lidar com este desafio impõe medidas estruturais de longo prazo, mas também as excecionais de curto prazo. O subsídio de deslocação para os professores insere-se no grupo de medidas de curto prazo, acrescentando-se às outras 15 medidas que o Governo anunciou em junho.

Este apoio para a deslocação de professores tem uma dupla condição. Por um lado, destina-se a professores de disciplinas onde está comprovada a escassez. Por outro lado, destina-se a esses professores que estejam colocados em escolas carenciadas. Que escolas são essas? Aquelas onde (nos últimos anos) houve alunos sem aulas por períodos prolongados. Essas duas condições definem o propósito da medida: ela serve como incentivo para que os professores ponderem deslocar-se e dar aulas onde fazem falta a tantos alunos.

A soma dos contributos fará a diferença na vida de milhares de alunos, que é o objetivo que deve mobilizar o país

Muitos verão nesta dupla condição um problema, pretendendo que o apoio fosse para todos os professores. Percebe-se. Mas, se assim fosse, não seria um incentivo e em nada alteraria a situação dos alunos sem aulas. A prioridade é essa, porque nada é mais importante do que ter alunos com aulas.

Este apoio à deslocação está integrado numa proposta de decreto-lei que inclui um concurso extraordinário à vinculação de professores, direcionado às escolas carenciadas. O racional é o mesmo e ambas as medidas se entrecruzam: o concurso de vinculação de professores e o apoio à deslocação são dois incentivos que, atuando em simultâneo, poderão levar muitos professores a escolher ir dar aulas onde os alunos os esperam.

Também é certo que muitos dirão que estas duas medidas não resolverão o problema de termos alunos sem aulas. E é verdade: não há uma medida que, isoladamente, o faça. Mas, isoladamente, cada medida já apresentada terá o seu contributo. E a soma desses contributos fará a diferença na vida de milhares de alunos, que é o objetivo que deve mobilizar todo o país.

NÃO Vários são os motivos que têm levado milhares de professores a abandonarem o ensino, entre eles destacam-se o desprestígio social que a classe tem vindo a sentir e a redução de poder de compra associado aos baixos salários. Se acrescentarmos o custo associado a uma renda extra ou a uma deslocação de centenas de quilómetros, obtemos uma fórmula que torna incomportável o professor deslocado continuar a contribuir para a formação dos jovens na escola pública. É imprescindível que sejam tomadas medidas que visem contornar estes factos, sendo as ajudas de custo uma delas, pelo que, a proposta do atual governo de atribuir um subsídio de deslocação é pertinente, até porque esta se revelar uma alteração nas políticas hostis do Ministério da Educação dos últimos anos, relativamente à classe docente.

Subsídio de deslocação, sim, mas alargado a todo o território

Não esquecemos que as ajudas de custo já estão previstas noutros sectores da Administração Pública, como magistrados, médicos e forças de segurança (até a classe política tem subsídio de deslocação, recentemente reforçado) e que milhares de professores abandonaram a profissão exatamente por ser incomportável manter duas casas e várias vidas em suspenso quando, em busca de trabalho, eram colocados longe da sua residência fiscal.

Mas vários aspetos têm de ser repensados, nomeadamente a equidade na aplicação desta medida a todos os docentes, independentemente da sua escola se encontrar em zona carenciada ou de o seu grupo de recrutamento estar sinalizado, porque a medida deve ser aplicada como reposição de justiça aos milhares de docentes que se encontram deslocados, com todos os custos monetários e humanos associados, e não apenas como panaceia para a falta de professores em determinadas zonas do país. Coloca-se inclusive em causa a constitucionalidade da medida, tendo em conta as injustiças que poderão resultar da sua aplicação (p.e., dois professores que lecionem na mesma escola e em igual distância da residência, um pode ter direito ao subsídio e o outro não, por lecionarem disciplinas diferentes).

Subsídio de deslocação, sim, mas alargado a todo o território, por forma a mitigar não apenas os constrangimentos criados pela distância, mas acautelando os causados pelo agravamento do custo de vida dos últimos anos e sem esquecermos que a valorização da carreira docente tem de passar obrigatoriamente pela revisão salarial de todos, adequando os vencimentos ao papel social dos professores. Como tal, defendo que o subsídio não deve ser aplicado apenas às zonas carenciadas.

A Semana

Por MARTIM SILVA
mgsilva@expresso.impresa.pt

SISMO
Um sismo de magnitude de 5,3, com o epicentro ao largo de Sines (o maior em Portugal desde o de dezembro de 2009, que atingiu 6,0 na escala de Richter), não causou felizmente danos de maior, mas voltou a colocar o país a discutir o tema "será que estamos preparados?"

PARALÍMPICOS
Os Jogos Paralímpicos de Paris começaram esta semana, com Portugal a fazer-se representar por 27 atletas, divididos entre 10 modalidades distintas.

INQUÉRITO
A comissão parlamentar de inquérito ao caso das gémeas luso-brasileiras tratadas no Hospital de Santa Maria, em Lisboa, vai recomeçar os trabalhos a 13 de setembro e prevê ouvir o ex-presidente da Assembleia da República Augusto Santos Silva, no dia 8 de outubro.

PSD
Luís Montenegro apresentou a sua moção para o congresso dos sociais-democratas de setembro e no texto fala de presidenciais, dizendo que nas eleições de 2026 o seu partido vai apoiar um candidato que seja militante do PSD.

TELEGRAM
O fundador da plataforma de mensagens encriptadas Telegram, Pável Dúrov, de origem russa, foi detido no passado fim de semana em França. A Justiça francesa acusa-o de promover uma insuficiente política de moderação dos conteúdos na aplicação. Mas a detenção levanta questões mais abrangentes, como a da liberdade de expressão na internet.

LEONOR BELEZA
A antiga ministra e atual presidente da Fundação Champalimaud gerou muita discussão política ao longo da semana, depois do seu nome ter sido lançado como possível candidata presidencial. A direita vai-se agitando, embora ainda falte muito tempo até às eleições que marcam a saída de Marcelo de cena.

OASIS
Depois de 15 anos de muita especulação e pressão para se reunirem, os Oasis anunciaram finalmente o regresso aos palcos. Até ao momento, a banda dos irmãos Gallagher só confirmou datas no Reino Unido e Irlanda, para o próximo ano.

EUA
Com o aproximar da data do primeiro debate presidencial televisivo entre Donald Trump e Kamala Harris a discussão aquece sobre saber-se se... os microfones estarão ou não ligados quando o candidato não estiver a tomar a palavra.

MARIA LUÍS ALBUQUERQUE
A antiga ministra das Finanças de Passos Coelho foi a escolhida do Governo para integrar a Comissão Europeia em nome de Portugal. Falta saber a pasta que vai ocupar.

Miguel Sousa Tavares

Ó, pá, fique lá com o seu gerúndio e deixe o Camões em paz!

Numa longa, repetitiva e monotemática entrevista, aqui, na última Revista do Expresso, Sérgio Rodrigues, apresentado como escritor, jornalista especializado na língua portuguesa e colunista da “Folha de S. Paulo”, queixa-se de nós por três razões: porque lhe roubamos o gerúndio nas entrevistas que nos dá, aportuguesando o seu brasileiro, coisa que ele acha “um abuso”; porque o mesmo lhe “consta” que fazemos aqui com os livros dos autores brasileiros, enquanto que lá não fazem o mesmo aos autores portugueses; e porque, finalmente e deliberadamente, os portugueses não querem ler autores brasileiros. Seis páginas de queixinhas assentes em falsidades, invenções e suposições, ditadas por uma imaginação pouco jornalística, ajudada por uma entrevistadora, não só compreensiva, como também inspiradora. Vejamos.

Quanto às entrevistas, é simples: é o critério do entrevistador ou do jornal ou revista. Diz-me a experiência que aqui, nuns casos ‘traduzem’ o português do Brasil do entrevistado, noutros deixam-no correr livremente, como é o caso desta, pois que, ao contrário do que sustenta Sérgio Rodrigues, o português de lá, falado ou escrito, sempre seduziu os portugueses de cá; já no Brasil, a regra com entrevistados portugueses é sempre ou quase sempre a de os traduzir para brasileiro, suponho que com medo de não serem entendidos pelos leitores.

Quanto aos livros, a coisa pia mais fino. Diz o queixoso que “os portugueses acham que nós falamos uma língua de segunda categoria... Existe uma compreensão mais ou menos geral de que nós estamos estragando a língua”. Não sei onde é que ele foi buscar tal ideia, tanto mais que os portugueses, desgraçadamente, pouco se preocupam com a sua língua, como ficou demonstrado com o fatídico Acordo Ortográfico, uma espécie de acto colonial invertido, assinado em exclusivo benefício do Brasil, e de que Sérgio Rodrigues, obviamente, foi defensor. Mas ele diz saber “por experiência própria de conversas com editores daí e escritores daqui, que a literatura brasileira, pelo menos há uma ou duas gerações, vem sendo muito mal recebida em Portugal”. Assegura ele, acabado de ganhar um prémio literário em Portugal, que nunca teve — porque se opôs, esclarece — um livro que aqui fosse vertido para português de cá, que o mesmo não sucede com a generalidade dos autores brasileiros por cujos pergaminhos se bate. Ora, a verdade é que não teve ele nem nenhum outro: desde a estante dos meus pais até hoje, que eu leio literatura brasileira e jamais, jamais, topei com um só livro de autor brasileiro adulterado para português do reino. Não conheço um livro, não conheço um leitor, que se tenha queixado disso, um autor, um editor brasileiro. Será que o premiado faria o favor de indicar quem, com que obra? Inversamente, tendo vários livros meus editados no Brasil, desde o primeiro que a editora tentou afincadamente que eu aceitasse mudar todo o texto para versão brasileira e, finalmente, ao menos uma lista de palavras — o que recusei e recuso sempre, mesmo depois de mudar de editora: todos os meus livros publicados no Brasil contêm a menção de que “por expressa vontade do autor, manteve-se o português de Portugal e anterior ao Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa”. Sucedeu até com o meu último livro que, tendo sido outra a pessoa encarregada da edição na Companhia das Letras, ela, por não estar ao corrente das condições, disse-me a certa altura que estava a terminar a adaptação do texto ao português do Brasil. É claro que a adaptação foi para o lixo, mas disso reforcei a minha convicção de que outros, talvez muitos, autores portugueses são editados no Brasil em ‘brasileiro’ — ou porque não se importam ou porque lhes é imposto e aceitam.

E vamos à terceira queixa do abusado: “o leitor médio português não quer saber da literatura brasileira”. Isto, que para ele é “sintoma de uma deriva cultural triste”, tem porém uma razão que não escapou à sua argúcia: é porque os portugueses pensam que “já que o Brasil é tão grande e perigoso, que tem essa música invasora e essa televisão, e agora os *youtubers* são invasores, já que o Brasil é tão grande e Portugal tão pequeno em população, vamos aqui nos apegar ao último bastião, que é a língua. Eles sabem dançar, eles sabem falar na internet, mas escrever eles não sabem. E não se discute mais isso”. A sério, caro Sérgio? É isso que você pensa que nós pensamos? Consta-lhe ou ouviu em conversas? O que sabe você de Portugal? Quantas vezes cá veio, por onde andou, que autores nossos leu? Olhe, eu fui 57 vezes ao Brasil e nunca me canso de voltar; do interior do Amazonas até lá abaixo, andei por lugares onde poucos brasileiros estiveram, como Palmas, no Tocantins, ou a ilha de Alcântara, no Maranhão, e em todo o lado fiquei fascinado por escutar os “tratos de polé” que os brasileiros tinham dado a esta nossa língua comum; pertenço a uma geração de ‘leitor médio’ que leu o Eça ao mesmo tempo que o Jorge Amado e o Erico Veríssimo e leu o Pessoa ao mesmo tempo que o Manuel Bandeira, o João Cabral de Melo Neto e o Drummond de Andrade; e que embora só mais tarde tenha chegado à Clarice Lispector ou ao fenomenal Machado de Assis, também não desistiu de devassar o português sertanejo do Guimarães Rosa; que nunca parou de ler sobre a história do Brasil escrita por brasileiros ou por estrangeiros e que hoje lê romancistas contemporâneos como Bernardo Carvalho, Milton Hatoum, Raduan Nassar, Chico Buarque, Tatiana Levy, Jeferson Tenório ou Ana Maria Gonçalves — gente que descobri nas minhas idas à livraria Travessa, do Rio, e que agora posso descobrir na mesma Travessa, em Lisboa — que, se para aqui veio, não terá sido certamente para se certificar de que era verdade que, como você disse, “o interesse dos portugueses pela literatura brasileira é tanto como injecção na bunda”. E essa teoria de que é porque gostamos muito da música e da televisão (e, já agora também, do cinema) brasileiro, que nos recusamos a ser tentados a gostar da literatura, desculpe lá que lhe diga, mas é de quem tem qualquer coisa de mal resolvido connosco. E eu sei o que é. Infelizmente.

ILUSTRAÇÃO HUGO PINTO

Sr. Sérgio Rodrigues, fique lá com o seu gerúndio, que tanta graça lhe faz, e deixe-nos cá a nós com o Camões, velhinho de 500 anos. É que, não sei se sabe, às vezes é mais velho quem nasce em berço mais novo

O que você, na esteira de alguns brasileiros incultos, não perdoa é que haja autores portugueses editados no Brasil, além do Saramago. É que os portugueses que aí estão ou aí vão já não sejam todos padeiros de bigode; que a requentada história do roubo do ouro de Minas (20% dele, o tal “quinto real”, se tivesse embarcado todo), já não sirva mais de desculpa para os males do Brasil; que a escravatura não possa ser usada como arma de arremesso contra nós pois que a sua vergonha foi partilhada por ambos, portugueses e brasileiros, mas continuou convosco quase 70 anos depois da independência e os seus beneficiários e descendentes ficaram e estejam aí e não cá, tirando os que agora compram aqui casas de luxo na Comporta ou na Quinta do Lago; que sejamos pequenos em população, mas 5% dela já seja brasileira e cada vez haja mais brasileiros a descobrirem um avô português que lhes confira nacionalidade lusitana e passaporte europeu.

De todo o rol de queixinhas e lamúrias de Sérgio Rodrigues outra coisa não era de esperar a não ser que ele concluísse, como concluiu, que tudo é a “expressão de um velho colonialismo mal superado”. Francamente, eu já não tenho pachorra para esta conversa, sobretudo quando ela assenta em falsidades e ignorância. Houve tempos, de facto, em que os portugueses, talvez porque tinham acabado de entrar na Europa e se imaginavam novos-ricos, ensaiaram atitudes de sobranceria em relação aos brasileiros, como sucedeu com os dentistas brasileiros aqui chegados. Tive ocasião de escrever contra isso e felizmente isso passou. Hoje, o tal “português médio” vai ao Brasil sempre que pode e continua apaixonado pelo Brasil, esgota os concertos dos músicos brasileiros que não param de cá vir e por alguma razão, adora o sotaque do português do Brasil e está-se nas tintas como é que os brasileiros tratam a língua de Camões — mas agradecíamos que não nos tirassem todas as consoantes mudas com as quais aprendemos a escrever porque os brasileiros não gostam, deixando-os manter a vocês aquelas de que gostam. E só não lêem mais autores brasileiros porque também não lêem mais portugueses nem nenhuns outros.

Portanto, sr. Sérgio Rodrigues, fique lá com o seu gerúndio, que tanta graça lhe faz, e deixe-nos cá a nós com o Camões, velhinho de 500 anos. É que, não sei se sabe, às vezes é mais velho quem nasce em berço mais novo.

Miguel Sousa Tavares escreve de acordo com a antiga ortografia

ALTOS

Maria Luís Albuquerque
Ex-ministra das Finanças

É o regresso de Maria Luís Albuquerque a um palco político, depois de ter sido secretária de Estado e ministra das Finanças de Passos Coelho nos anos da intervenção da *troika* em Portugal. A escolha do Governo para comissária europeia depende ainda da confirmação de Bruxelas e a atribuição do cargo do equilíbrio de forças que Ursula von der Leyen conseguir promover.

Marcelo Rebelo de Sousa
Presidente da República

Nada como combater uma narrativa com factos concretos. Foi o que o PR fez ao recorrer a dados reais para responder ao líder do Chega, que continua a fazer do tema da imigração uma bandeira. Ventura vai avançar com uma proposta de referendo sobre a possibilidade de impor limites à entrada de estrangeiros em Portugal, Marcelo responde com um retrato atualizado sobre a comunidade imigrante.

Messias Batista
Canoísta

Sagrou-se campeão do mundo no Mundial de canoagem no Uzbequistão, em distâncias não olímpicas. Conquistou duas medalhas de ouro em 24h em K1 200 metros e K2 500 metros mistos. Em destaque na competição estiveram também os medalhados Fernando Pimenta, Teresa Portela e Francisca Laia. A equipa portuguesa somou 6 medalhas.

Rúben Amorim
Treinador do Sporting

Acaba de ser distinguido como o melhor treinador da época passada da Liga Portuguesa de Futebol. Rúben Amorim foi o mais votado pelos treinadores e capitães dos 18 clubes da primeira Liga e tornou-se o treinador mais jovem a ganhar o troféu pela segunda vez.

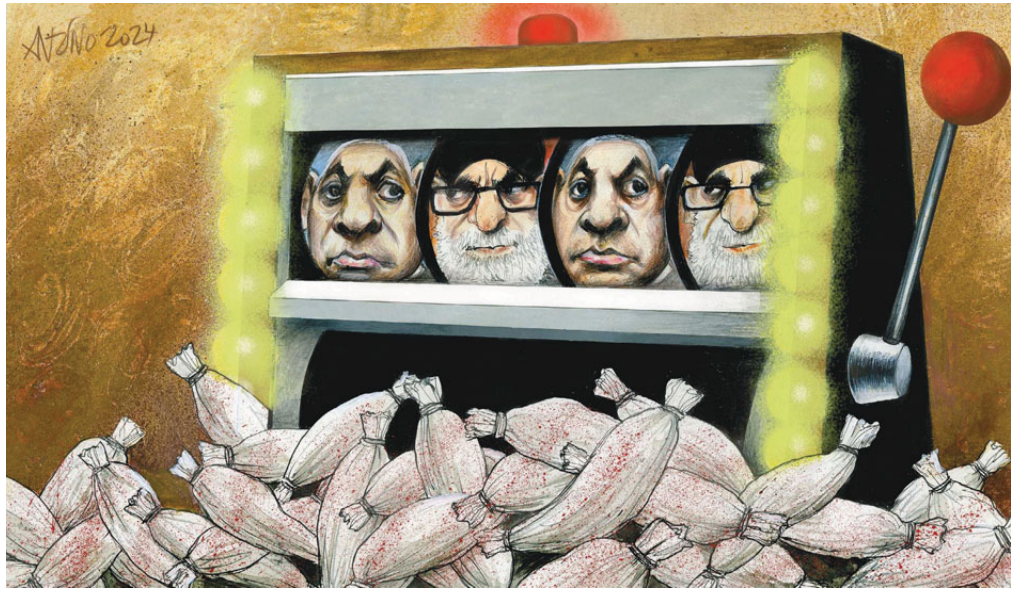
E BAIXOS

Carlos Martins
Presidente do Conselho de Administração do Hospital de Santa Maria

O hospital prepara-se para processar os utentes que critiquem publicamente os profissionais ou a instituição. Em causa, publicações feitas nas redes sociais. A decisão resulta de um despacho e serve para fazer frente a mensagens consideradas "atentatórias da honra". Com a falta de respostas perante a crise instalada no sector, questionam-se as prioridades dos gestores do hospital.

PAULA SANTOS
paulasantos@expresso.impresa.pt

EM DESTAQUE

O Cartoon de António À espera do *jackpot*

Presidenciais EUA Esquerda vê 'mal menor' em Kamala, CDS e IL em silêncio

À esquerda, PS é o único partido que defende abertamente Harris. PSD e CDS não tomam posição. Chega ao lado de Trump

Kamala ou Trump? Quando a corrida eleitoral já segue a toda a brida do outro lado do Atlântico, a pergunta a que os norte-americanos vão responder a 5 de novembro chegou com estrondo à política nacional.

Depois da polémica levantada pela hesitação do seu secretário-geral ao Expresso — "teria muita dificuldade em escolher", disse Hugo Soares —, o partido recusou tomar posição, escudando-se no papel de partido de Governo, obrigado a manter neutralidade face a atos eleitorais externos. Paulo Rangel, ministro dos Negócios Estrangeiros, esteve na passada terça-feira na Universidade de Verão do PSD e até foi questionado sobre as eleições por um dos alunos (não sobre qual dos candidatos preferia). Rangel, que até estava no último dia como primeiro-ministro em funções, antes do regresso de férias de Luís Montenegro, deu uma resposta geral, sem se centrar nem nos candidatos nem nas implicações que a vitória de um ou de outro terão para o contexto internacional.

Chega escolhe Trump

Mesmo com a hesitação a ser apontada como um "erro enorme" por Marques Mendes, à direita a opção foi pelo silêncio. O CDS "não tem nada, neste momento, a dizer" e a IL não respondeu às perguntas do Expresso até ao fecho desta edição. Sozinho fica o Chega, o único partido a preferir Trump. "Eu votaria Donald Trump, mas nenhum dos candidatos penso que seja o melhor que a América podia ter", afirmou André Ventura numa conferência de imprensa na passada quarta-feira. "Não pela pessoa, mas porque tudo o que Kamala Harris representa é tudo aquilo que nós não defendemos para o mundo."

À esquerda, há um aparente consenso em torno de Kamala. Mas se há quem veja a candidata democrata como o mal menor, os socialistas não têm dúvidas. "Kamala Harris obviamente", disse Pedro Nuno Santos na Feira Agrival, em Penafiel, na terça-feira. "Enquanto cidadão português e europeu, sinto-me muito mais seguro tendo nos EUA uma presidente que respeita o Estado de direito e que em matéria de política externa quer envolver e respeitar os países aliados dos EUA." E o partido esteve até representado (pelo deputado e líder da Juventude Socialista, Miguel Costa Matos, e pelo eurodeputado Bruno Gonçalves) na Convenção Nacional do Partido Democrata.

> **CDS diz não ter "nada a dizer" sobre as eleições nos EUA. Liberais não responderam. BE destaca a "distância" face a alguns valores de Kamala, mas entregar-lhe-ia um voto útil**

Já o BE e o Livre optam por uma posição de *anyone but Trump*. "Entre Donald Trump e Kamala Harris, não há a mínima dúvida de que é preciso derrotar Trump", afirmou ao Expresso Rui Tavares. Mesmo "não estando tão comprometida" com um "programa progressista", é uma "candidata que está comprometida com valores da democracia, Estado de direito e direitos fundamentais". Também os bloquistas vincam que a candidata democrata está "muito distante" das posições do partido — nomeadamente em política internacional —, mas continua a ser a melhor opção para a Europa e o resto do mundo. "Trump é uma figura autoritária, quer destruir conquistas democráticas em todo o mundo, é aliado dos piores ditadores, é negacionista das alterações climáticas, é abertamente misógino. Reúne todas as razões para que qualquer democrata deseje a sua derrota eleitoral", atirou Fabian Figueiredo, líder parlamentar do BE, numa crítica à posição do dirigente do PSD.

BE e PCP trocam argumentos

Também "para o PAN, mais do que questões ideológicas, está em causa a manutenção dos valores democráticos, dos direitos humanos, da paz e da justiça social e ambiental". Por isso, a vitória de Harris "é fundamental". Em resposta por escrito, o partido destaca ainda o "momento histórico para a igualdade, em que, pela primeira vez, um país como os EUA pode eleger uma mulher negra como presidente".

Mais uma vez, o PCP acabou isolado com uma posição em contraciclo com a restante esquerda. "Nem um nem outro", respondeu Paulo Raimundo quando questionado sobre se preferia ver Trump ou Kamala como presidente dos EUA, na passada terça-feira. "Precisava de um candidato que defendesse os problemas da injustiça e da pobreza e que fosse um promotor da paz. A estas questões nem um nem o outro dão resposta", acrescentou. Contudo, o líder comunista garantiu que não votaria em branco. "Há mais candidatos. Não os conhecemos, mas um dia vamos falar neles."

Ainda antes de o secretário-geral do PCP se pronunciar, Miguel Tiago, ex-deputado do partido, já tinha utilizado a rede social X para atacar o BE pela preferência por Kamala. O comunista defendeu que os portugueses "não terão de escolher" entre os candidatos e considerou "contraproducente" que os partidos portugueses se "atravessassem por um candidato norte-americano".

CLÁUDIA MONARCA ALMEIDA, JOÃO DIOGO CORREIA e MARGARIDA COUTINHO
calmeida@expresso.impresa.pt

FRASES

"Sinto-me muito mais seguro tendo nos EUA uma presidente que respeita o Estado de direito"
Pedro Nuno Santos
Secretário-geral do PS

"Eu votaria Donald Trump, não pela pessoa, mas porque Kamala Harris representa tudo aquilo que nós não defendemos para o mundo"
André Ventura
Presidente do Chega

"Trump reúne todas as razões para que qualquer democrata deseje a sua derrota eleitoral"
Fabian Figueiredo
Líder parlamentar do BE

"Não há a mínima dúvida de que é preciso derrotar Trump"
Rui Tavares
Porta-voz do Livre

"Nem um, nem outro. Precisava de um candidato que fosse um promotor da paz"
Paulo Raimundo
Secretário-geral do PCP

Aviação TAP lucra €72 milhões no 2º trimestre

Presidente da TAP quer tornar a empresa uma "companhia rentável" e uma das mais atrativas do sector

A TAP SA obteve no segundo trimestre deste ano um lucro de €72,2 milhões, que ficou 10,1% abaixo do registado no mesmo período do ano passado mas foi suficiente para deixar os resultados do conjunto do primeiro semestre ligeiramente positivos. Depois de um primeiro trimestre com prejuízo e do ganho no segundo trimestre, o resultado líquido da companhia aérea no primeiro semestre cifrou-se em €0,4 milhões. Na primeira metade de 2023, a TAP tinha tido um lucro de €22,9 milhões.

As receitas do segundo trimestre subiram 3,4%, para €1107 milhões, elevando a faturação do primeiro semestre para €1969 milhões, mais 3,3% em termos homólogos. O EBITDA (resultado antes de juros, impostos, depreciações e amortizações) no conjunto do primeiro semestre recuou 0,2%, para €344,5 milhões.

De janeiro a junho, a TAP transportou 7,7 milhões de passageiros (mais 1,6%), atingindo 97% dos valores alcançados em 2019, o último ano antes da pandemia.

No comunicado de resultados, a empresa sublinha que os €0,4 milhões ganhos no semestre ficam €112,4 milhões acima do resultado líquido que a empresa tinha tido em 2019, antes da pandemia de covid-19.

"Continuámos, no segundo trimestre de 2024, o caminho necessário de transformação estrutural da TAP. O investimento nas nossas pessoas e nas operações continua a confirmar a aposta e a mostrar resultados: redução significativa de irregularidades, contínuo aumento da pontualidade e regularidade e aumento do NPS (Índice de Satisfação do Cliente), com consequente crescimento das receitas", comentou, no mesmo comunicado, o presidente executivo da TAP, Luís Rodrigues.

"O forte desempenho no segundo trimestre permite um resultado líquido positivo no semestre, que apesar de reduzido é atingido pela segunda vez consecutiva, mas agora sem cortes salariais", realça ainda o gestor, reiterando o objetivo de tornar a TAP "uma companhia sustentadamente rentável e uma das companhias mais atrativas da indústria".

Quanto ao segundo semestre, a TAP diz que as reservas estão em linha com as de 2023, estando prevista a abertura de duas novas rotas para o Brasil (Florianópolis e Manaus), bem como o recebimento na frota da TAP de três novos aviões A320 Neo.

MIGUEL PRADO
mprado@expresso.impresa.pt

Durão Barroso é um dos convidados para as cerimónias que por estes dias animam Díli FOTO PAULO NOVAIS/EPA

25 anos do referendo Durão Barroso acredita que Timor mostra como o direito internacional ainda é uma bússola para um mundo em convulsão

Timor "é uma história que nos deve inspirar"

EUNICE LOURENÇO

À chegada a Díli para as celebrações dos 25 anos do referendo à autodeterminação de Timor-Leste, António Guterres — que como primeiro-ministro conseguiu a intervenção da ONU aprovada por unanimidade no Conselho de Segurança — mostrou todo o seu pessimismo no mundo atual. "A experiência de Timor-Leste foi possível num mundo em que as divisões geopolíticas não eram como são hoje. Estamos infelizmente num mundo em que há uma impunidade quase total. Ninguém tem respeito por ninguém, nem por nada. Ninguém tem respeito pela Carta das Nações Unidas, nem pelo direito internacional. Nem pelas potências porque as potências se neutralizam umas às outras", disse o atual secretário-geral das Nações Unidas, um dos muitos convidados para os festejos que, por estes dias, assinalam a consulta que permitiu o nascimento do primeiro país do século XXI.

Onde Guterres só parece ver sombras, outro ex-primeiro-ministro português, Durão Barroso, vê uma luz. "Quando vemos hoje como está o mundo em que ninguém acredita no direito internacional, Timor-Leste mostra como o direito internacional ainda vale alguma coisa", diz ao Expresso, a partir de Díli, onde também participa nas celebrações que por estes dias juntam protagonistas do processo de libertação da antiga colónia, entre os quais também está a então embaixadora Ana Gomes. Timor é, para Durão, "uma história feliz que nos dá inspiração".

Envolvido na questão timorense desde que, como secretário de Estado, nos anos 80 do século passado, o então primeiro-ministro Cavaco Silva lhe pediu que pegasse nesse dossiê, Durão Barroso reconhece que "a questão de Timor-Leste esteve muito tempo esquecida e esteve quase classificada nos 'problemas sem solução'" — dada a ocupação indonésia e com a "bênção" dos Estados Unidos da América. "A chamada *realpolitik* dizia é melhor não mexer", mas "Portugal nunca aceitou que Timor saísse da categoria de países não autónomos" e a pertença de Portugal à União Europeia ajudou a dar dimensão às pretensões timorenses. Ainda que isso tivesse incomodado vários parceiros.

"Na União Europeia começámos a pôr a questão de Timor-Leste com grande evidência, o que irritava muito os nossos parceiros", recorda Durão, acrescentando que só a Irlanda apoiava Portugal. "Outros países eram mesmo muito duros." Ninguém queria incomodar um gigante como a Indonésia, nomeadamente nas cimeiras com a ASEAN (Associação das Nações do Sudeste Asiático). Mas, continua o antigo primeiro-ministro, "fomos colocando sempre a questão nas cimeiras ou pelo menos nas conferências de imprensa". O que levou Ali Alatas, o então todo-poderoso ministro dos Negócios Estrangeiros da Indonésia, a reconhecer que a ocupação de Timor era "uma pedra no sapato".

"Se não fosse termos podido usar a influência da União Europeia na questão, a Indonésia podia ter continua a ter a 'pedra no sapato'", diz hoje Durão, que se orgulha de ter iniciado as rondas formais de negociações entre ministros dos Negócios Estrangeiros de Portugal e da Indonésia, sob a égide das Nações Unidas. Teve "três rondas de negociações muito difíceis" com Alatas, mas seria o seu sucessor, o socialista Jaime Gama, a conseguir e a assinar o acordo que permitiu o referendo de 30 de agosto de 1999.

A consulta decorreu de forma pacífica, com longas filas de timorenses a esperarem hora pela sua vez de votar. Mas, dias depois, quando foi divulgado o resultado (78% escolheram a autodeterminação) a violência irrompeu em Díli, levando à saída de delegações internacionais e da missão das Nações Unidas (UNAMET) formada para a organização do referendo e que era uma força desarmada. A situação levou a uma mobilização total dos políticos e diplomatas portugueses, a começar pelo Presidente Jorge Sampaio, e dos timorenses no exterior para conseguir garantir uma força de paz, que acabou por ser criada por uma resolução das Nações Unidas e foi liderada pela Austrália (Interfet). Seguiu-se ainda outra missão — a administração transitória das Nações Unida em Timor-Leste (Untaet) — que garantiu a transição para a independência, concretizada em maio de 2002.

A independência de Timor "mostra que os cínicos não têm sempre razão", diz Durão, que em 2002 participou na cerimónia já como primeiro-ministro. Voltou a Díli também como presidente da Comissão Europeia. E agora diz ter encontrado uma grande diferença: "Nota-se atividade económica e investimento." Timor é hoje "um país livre, democrático e perfeitamente viável. Assim tenha governação capaz e estabilidade", acredita Barroso, lembrando, contudo, que é "um país que tem alguns recursos, mas vai demorar algum tempo a poder usá-los", pelo que continua a "merecer uma atenção especial" e a precisar de ajuda sobretudo na educação e formação técnica dos timorenses.

elourenco@expresso.impresa.pt

A INDEPENDÊNCIA DE TIMOR "MOSTRA QUE OS CÍNICOS NÃO TÊM SEMPRE RAZÃO", DIZ DURÃO BARROSO

NO FIM ERA O VERBO

PRÉMIO TRABALHO DE CASA
"É fundamental, ao falar-se de imigração [...], saber do que estamos a falar. Ter estes números [sobre a imigração] presentes é ter presente a diferença entre a realidade e narrativas sobre ela"
Marcelo Rebelo de Sousa
Presidente da República, depois de o Chega anunciar uma proposta de referendo sobre imigração

PRÉMIO IRRITAÇÕES
"Sendo uma entidade chamada a tomar a decisão final, sem ter recebido ainda a proposta de referendo submetida à AR, deveria [o PR] ter um maior dever de reserva e de cautela"
André Ventura
Presidente do Chega

PRÉMIO ACREDITAR
"Com negociações ou sem negociações, acho que o PS vai viabilizar o OE com a sua abstenção. Se o fizer, ganhará credibilidade"
Luís Marques Mendes
Ex-presidente do PSD e comentador da SIC

PRÉMIO PASSA A OUTRO
"A direita é maioritária em Portugal, por isso a responsabilidade maior no que diz respeito ao Orçamento é da direita"
Pedro Nuno Santos
Secretário-geral do PS

PRÉMIO PRÓS...
"É uma personalidade de reconhecido mérito académico, profissional, político e cívico"
Luís Montenegro
Primeiro-ministro, sobre a indicação de Maria Luís Albuquerque para comissária europeia

PRÉMIO... E CONTRA
"Tem um legado no que diz respeito à gestão de uma política de austeridade para lá daquilo que a UE defendia"
Pedro Delgado Alves
Vice-presidente da bancada parlamentar do PS

PRÉMIO DO MAL O MENOS
"Foi um incêndio com uma intensidade brutal. Não tivemos uma casa ardida, não tivemos felizmente ninguém ferido ou morto [...], os resultados foram ótimos"
Ireneu Barreto
Representante da República para a Madeira

PRÉMIO PARA QUE CONSTE
"Não será para breve"
Cristiano Ronaldo
Jogador de futebol sobre o fim da carreira

PAULA SANTOS
paulasantos@expresso.impresa.pt

Comissários Von der Leyen ainda tenta paridade. Se falhar, fica dependente das avaliações dos eurodeputados

Luta por posto de peso na Comissão

SUSANA FREXES
Correspondente em Bruxelas

Ursula von der Leyen prepara-se para receber Maria Luís Albuquerque. O encontro, em pessoa, deverá acontecer até domingo, e têm agora de acertar agendas. Von der Leyen vai para Praga de sexta-feira a sábado e a futura comissária portuguesa será a convidada de sábado à noite na Universidade de Verão do PSD, em Castelo de Vide.

A presidente reeleita da Comissão Europeia tem estado a reunir-se com os candidatos a comissários e planeia encontrar-se com os nomes conhecidos esta semana durante os próximos dias, incluindo a espanhola Teresa Ribera, o dinamarquês Dan Jorgensen e a portuguesa escolhida por Luís Montenegro. As entrevistas vão ajudá-la a desenhar a arquitetura do executivo comunitário para os próximos cinco anos.

Ao que o Expresso apurou, a alemã tem rejeitado comprometer-se com a atribuição de pastas nas conversas com os vários primeiros-ministros. Muitos não escondem o que querem e a preferência — sem surpresas — é pelas pastas económicas. Von der Leyen deverá acabar com os cargos de vice-presidentes executivos — uma espécie de supercomissários —, mas as vice-presidências deverão manter-se.

Só em meados de setembro é que será conhecida a estrutura final do colégio de comissários, que será necessariamente diferente da atual, desde logo porque há a promessa de criar pastas com novas competências, como "defesa", "habitação", "Mediterrâneo" e uma de pescas e oceanos, mais virada para a economia do mar.

Maria Luís Albuquerque surge na equação a disputar as apetecíveis pastas económicas. Mas a luta antevê-se intensa, porque há vários candidatos com perfil económico, incluindo os ministros das Finanças da Irlanda e da Áustria. O letão Valdis Dombrovskis, que tem tido sempre pastas económicas, e o francês Thierry Breton, que têm em mãos o Mercado Interno, são fortes concorrentes a continuar com áreas de maior relevo, embora a tradição seja os comissários que transitam de um mandato para o outro mudarem e reajustarem o portefólio.

A escolhida de Montenegro está na corrida pelos Assuntos Económicos — beneficiando de já ter sido ministra das Finanças e conhecer a dinâmica do Eurogrupo e do Ecofin — reunião de ministros das Finanças —, em que participa também o comissário com essa pasta. Outras poderiam ser a da Concorrência, do Mercado Interno, do Comércio, da Energia ou dos Serviços Financeiros, ainda que nesta última os eurodeputados possam questionar eventuais incompatibilidades com a passagem de Maria Luís pelo sector privado.

Escolhida e anunciada, é preciso pôr agora água na fervura quanto à pasta que estará destinada a Portugal. Paulo Cunha, o chefe da delegação portuguesa do PPE, diz ao Expresso que não só é contra a "estigmatização das pastas" como a experiência executiva de Maria Luís Albuquerque em Portugal não a deixa "pré-destinada a uma pasta da economia ou finanças". "Não quer dizer que não venha a acontecer", afirma, mas os anos como ministra, entre 2013 e 2015, "foram de grande intensidade na relação com as instituições europeias" e obrigaram-na a "gerir recursos escassos" e encontrar "critério" na relação entre os vários dossiês. Além disso, como é lembrado em Bruxelas, o cargo de comissário é político, e não técnico, para o que o comissário tem apoio de muita gente e de alta especialização.

Nada está fechado e até lhe podem calhar outras atribuições, mas poderá beneficiar do facto de ser mulher e de Montenegro ser um dos poucos que não lhe dinamitou o objetivo da paridade. O importante, alerta fonte europeia, é não ficar com uma pasta "vazia" com nome pomposo, mas sem uma direção-geral ou um orçamento associados.

A presidente da Comissão Europeia ainda tenta puxar pela paridade

MARIA LUÍS DISPUTA AS APETECÍVEIS PASTAS ECONÓMICAS. MAS A LUTA ANTEVÊ-SE INTENSA

EXPRESSO.PT Maria Luís Albuquerque, de rosto da austeridade à Comissão Europeia — leia o perfil da comissária indicada por Montenegro

Maria Luís Albuquerque
A preferida de Montenegro

Antiga ministra é próxima do líder do PSD desde o passismo. E esteve em vários momentos da liderança

O nome foi anunciado esta semana, mas não é de agora a aproximação de Maria Luís Albuquerque à atual liderança do PSD. A antiga ministra das Finanças é uma das preferidas de Luís Montenegro dos tempos em que era líder parlamentar e esteve sempre na cabeça do primeiro-ministro para cargos que entretanto surgissem. Não para um regresso às Finanças, pasta destinada a Joaquim Miranda Sarmento, também não, embora possível, para a governação do Banco de Portugal pós-Mário Centeno, mas, enfim, para comissária europeia.

A escolha foi preparada "com discrição e recato desde antes das eleições europeias", confessou o primeiro-ministro, e trabalhada nos vários momentos a sós de Montenegro com a presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen.

Foi assim no fim da campanha eleitoral para as europeias, no Porto, em que os dois estiveram reunidos durante mais de meia hora no Palácio da Bolsa. Voltaram a falar pessoalmente e a sós em Bruxelas, escassas horas depois de Montenegro ter sido indigitado primeiro-ministro pelo Presidente da República (já passava da meia-noite, o primeiro-ministro voava às 6h). Um mês depois estavam outra vez, e junto com atuais e antigos eurodeputados do Partido Popular Europeu (PPE), reunidos num encontro em Cascais, com o nome da comissária portuguesa inevitavelmente na agenda.

Críticas da esquerda, PR "seco"

A nível interno, o partido começou imediatamente os esforços para limar a imagem da antiga ministra, criticada à esquerda pela governação durante os anos da *troika*. E nem sequer elogiada pelo Presidente da República, que se limitou a fazer uma nota em que anunciava já a ter felicitado.

"A partir do momento em que é apresentada [Maria Luís Albuquerque], é a candidata de Portugal", disse Marcelo Rebelo de Sousa aos jornalistas no dia do anúncio, fazendo também questão de vincar que tinha sido "informado, não consultado", naquela mesma manhã, pouco antes de o primeiro-ministro anunciar ao país. O mesmo — informar do nome pouco antes de o anunciar — fez Montenegro ao líder do PS, o que até levou a eurodeputada Marta Temido a dizer que "a democracia está em risco quando informações importantes são dadas minutos antes dos acontecimentos".

No dia do anúncio, a ministra Margarida Balseiro Lopes foi à Universidade de Verão do PSD fazer a defesa de uma "mulher extraordinária, que teve a difícil tarefa de nos livrar da *troika*". Paulo Cunha usa outra formulação para dizer o mesmo. "Ela deve ser rotulada como a pessoa que conseguiu, ou muito contribuiu, para uma saída limpa."

Não é fácil esse caminho, mas o reaparecimento de Albuquerque no partido vem sendo notado há meses, desde os pequenos eventos ou pormenores, como a apresentação de um livro do vice-presidente do PSD, Paulo Rangel, onde estiveram vários ex-governantes do passismo, aos maiores palcos, como o Congresso do partido, onde Maria Luís não interveio mas esteve nas primeiras filas.

Também quando foi para pedir aconselhamento técnico ou político Montenegro recorreu a Albuquerque. Em dezembro, em plena crise política, o então líder da oposição recusava responder sobre a decisão que tomaria para o novo aeroporto e, depois de fechada a avaliação da Comissão Técnica Independente, criou um grupo de trabalho para lhe "dar apoio" sobre esse e outros dossiês das Infraestruturas, como o TGV ou a privatização da TAP. Manuel Castro Almeida e Maria Luís Albuquerque eram os dois ex-governantes do período da *troika* que estavam nesse grupo — um voltou ao Governo em março, a outra ficou agora com um cargo de topo.

Segundo um membro da direção do partido, esses movimentos de aproximação a antigos dirigentes serviam para apoio técnico, mas também para provar o apoio interno num PSD que tinha estado dividido nos últimos anos e para trabalhar a narrativa política em algumas das pastas mais sensíveis da governação.

Voltou a acontecer em janeiro, aí já em pleno clima pré-eleitoral, quando Montenegro e Miranda Sarmento chamaram economistas para uma reunião de aconselhamento e de apresentação das ideias para a área económica, com as descidas do IRS Jovem e do IRC à cabeça, duas propostas que agora fazem PSD e PS chocarem na discussão pré-orçamental. Maria Luís Albuquerque lá estava, outra vez na primeira fila dos conselheiros de Montenegro.

João Diogo Correia
jdcorreia@expresso.impresa.pt

da equipa. Tem estado a falar com vários primeiros-ministros para que reconsiderem os nomes já propostos. É o caso de Malta e da Eslovénia. Vai, aliás, estar na segunda-feira com o primeiro-ministro esloveno em Bled. Robert Golob indicou o ex-presidente do Tribunal de Contas esloveno, Tomaz Vesel, sem dar nenhuma alternativa feminina. Também o primeiro-ministro maltês, Robert Abela, enviou o seu conselheiro para os assuntos europeus, sem possibilidade de escolha.

Até agora, nenhum líder fez o que a alemã pediu: enviar um nome masculino e outro feminino. Mas o principal problema é a maioria ter ignorado o objetivo da presidente de ter uma equipa paritária. Uma derrota política que ela tenta ainda contornar nos bastidores, sem entrar em confronto direto. Se não conseguir, resta-lhe empurrar o problema para o Parlamento Europeu e esperar que os eurodeputados eliminem nomes durante as audições e o escrutínio de cada um dos comissários.

O Parlamento Europeu aguarda para marcar as datas das audições, mas a expectativa é que comecem no final de setembro e continuem em outubro. Em teoria, os deputados não podem vetar nomes individualmente, mas, como a Comissão é aprovada em bloco — o que deverá acontecer em novembro —, podem fazer cair candidatos, com a ameaça de chumbar toda a Comissão. O escrutínio inclui ainda uma avaliação da idoneidade e das incompatibilidades dos aspirantes a comissários.

Com **J.D.C.**
politica@expresso.impresa.pt

Montenegro foi dos poucos que não dinamitou o objetivo da paridade de Von der Leyen FOTO NICK GAMMON/AFP VIA GETTY IMAGES

Os 24 comissários já apresentados: só sete são mulheres

Bélgica, Bulgária e Itália ainda não entregaram os nomes a Ursula von der Leyen

ALEMANHA
Ursula von der Leyen
Presidente da Comissão Europeia

ÁUSTRIA
Magnus Brunner
Ministro das Finanças

CROÁCIA
Dubravka Suica
Comissária para a Demografia e Democracia

CHIPRE
Costas Kadis
Ex-reitor da Faculdade de Medicina na Universidade Frederick, ex-ministro de várias pastas: Saúde, Educação, Ambiente e Agricultura

CHÉQUIA
Josef Síkela
Ministro da Indústria e do Comércio

DINAMARCA
Dan Jørgensen
Ministro para o Desenvolvimento, Cooperação e Alterações Climáticas

ESLOVÁQUIA
Maros Sefecovic
Vice-presidente da Comissão Europeia com o pelouro das Relações Interinstitucionais

ESLOVÉNIA
Tomaz Vesel
Advogado

ESPANHA
Teresa Ribera
Vice-primeira-ministra e ministra para a Transição Ecológica

ESTÓNIA
Kaja Kallas
Foi primeira-ministra até julho, quando foi escolhida como alta-representante para a Política Externa

FINLÂNDIA
Henna Virkkunen
Eurodeputada

FRANÇA
Thierry Breton
Comissário europeu para o Mercado Interno e Serviços

GRÉCIA
Apostolos Tzitzikostas
Governador da região Macedónia

HUNGRIA
Olivér Várhelyi
Comissário europeu para o Alargamento

IRLANDA
Michael McGrath
Ministro das Finanças

LETÓNIA
Valdiz Dombrovskis
Vice-presidente da Comissão, com o pelouro do Comércio Externo

LITUÂNIA
Andrius Kubilius
Eurodeputado

LUXEMBURGO
Christophe Hansen
Eurodeputado

MALTA
Glenn Micallef
Conselho do primeiro-ministro para os Assuntos Europeus

PAÍSES BAIXOS
Wopke Hoekstra
Comissário europeu para a Ação Climática

POLÓNIA
Piotr Serafin
Embaixador da Polónia junto da UE

PORTUGAL
Maria Luís Albuquerque
Membro do Conselho de Supervisão da Morgan Stanley, ex-ministra de Estado e das Finanças

ROMÉNIA
Victor Negrescu
Vice-presidente do Parlamento Europeu

SUÉCIA
Jessika Roswall
Ministra dos Assuntos Europeus

RENTRÉE

Socialistas regressam à agenda fraturante

Alexandra Leitão quer o alargamento do prazo da IVG e regulamentação dos direitos dos médicos à objeção de consciência

O anteprojeto de lei está pronto e agora a sua apresentação no Parlamento só depende da concordância do líder nacional do partido. A JS, atualmente representada no Parlamento pelo líder da organização, Miguel Costa Matos, quer que o prazo da interrupção voluntária de gravidez (IVG) seja alargado das 10 para as 14 semanas. A expectativa é que a chefe da bancada dê hoje um sinal positivo nesse sentido, ao discursar em Tomar na "Academia Socialista".

Alexandra Leitão deverá defender que o prazo da IVG pode ser alargado das atuais dez semanas para as 12 ou 14 semanas (quando o motivo é exclusivamente a vontade da mulher, porque com outros motivos, por exemplo malformação congénita do nascituro, pode ir até às 24 semanas).

Se vencer, a JS terá em Sofia Pereira a primeira líder vinda do interior (nasceu em Lamego e lidera a distrital de Viseu)

Ao mesmo tempo, a líder parlamentar dos socialistas insistirá na urgência da regulamentação da objeção de consciência dos médicos. Neste aspeto, de resto, limitar-se-á a dar sequência ao que já estava prometido pelo partido no programa eleitoral que foi levado a votos nas últimas eleições legislativas: "Remover os obstáculos à implementação da lei da Interrupção Voluntária da Gravidez através, nomeadamente, da regulamentação clara do direito à objeção de consciência dos profissionais de saúde." Dado que essa regulamentação nunca foi feita, há regiões inteiras onde é impossível fazer uma IVG num hospital público, por falta de médicos disponíveis. O caso mais notório é o dos Açores, onde só há pouco tempo o procedimento se tornou possível (no Hospital de Ponta Delgada).

A prioridade do PS neste regresso à agenda fraturante coincidirá com igual prioridade na Juventude Socialista (coube à organização, com Sérgio Sousa Pinto à frente, liderar dentro dos socialistas a batalha pela descriminalização da IVG, a partir de meados dos anos 90 do século passado).

Sucessão na JS

Esta sexta-feira, aliás, será dado início ao processo de sucessão do deputado Miguel Costa Matos na liderança da organização de juventude do PS. A candidata da continuidade será Sofia Pereira, que integra a equipa dirigida nacionalmente por Costa Matos e lidera a estrutura distrital da organização em Viseu.

Sofia, de 25 anos, natural de Lamego e licenciada (em Coimbra) em Comércio e Relações Económicas Internacionais, frequentando atualmente um mestrado em Marketing e Negócios Internacionais, anunciará hoje nas suas redes sociais que é candidata à liderança da JS.

A sua candidatura, segundo a informação antecipada ao Expresso, será "assumidamente progressista, ecologista e feminista", focando-se "principalmente, na emancipação material dos jovens portugueses — habitação e salários — e na necessidade de justiça social e igualdade e na descarbonização e conservação da natureza". Segundo, algumas das suas propostas ecologistas foram acolhidas no último programa eleitoral do PS.

Há uma semana, num artigo de opinião publicado no Expresso, intitulado "IVG sem barreiras nem paternalismos legislativos", Sofia Pereira considerou que "está em ascensão nos recantos obscuros dos algoritmos *online*, nos confins da direita política ou no regresso do conservadorismo perverso, um combate contra o corpo feminino".

Assim, e sendo certo que os "direitos conquistados" das mulheres são "muitos", é no entanto necessário "ampliá-los, reforçá-los e adaptá-los às necessidades reais". "Falo, claro, dos direitos reprodutivos e de saúde sexual, nomeadamente da interrupção voluntária da gravidez e da urgência de estender o prazo legal da IVG até às 14 semanas. O prazo atual de 10 semanas é francamente curto, penalizador da mulher, não está ancorado na ciência e é reflexo da moralização constante sobre o tema", escreveu a dirigente da JS.

"Descobrir uma gravidez nem sempre é imediato. Entre ciclos menstruais irregulares e falta de sintomas iniciais claros, muitas mulheres só se apercebem da sua gravidez perto do limite atual de 10 semanas", prosseguiu, lançando números para a discussão: "Em 2022, 20% das mulheres que procuraram realizar uma IVG não conseguiram a primeira consulta prévia dentro do prazo legal de cinco dias e, em casos mais graves, cerca de 5% das consultas registaram tempos de espera que duplicaram ou triplicaram o prazo legalmente previsto."

Assim, concluiu, "estender o prazo da IVG para 14 semanas não é um capricho", é antes "garantir que todas as mulheres em Portugal tenham a possibilidade real e segura de exercerem o seu direito de escolha, ultrapassando as barreiras e limitações, em tempo útil". "A liberdade de escolher não pode esperar, mesmo que alguns à direita — o parceiro de governação minoritário, por exemplo — fantasiem com retrocessos." J.P.H.

Pedro Nuno Santos com a líder parlamentar, Alexandra Leitão FOTO MANUEL DE ALMEIDA/LUSA

Montenegro e Pedro Nuno conversam por escrito

Secretário-geral do PS **escreveu ao primeiro-ministro sobre OE 2025** e já recebeu resposta. De que não gostou

JOÃO PEDRO HENRIQUES

Pedro Nuno Santos vai dizer este domingo, no discurso com que encerrará a Academia Socialista em Tomar, que não estão reunidas condições para o partido iniciar com o Governo uma negociação séria da proposta orçamental para o próximo ano (OE 2025).

A história que leva agora o secretário-geral a chegar a esta declaração iniciou-se em 29 de julho e inclui missivas de conteúdo não divulgado que trocou com o primeiro-ministro.

Nesse dia, Pedro Nuno Santos fez chegar a Luís Montenegro uma carta pedindo-lhe informação orçamental sobre as contas públicas do próximo ano. Para o secretário-geral do PS, o mais importante era saber o que o Governo tem previsto como saldo orçamental — ou seja, a folga que poderia ser usada pelos socialistas para apresentarem as suas próprias propostas. Arvorado por António Costa como partido das "contas certas", os socialistas definiram condição essencial do próximo exercício orçamental que este se mantenha equilibrado entre despesas e receitas. E só aceitariam apresentar as suas propostas se estas não contribuíssem, por exemplo, para derrapagens no défice.

Entretanto, segundo o Expresso soube, Montenegro respondeu, também por escrito — e também com conteúdo não divulgado — ao secretário-geral do PS. Na visão da direção socialista, a resposta não foi satisfatória. Segundo garantem ao Expresso, os documentos enviados por Montenegro para a sede nacional do PS, incluem apenas despesa: despesa com medidas que o Governo quer fazer em medidas novas a colocar no OE 2025; despesa com os custos previstos no próximo ano do que já foi aprovado este ano; e as chamadas despesas *carry over* — ou seja, que decorrem da continuidade de medidas em vigor no atual OE.

Socialistas não apresentarão propostas se não se mantiver equilíbrio orçamental

Documentos enviados por Montenegro a Pedro Nuno não incluem previsões do saldo orçamental em 2025

Ora, quanto a receitas, zero. Dito de outra forma: a informação que Montenegro enviou a Pedro Nuno não inclui previsões sobre o saldo orçamental (porque só refere despesas). E portanto, a direção do PS diz continuar às escuras sobre a tal eventual folga que lhe permitiria apresentar e acomodar as suas propostas. E é por isto que o secretário-geral dos socialistas dirá este domingo que não estão ainda reunidas para as duas partes iniciarem uma discussão séria sobre o OE 2025, discussão que o Governo disse que desejaria fazer em setembro. "Assim não conseguimos fazer uma negociação séria", disse ao Expresso uma fonte da direção do partido.

A questão do próximo exercício orçamental será assim dominante na *rentrée* do PS — e resta saber se será também no discurso que este domingo Luís Montenegro fará a encerrar a Universidade de Verão do PSD, em Castelo de Vide, com início previsto para as 12h. Pedro Nuno deve discursar horas depois, pelas 16h.

O assunto, de resto, já passou por dois discursos importantes feitos na Academia Socialista: um de Duarte Cordeiro e outro do presidente do partido, Carlos César.

Numa intervenção quase salomónica face às opções que o PS tem pela frente, César disse que o partido não se pode nem "precipitar em ruturas políticas" nem alinhar em "aproximações sem critério". "Este Orçamento do Estado nunca será o nosso e nem o Governo terá o nosso apoio para a sua política geral, mas o nosso sentido de Estado obriga-nos a que ponderemos medidas e soluções, sejam fiscais ou sociais, que tornem o Orçamento menos mau e o Governo menos perigoso", salientou. Já Duarte Cordeiro preferiu, pelo seu lado, rejeitar qualquer "submissão" do PS ao PSD nesta matéria.

PSD pressiona

O Governo, por seu lado, parece por as fichas todas no PS e não perde um dia para o mostrar. Na universidade de verão do PSD, Paulo Rangel pediu ao PS que se decida. "Tem de dizer porque está contra as medidas que o Governo está a tomar, tem de explicar, não é só dizer mal." Rangel tinha feito uma intervenção à volta dos 500 anos do nascimento de Luís de Camões e, já que o tema era literatura, desafiou Pedro Nuno Santos a deixar "estas dúvidas de Hamlet", entre o ser ou não ser. Ao mesmo tempo, contrariou as críticas de "eleitoralismo" na distribuição de dinheiro por várias classes profissionais, dizendo que o Governo, "ao pacificar relações com estes sectores", está apenas a "criar condições para melhorar o serviço público".

com JOÃO DIOGO CORREIA

jphenriques@expresso.impresa.pt

PRESIDENCIAIS

EXPRESSO.PT As presidenciais à direita — análises nas *newsletters* "Observatório da Minoria", de David Dinis, e "A Vida é Vil", de Ângela Silva

Montenegro deixa CDS desconfortável, almirante pode ficar livre em dezembro

Miguel Relvas diz que **candidatos "credíveis"** só em junho de 2025 e condena estratégia de "tudo ao molho"

EUNICE LOURENÇO, JOÃO PEDRO HENRIQUES e VÍTOR MATOS

"O PSD nem sempre se deu bem com essas frases." O aviso vem do parceiro de coligação, o CDS, e é sobre as próximas eleições presidenciais. Na moção ao Congresso, que vai decorrer a 21 e 22 de setembro, Luís Montenegro fecha o apoio do PSD a "quadros" do partido. No CDS, a reação oficial é de recusar qualquer comentário. Mas nota-se o desconforto.

Na moção ao seu próprio Congresso de abril, o presidente do CDS, Nuno Melo, não colocou uma linha sobre presidenciais. O princípio é que essa é uma eleição em que devem ser os candidatos a apresentar-se primeiro — e os partidos a definirem-se depois.

Entendimento diferente tem Montenegro. "Há seguramente nos nossos quadros partidários militantes com notoriedade e conhecimento profundo e transversal do país, das políticas públicas, das instituições democráticas e cívicas, da realidade geopolítica internacional, da nossa participação na Organização das Nações Unidas, na União Europeia, na NATO, na CPLP e em todas as plataformas internacionais em que intervimos. Personalidades que dão garantias de isenção e competência para cumprir as responsabilidades que a Constituição da República atribui ao mais alto magistrado da nação", lê-se na moção divulgada esta segunda-feira e que estabelece a estratégia do PSD para os próximos dois anos, o que inclui eleições autárquicas e presidenciais.

Acresce, para o CDS, o facto de Hugo Soares, na entrevista ao Expresso, ter lançado o nome de Leonor Beleza como presidenciável, precisamente quando foi questionado sobre o nome de Paulo Portas. O ex-presidente do CDS ainda não se colocou fora do cenário de 2026, pelo contrário: o seu último entendimento sobre presidenciais é do ano passado, quando assumiu funções de administrador não executivo da Mota-Engil e fez saber que não considerava que o cargo fosse impedimento para outras ambições. No CDS, agora, lembram-se frases de 1985 que também excluíam candidatos que não fossem do PSD e não impediram o apoio a Freitas do Amaral; e uma frase da moção de Passos Coelho de 2014 que rejeitava o perfil de "cata-vento mediático" para um candidato presidencial, mas não evitou o apoio a Marcelo Rebelo de Sousa nas presidenciais de 2016.

Marcelo e Beleza são amigos desde a juventude, mas em Belém o nome da ex-ministra levanta dúvidas FOTO MARCOS BORGA

Gouveia e Melo já deu sinais em vários sentidos nos últimos anos

A espera de Passos

Hugo Soares terá falado de Beleza sem a consultar. Aliás, também não terá previamente avisado Montenegro, o que terá irritado o primeiro-ministro, bem como Marques Mendes e Passos Coelho. A moção de Montenegro refere expressamente que o candidato do PSD às presidenciais terá de ser um quadro do partido. Contudo, ao mesmo tempo enaltece as qualidades dos dois inquilinos de Belém que vieram do PSD — Cavaco e Marcelo —, salientando precisamente que foram presidentes do partido. Numa leitura abrangente, isto parece querer dizer que, face às presidenciais de 2026, Montenegro ou estará com Marques Mendes ou com Pedro Passos Coelho.

Marques Mendes há muito que assumiu essa vontade. Passos Coelho continua a ser a incógnita que pode virar o jogo. Miguel Relvas, que foi seu número dois, recusa falar das possibilidades presidenciais do ex-primeiro-ministro. Só diz que "é tudo muito cedo, não haverá candidatos credíveis antes de junho-julho do próximo ano". Para ele, ao lançar Beleza Hugo Soares "quis enriquecer a lista" de presidenciáveis, "mas o princípio de tudo ao molho e fé em Deus não dá bons resultados".

Dúvidas em Belém

Em Belém a convicção é de que Leonor Beleza — conselheira de Estado a convite do Presidente da República — está há demasiado tempo fora da política, pelo que enfrenta um problema de ausência de notoriedade pública demasiado grave para se poder resolver até às presidenciais. A última sondagem, feita pela Intercampus no início de agosto, mostrava-a longe dos principais candidatos.

Nessa medida, Marques Mendes — outro conselheiro de Estado convidado na quota pessoal do Presidente — terá vantagem. Marcelo até já fez as contas e chegou à conclusão de que Mendes já está há mais tempo em contínuo no comentariado político televisivo do que ele próprio esteve.

A formulação da moção de Montenegro parece excluir o apoio do PSD a um nome vindo de fora, mas o almirante Gouveia e Melo continua a fazer parte das contas para as presidenciais de janeiro de 2026, nem que seja por aparecer bem colocado nas sondagens. O chefe do Estado-Maior da Marinha já deu sinais em vários sentidos nos últimos anos: começou por não rejeitar uma candidatura, chegou a dizer o ano passado à Renascença que não era "protocandidato a nada", com uma afirmação para estancar especulações que comprometessem as suas funções: "Sou militar e não tenho intenção no futuro de me candidatar." Mas nunca deixou a hipótese teórica de parte, como fez ao "Nascer do Sol" ainda em abril, ao dizer que "um militar fora do ativo tem tanto direito a concorrer a um cargo político como um pescador ou um jurista", ideia que repetiu recentemente.

Se a frase é apenas pedagógica ou mais do que isso, ficará claro em dezembro, quando o almirante concluir três anos de mandato à frente da Marinha, com possibilidade de ser reconduzido por mais um turno de dois anos. Se Gouveia e Melo aceitar a prorrogação do mandato, fica mais difícil sair da chefia militar diretamente para uma candidatura presidencial. Mas se Luís Montenegro e Marcelo Rebelo de Sousa, que não gostaria de ver um militar regressar a Belém, não o reconduzirem — ou sobretudo se ele não aceitar continuar —, então aí a possibilidade de uma candidatura ganha força. Até agora, o único que admitiu apoio a um "ex-militar" foi André Ventura, embora Gouveia e Melo já tenha escrito vários textos a chamar a atenção para o perigo dos populismos no mundo.

elourenco@expresso.impresa.pt

Leonor, a conselheira de Presidentes

Ministra de Cavaco e amiga de Marcelo, Beleza foi incluída na lista de presidenciáveis por Hugo Soares

A primeira intervenção política pública de Leonor Beleza foi no primeiro comício do PPD-PSD. Francisco Sá Carneiro pediu-lhe para falar da situação das mulheres. "O que fiz encantadíssima", recordou recentemente na RTP, onde também lembrou como em 1975 foi trabalhar para a Comissão da Condição Feminina, levada por Maria de Lourdes Pintasilgo.

Quando a Revolução aconteceu, era assistente na Faculdade de Direito de Lisboa. A primeira a chegar lá nas mesmas condições que os colegas homens. Já fazia parte da Sedes, um dos poucos espaços de debate político que então existiam, onde estavam sempre sob vigilância, como aliás acontecia na faculdade. Seguiram-se 50 anos de vida política e partidária de uma mulher que hoje será conhecida sobretudo como presidente da Fundação Champalimaud e que Hugo Soares lançou há uma semana na lista dos presidenciáveis do PSD. Mas para quem viveu os anos 80 é a ex-ministra da Saúde, que viu o seu nome envolvido em vários casos.

Quando foi escolhida por Aníbal Cavaco Silva para a Saúde, pasta que tutelou entre 1985 e 1990, já tinha sido secretária de Estado da Presidência do Conselho de Ministros, com Pinto Balsemão, e secretária de Estado da Segurança Social no Governo do Bloco Central liderado por Soares. Mas é ao cavaquismo que o seu nome fica para sempre ligado.

Deixou o Governo na sequência do chamado caso dos hemofílicos: a compra em 1986 de um medicamento à base de plasma doado veio a revelar-se fatal para mais de uma centena de doentes, que foram contaminados com VIH, o vírus da sida, porque um dos lotes estava contaminado. O negócio tinha sido adjudicado pela Secretaria-Geral do Ministério, liderada pela mãe da ministra, e Leonor acabaria por sair do Governo em 1990 (na mesma remodelação em que o seu irmão Miguel entrou para ministro das Finanças). Em 1992 foi aberto um processo na PGR, e três anos depois a ex-ministra e a sua mãe e mais 13 arguidos foram acusados do crime de propagação de doença contagiosa. O caso acabaria arquivado em 2003 pelo Supremo por prescrição, depois de muitos recursos, que tinham chegado inclusive ao Tribunal Constitucional.

Os casos dos hemofílicos e de Costa Freire levaram à sua saída do Governo em 1990

A acrescentar a este caso, Leonor Beleza chegou a ver o seu irmão mais novo a fugir à Justiça devido a um caso de suspeita de burla em obras e fornecimentos ao Ministério da Saúde, que também envolveu o ex-secretário de Estado Costa Freire. Chegaram a ser condenados, mas o julgamento acabou anulado. Recomeçou em 2003, mas no ano seguinte o processo foi encerrado por prescrição dos eventuais crimes.

Figura relevante para a divulgação destes casos foi Paulo Portas, então diretor de "O Independente", hoje também ele um eventual candidato a candidato presidencial.

Eleita deputada por várias vezes, Leonor Beleza foi vice-presidente da Assembleia da República entre 1992 e 1994 e entre 2002 e 2005. É membro do Conselho de Estado desde 2008, primeiro por escolha de Cavaco Silva, depois escolhida por Marcelo Rebelo de Sousa, de quem é amiga e conselheira desde a juventude. Partilha com o atual Presidente vários interesses e posições políticas. E a preocupação com as derivas radicais. "Eu que vivi numa ditadura acho extraordinariamente perigoso que alguém pense que um regime sem liberdade pode ser melhor do que um regime em liberdade", disse nos 50 anos do 25 de Abril. E.L.

AUTÁRQUICAS

A entrevista à antiga presidente da Câmara decorreu no Parque do Bonfim, em Setúbal

Maria das Dores Meira Candidata independente a Setúbal

"Pessoas inteligentes não podem pactuar com PCP"

Textos **MARGARIDA COUTINHO**
Foto **ANA BAIÃO**

Dos 48 anos na CDU, 15 foram à frente da Câmara Municipal de Setúbal. Agora, Maria das Dores Meira quer voltar a liderar o município, mesmo que isso signifique derrotar o próprio partido, o seu antigo vice-presidente e a equipa que esteve ao seu lado mais de uma década. A desfiliação do PCP foi comunicada ao mesmo tempo que a sua candidatura independente à autarquia de Setúbal — a 20 de julho numa publicação nas redes sociais —, mas Dores Meira garantiu em entrevista ao Expresso que a saída "não foi de repente". Apesar de ter atribuído a desfiliação a "razões pessoais", a ex-autarca não poupa críticas às posições mais polémicas dos comunistas e ao trabalho feito pelo seu sucessor, André Martins (o único autarca do partido Os Verdes, que com o PCP forma a coligação CDU).

"Apoiar a Venezuela? Uma ditadura? Se o próprio partido comunista da Venezuela critica Maduro? Alguém minimamente inteligente diz: 'Mas para onde é que está a ir o PCP?'", atirou a candidata. Também em relação à Ucrânia, Dores Meira criticou a falta de condenação do seu anterior partido e demarcou-se das posições dos dirigentes. "Mas a Ucrânia não foi invadida? Dizerem que não houve invasão? Pessoas minimamente livres e inteligentes não podem compactuar com isto. De todo." E acrescentou: "Isto é desinteligência de um partido que, no mínimo, tinha este respeito pela paz, pela integridade do ser humano."

Apesar de ter ganho três maiorias absolutas com a CDU (2009, 2013 e 2017) em Setúbal, a ex-autarca não receia de que os eleitores a associem a estas posições do partido. "Nunca apoiei as posições do PCP sobre a Venezuela e a Ucrânia", repetiu. Mais do que isso, acredita que os setubalenses e azeitonenses vão voltar a confiar-lhe o leme da autarquia em vez de reconduzir o atual autarca da CDU a quem aponta culpas pela "estagnação" do município. "Logo no primeiro ano notou-se que o projeto a que a CDU se propunha dar continuidade parou. E não havia motivo para isso já que havia projetos e a equipa conhecia bem o território."

Em 2021, quando atingiu o limite de mandatos, Dores Meira fez campanha pela eleição de André Martins (o seu vice-presidente durante o último mandato), ao mesmo tempo que tentava ser eleita para a Câmara de Almada — que acabou por perder para Inês de Medeiros, do PS. Apesar de o candidato da CDU ter vencido as eleições, não conseguiu manter a maioria absoluta e viu o PS ganhar terreno (a CDU teve 34,4% dos votos, o PS chegou aos 27,7%). Para a ex-comunista, esta foi uma prova de que a lealdade do eleitorado era para consigo e não para com a CDU. "Aqueles dois vereadores que se perderam — a CDU perdeu um vereador para o PS e outro para o PSD —, não eram votos da CDU, mas sim da Dores Meira." De volta à corrida, a ex-autarca mostra-se confiante com a vitória sem querer colocar como objetivo uma nova maioria absoluta. "Vamos buscar votos não só à CDU, mas também ao PS e PSD."

> "APOIAR A VENEZUELA? UMA DITADURA? ALGUÉM MINIMAMENTE INTELIGENTE DIZ: 'MAS PARA ONDE É QUE ESTÁ A IR O PCP?'"

Para já, a ex-autarca terá de lidar com uma investigação do Ministério Público aos seus cartões de crédito, divulgada pelo Público, que a própria recusa e acusa a CDU e o PS de estarem por detrás das "falsidades".

PCP com "dúvidas" sobre saída

De costas voltadas, Dores Meira acusa o PCP de a ter tratado como um "papel amarrotado" após a saída e o partido responde com críticas sobre o abandono de Almada. "A CDU contava com Dores Meira em Almada, ela tinha assumido um compromisso com o coletivo", disse ao Expresso João Afonso Luz da organização regional de Setúbal do PCP. Os comunistas têm agora de encontrar um novo rosto para lutar por Almada, a somar aos 12 dos 19 presidentes de Câmara da CDU que estão de saída devido à limitação de mandatos.

Sobre a desfiliação, o PCP é contido nos comentários e deixa apenas "interrogações" e "dúvidas" sobre as razões que levaram ao afastamento em vésperas de eleições autárquicas. "Estranhamos o que leva a romper com um projeto e com pessoas com quem trabalhou durante 20 anos", acrescentou João Afonso Luz lembrando que Dores Meira irá enfrentar o executivo que a acompanhou durante os três mandatos.

Caminho aberto para o PS? "É obviamente uma vantagem"

Com duas candidaturas a disputar o mesmo eleitorado, o PS não nega que as eleições de 2025 são vistas como a derradeira oportunidade para regressar ao poder em Setúbal depois de mais de 20 anos na oposição. "Aparecer uma candidatura que levará a uma dispersão de votos e a uma quebra ainda maior do PCP, o nosso principal adversário, é obviamente uma vantagem para o PS", reconheceu Fernando José, atual vereador socialista.

Em 2021, o PS ficou apenas a três mil votos de ganhar a Câmara. Agora, esta "desavença entre camaradas" poderá render os votos que faltavam. "O grande dilema da CDU é que quando se apresentou em 2021 andou de mãos dadas com a sua anterior camarada. Falar de Dores Meira é falar de CDU, é falar de André Martins. São farinha do mesmo saco." Contudo, o PS recusa que esta seja a única razão para o eventual sucesso eleitoral. "Trilhámos um caminho de aproximação às pessoas, ao tecido empresarial, que vai ser reconhecido pela população. Queremos apresentar aos setubalenses a melhor alternativa, credível e com os melhores quadros." Todos os fatores somados, o PS está convicto de que cantará vitória. "Os dados que temos de 2021 para cá é que o PS vai mesmo vencer as eleições."

mcoutinho@expresso.impresa.pt

"Herança" complica regresso

Moradores e lojistas queixam-se do estacionamento pago. PS promete reversão

A candidatura independente de Maria das Dores Meira veio baralhar as contas numa autarquia liderada pela CDU há mais de 20 anos. Apesar de somar alguns apoios convictos entre a população de Setúbal — "vai ganhar, fez um excelente trabalho", ouviu o Expresso numa visita ao coração da cidade —, a antiga presidente da Câmara também gera rejeição. A principal crítica passa pelo estacionamento pago que se alastrou nos últimos anos. "A Baixa de Setúbal está vazia, as pessoas preferem ir aos *shoppings*, onde há estacionamento grátis", queixa-se uma lojista. "Depois da herança que deixou dos parquímetros, o meu voto não vai ter", repetiu outro comerciante, que também preferiu não ser identificado.

No último mandato de Dores Meira foi aprovado um contrato de concessão do estacionamento à DataRede por 40 anos. Após alguns problemas com a empresa privada — como "áreas tarifadas que não fazem sentido" e "contrapartidas não cumpridas" —, a autarquia aplicou coimas e iniciou conversações para "defender os interesses da população", garante João Afonso Luz, do PCP, da organização regional de Setúbal.

De olho nas queixas da população, a redução dos lugares tarifados é já uma das medidas-bandeira do PS para ganhar a autarquia no próximo ano. "Ninguém quer assumir responsabilidades, mas Dores Meira é a mãe do estacionamento tarifado, André Martins é o pai, com o apadrinhamento da CDU", atira Fernando José, vereador do PS em Setúbal. Outra promessa do PS é recuperar a Feira de Sant'Iago para o centro da cidade. Os socialistas ainda não têm candidato, mas já têm cartazes com promessas.

As propostas do PS são vistas pelo PCP como "prematuras" e "irresponsáveis". João Afonso Luz lembrou que as medidas socialistas podem levar a empresa a pedir uma indemnização à Câmara que coloque em causa "as finanças municipais". "Admitimos todas as soluções, mas têm de ser feitas com responsabilidade e não com um mero efeito propagandístico", vincou.

Num raro caso de união, o PSD apoiou a decisão da CDU. "O PS, por questões eleitorais, está a atacar uma política importante que se faz em todo o mundo", defendeu Fernando Negrão, vereador do PSD em Setúbal. O social-democrata considera a medida fundamental para retirar os automóveis do centro da cidade e promover o uso dos transportes públicos. Contudo, o ex-deputado do PSD reconhece que o atual executivo comunista teve "problemas graves de comunicação" e "incapacidade" de explicar as vantagens da política aplicada.

De saída do executivo da Câmara Municipal de Setúbal, Fernando Negrão traça um quadro de "grandes dificuldades" para o próximo ano. "Ou ganha uma força política com capacidade de diálogo ou vai ser muito complicado. E não vejo isso a acontecer."

CHEGA

EXPRESSO.PT "Expresso da Manhã" — Ouvindo o Papa, fica a pergunta: Ventura quer referendar um "pecado grave"?

André Ventura no jantar de *rentrée* do Chega, em Olhão FOTO LUÍS FORRA/LUSA

Chega pressiona com referendo e medidas inconstitucionais

Sem espaço no Orçamento, Ventura aproveita deixa de Marcelo na imigração e **regressa a bandeiras impossíveis**, como a prisão perpétua

VÍTOR MATOS

Com o Chega bloqueado nas negociações para o Orçamento do Estado (OE), André Ventura contra-atacou esta semana em três frentes: voltou a insistir no referendo à imigração como moeda de troca pelo voto no OE, assim como no fim das prestações sociais para imigrantes com menos de cinco anos de descontos; reagiu contra o Presidente da República por causa da proposta de consulta popular, pedindo uma reunião de urgência a Marcelo Rebelo de Sousa; e regressou à agenda original e radical, prometendo voltar a propor a pena de prisão perpétua, apesar de saber que é inconstitucional.

Depois de Hugo Soares, líder parlamentar do PSD, ter rejeitado, em entrevista ao Expresso, o referendo à imigração, por ser "desadequado" da negociação orçamental, e um dia depois de o Presidente da República ter dito aos jovens da Universidade de Verão social-democrata que há uma "diferença entre a realidade e os discursos e narrativas" sobre a imigração, Ventura escalou na agenda mediática. Esta quarta-feira apresentou as duas perguntas para o referendo que vai propor ao Parlamento: "Concorda que haja uma definição anual de limites máximos para a concessão de autorizações de residência a cidadãos estrangeiros?"; e "Concorda que seja implementado em Portugal um sistema de quotas de imigração, revisto anualmente, orientado segundo os interesses económicos globais do país e das necessidades do mercado de trabalho?" E garantiu a constitucionalidade desta formulação.

O que o líder do Chega não consegue garantir é que outras das suas propostas centrais respeitem a Constituição. No início do ano, antes das eleições, André Ventura admitia ao Expresso adiar as bandeiras mais polémicas, como a prisão perpétua ou a castração química, em nome de um "equilíbrio" que facilitasse as "negociações" com o PSD. Agora, à boleia do caso do espanhol que cumpriu 34 anos de prisão por homicídio e que tentou violar duas mulheres em Portalegre, regressou a uma ideia que contraria a Lei Fundamental.

PRISÃO PERPÉTUA

Embora diga que "há interpretações diferentes", André Ventura reconhece haver o entendimento de que "a prisão perpétua no nosso sistema seria inconstitucional", admitiu ao Expresso esta semana. De resto, na proposta de revisão constitucional que apresentou em 2022, o Chega procurou mudar essa restrição histórica quando estivessem em causa "crimes contra a vida ou contra a integridade física, em que se verifique especial perversidade ou gravidade". Mesmo assim, sabendo que uma proposta desta natureza não passa ou que chumbaria no Tribunal Constitucional, Ventura garante que a vai recuperar. O argumento é que "se a pena for revista obrigatoriamente de 25 em 25 anos", isso "contorna um pouco a ideia de inconstitucionalidade".

MIGRANTES E SUBSÍDIOS

A par do referendo sobre a imigração e do aumento de verbas para o controlo de fronteiras, o Chega propõe como moeda de troca para votar o Orçamento do Estado que os imigrantes só possam receber prestações sociais — como subsídio de desemprego — depois de cinco anos a descontar para a Segurança Social. No entanto, em 2015, o Tribunal Constitucional chumbou a discriminação entre cidadãos nacionais e estrangeiros no acesso ao Rendimento Social de Inserção, que nem depende de descontos. Os juízes concluíram que, "à luz do princípio geral da igualdade perante a lei, ninguém pode ser prejudicado ou privado de qualquer direito, nomeadamente em razão do território de origem". Ventura tem argumentado com a Lei de Bases da Segurança Social, onde se pode ler que, "no que diz respeito a não nacionais", pode-se "fazer depender o acesso à atribuição de prestações de determinadas condições, nomeadamente de períodos mínimos de residência legal". Em todo o caso, a Constituição prevalece sobre qualquer lei.

ENTRADA NAS CRECHES

No discurso de *rentrée*, na quinta-feira da semana passada, em Olhão, o líder do Chega prometeu que no primeiro dia de trabalhos parlamentares daria entrada à proposta que dá prioridade nas creches aos filhos de empregados, colocando os filhos de desempregados no fim da fila. Os constitucionalistas contactados pelo Expresso não são unânimes, mas a medida é potencialmente inconstitucional. Para Ana Rita Gil, as crianças não podem ser discriminadas "em função da capacidade económica e até da ascendência", já que também "não podem ser discriminadas em função dos progenitores. Estamos a penalizar pessoas que não têm qualquer responsabilidade", explicou ao Expresso há duas semanas, pois "o direito de acesso a todos os graus de ensino, plasmado na Constituição, é das crianças, não dos pais". Um constitucionalista catedrático também explicou que o artigo 13º da Constituição estabelece que "ninguém pode ser beneficiado ou prejudicado em razão da sua condição social" — e acrescenta que tudo depende da forma como a medida for apresentada e redigida. Só o socialista Vitalino Canas admitiu a possibilidade de a proposta não ser inconstitucional, dizendo que se pode tratar "diferentemente (ou desigualmente) situações diferentes".

ENRIQUECIMENTO

A ideia de criminalizar o enriquecimento ilícito ou injustificado não é exclusiva do Chega e a própria Aliança Democrática defendia-a no programa eleitoral, mas largou-a quando o Governo apresentou o pacote contra a corrupção. A ministra da Justiça, Rita Júdice, chegou a confirmar que a proposta caiu porque "seria inconstitucional". Já chumbou duas vezes no TC com a justificação de que inverte o ónus da prova. Ainda assim, o Chega continua a defender que os titulares de cargos políticos "devem ter exigências acrescidas". Outras bandeiras como a castração química, a limitação do cargo de primeiro-ministro e de outros governantes à nacionalidade portuguesa originária, a limitação do número de ministérios a 12 ou a polémica que rebentou durante a pandemia para confinar pessoas de etnia cigana são passíveis de violar a Constituição.

vmatos@expresso.impresa.pt

Gente

CDS com Tod@s O CDS, o partido conservador que defende os valores tradicionais na vida e na linguagem, tem uma assessora parlamentar que envia mensagens saudando os jornalistas com um alegre e moderninho "boa tarde a tod@s", a fórmula de linguagem *woke* da moda para não discriminar homens, mulheres ou pessoas transgénero. Gente só estranhou que uma dessas mensagens fosse para divulgar um requerimento em que o CDS se indignava com o facto de a DGS falar de "pessoas que menstruam", em vez de mulheres, com o seguinte texto: "Não faz sentido a adoção, por autoridades públicas, de fórmulas de linguagem nascidas em perspetivas de reconstrução social que dividem profundamente a sociedade." Gente sugere um mais neutro "olá pessoal!", ou "bom dia malta!". Adeus a tod@s...

A nova guerra de Guerreiro O homem que ficou conhecido nas televisões como o ex-espião pró-Putin, por defender as posições da Rússia na guerra da Ucrânia, agora volta a estar sob os holofotes na sua qualidade de advogado. O jurista Alexandre Guerreiro — antigo funcionário dos serviços de informações — não é mais nem menos do que advogado da socialite Betty Grafstein, contra o não menos célebre José Castelo Branco. Gente duvida é que Putin gostasse de o ver metido com gente tão excêntrica...

Saudades "São estas coisas que me fazem ter saudades de quando fui jornalista", escreveu o *spin doctor* Luís Paixão Martins (L.P.M.), partilhando uma nota (supostamente) publicada no Facebook da TVI. Esta nota replicava uma suposta entrevista do namorado de Cristina Ferreira e o texto era deliciosamente maldoso: "Eu não gosto de ser chamado de 'O namorado da Cristina Ferreira'. Eu tenho nome!, diz o namorado da Cristina Ferreira." Acontece que nada disto existiu. Sem o saber, L.P.M. caiu na esparrela das *fake news*. A imagem que partilhou era falsa. Mas falso não foi o seu comentário sobre as saudades que às vezes tem do jornalismo. Gente espera que sejam só saudades das maldadezinhas que às vezes se fazem nos jornais. E não de ecoar notícias falsas.

Abalos Sabendo do potencial dos gatos na internet, Rui Rio voltou a mostrar o seu "Zé Albino", desta vez em cima de um livro de Marquês de Pombal, depois do sismo em Portugal, "para a eventualidade de também ter de comentar abalos telúricos". A ideia é boa, mas importante era saber afinal quem é o candidato da direita às presidenciais, outro possível abalo na política portuguesa. Gente adoraria ouvir a opinião... do gato, claro.

O amor está no PS

BODAS DE PRATA O amor anda no ar entre socialistas. Na semana passada, Gente saudou a ex-ministra Marina Gonçalves bem acompanhada nas Festas da Senhora d'Agonia. Há semanas que o líder da JS, Miguel Costa Matos anda a publicar fotos com a mulher em viagem pelos Estados Unidos. E esta semana foi José Luís Carneiro a assinalar nas redes sociais os 25 anos do seu casamento. Gente dá os parabéns aos noivos de Bodas de Prata e a todos os socialistas que acreditam que, mais do que a rosa, "l'important c'est l'amour". FOTO D.R.

Alberto Caldas Afonso Professor de Pediatria da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto e diretor do Centro Materno-Infantil do Norte

"Ministério já tem proposta para colocar ordem nas urgências"

Texto JOANA ASCENSÃO
Foto RUI OLIVEIRA

Alberto Caldas Afonso foi escolhido pela ministra da Saúde para presidir à comissão criada para estudar a reorganização das urgências obstétricas. Com o objetivo de entregar um primeiro documento em meados de outubro, o pediatra diz que está marcada para a semana a primeira reunião da equipa de quase 20 pessoas. Mas há trabalho adiantado. Para breve sairá uma portaria a permitir que não se fechem urgências quando as equipas têm menos elementos do que os mínimos definidos pela Ordem dos Médicos e vai ser criada uma linha no SNS 24 especializada na infância e adolescência.

P Por onde vai começar esta comissão?
R Já foi enviada para o Ministério da Saúde uma proposta, que pode permitir uma portaria concreta e no imediato, que visa colocar ordem, equilíbrio e razoabilidade nas equipas e no fechar ou não fechar urgências, de acordo com o número de elementos.

P Como funcionará?
R A norma que a Ordem dos Médicos propôs há dois anos, de números mínimos de profissionais para todas as equipas, precisou de ser revisitada. Vamos imaginar um caso de um hospital que tem até 2500 partos. Aqui estava previsto um número mínimo de quatro médicos por equipa, podendo um deles ser um interno do 4º, 5º ou 6º ano da especialidade. Se nós não conseguirmos ter os quatro elementos e tivermos só três, o serviço não pode encerrar, tem é de ser adequado à capacidade de recursos humanos.

P Como é que isso se faz?
R Esse hospital passa a ser tipificado como se fosse uma maternidade com até 1500 ou 2000 partos. Ao mesmo tempo, se um hospital que faça até 2500 partos tem sete boxes de partos, mas num certo momento tem uma limitação dos recursos, então, passa a ter apenas quatro ou cinco boxes ativas. Nós queremos dar essa informação em permanência ao SNS 24 e aos Centros de Orientação de Doentes Urgentes (CODU).

P Apenas com essa medida, é possível não fechar nenhum bloco de partos em Lisboa e Vale do Tejo?
R O objetivo é não fechar.

P Na Margem Sul (Almada e Setúbal) chegaram a estar os três blocos de partos fechados.
R Temos dois sítios mais problemáticos, em que podemos ter um modelo de reorganização diferente: por um lado, Leiria e Caldas da Rainha e, por outro lado, a Margem Sul. Aí temos de afetar os recursos para estar, pelo menos, uma sempre aberta.

P Então, prevê a concentração de urgências, em algumas situações?
R Provavelmente, temos de redefinir a rede em termos de resposta. Ou seja, fazer seriação do risco. Nós temos que seriar a grávida em relação ao risco. Identificando isso podemos, por exemplo em LVT, identificar hospitais mais vocacionados para situações de baixo risco e outro para alto risco.

> NENHUM PORTUGUÊS É SUFICIENTEMENTE RICO PARA PRESCINDIR DE UM SNS DE QUALIDADE

P Isso não entra em colisão com a possibilidade de escolha do sítio onde se quer ter o filho?
R Esse direito deve ser preservado.

P Vai dar mais autonomia aos enfermeiros especialistas?
R Isso já acontece. Eles já têm muita autonomia e ela tem de ser preservada. Aqui, nesta maternidade, 80% dos partos são feitos pelos enfermeiros. Não podemos é esquecer uma coisa: um parto pode, em questão de segundos, transformar-se em algo complicadíssimo, com necessidade de intervenção médica.

P Mas estava no plano de emergência dar-lhes mais autonomia.
R Às vezes nós perdemos a discussão nas palavras.

P Concorda com o aumento de faculdades de medicina?
R As faculdades que existem são suficientes para formar mais médicos. A formação do médico não é a telescola. Não é como fazer um curso de letras.

P Integrou o obstetra Diogo Ayres de Campos nesta comissão, autor do plano anterior, que não foi posto em prática. Nesse plano, falava-se no fecho de seis urgências de obstetrícia pelo país. Não o vai fazer?
R Tudo iremos fazer, e eu acho que há condições, para não falar na palavra 'encerramento'.

P E vão aproveitar algum desse trabalho que foi feito?
R Com certeza.

P Esteve na elaboração do plano de emergência para a Saúde deste Governo. O que correu mal?
R O plano não podia era correr de forma diferente. Quando em junho a ministra tinha que apresentar o plano, a primeira questão era conhecer o mapa de férias que os hospitais tinham para os seus profissionais. Depois, verificar onde havia dificuldades, reunir com todos os conselhos de administração para perceber como é que podíamos minimizar estas dificuldades. O Algarve era das que mais me preocupava. Quando lá cheguei, percebi que eles tinham um plano elaborado para a região do Algarve. Houve mobilização dos pediatras de Portimão para Faro.

P Era previsível que no Oeste houvesse falhas?
R Espantou-me. O mesmo na região de Lisboa e Vale do Tejo, onde havia a possibilidade de manter sempre um bloco de partos aberto. Mas quando se está a trabalhar no limite e falta um profissional, não há almofada nenhuma. Aqui no Norte, o único sítio onde ia haver problema, e que se estancou, era Braga. Nós fomos lá, falámos com as pessoas e conseguimos criar soluções internas.

P Em relação a Leiria, houve negligência na gestão das férias?
R Não tenho dados sobre isso e não posso pronunciar-me sobre algo de que não tenho certezas. Há uma coisa que eu sei, que é como deve funcionar. Quando nós programamos as férias, eu tenho que entregar um mapa de férias ao Conselho de Administração em abril. E tento que, nos meses de maior procura, todos possam ter pelo menos 15 dias de férias. Nós sabemos que há serviços onde podemos limitar a atividade, durante o período de férias, mas não posso limitar os serviços de urgência. Perante isto, também temos de ser justos e perceber que há muitos hospitais que dependem muito de prestadores de serviço. O caso de Leiria parece-me, apesar de tudo, excessivo ter sido por um período tão longo.

> PODEMOS TER UM MODELO DE REORGANIZAÇÃO DIFERENTE EM LEIRIA E CALDAS DA RAINHA E NA MARGEM SUL

P Porque é que as regras são diferentes no privado e o que é que lhe interessa mudar?
R Temos de perceber porque é que em Lisboa há quase 30 mil partos no privado e no Norte há três ou quatro mil. Posso dizer que tenho aqui, todos os dias, pessoas com capacidade económica e que sentem que o sítio que mais que lhes dá segurança é aqui. Este é um caminho muito grande que temos de fazer na região de Lisboa e Vale do Tejo, dentro do SNS. Às vezes parece que as virtudes estão todas no privado. E eu estou à vontade, que sempre trabalhei e trabalho nos dois sectores... Mas há uma coisa que eu sei. Nenhum português é suficientemente rico para prescindir de um SNS de qualidade. Eu não quero tratamentos de primeira e de segunda. Não quero que aconteça, como acontece noutros países, onde alguém chega à porta da urgência e, se não tiver um cartão de crédito, fica de fora.

P As taxas de cesariana no privado justificam-se?
R Um dos principais indicadores de qualidade assistencial na grávida é a taxa de cesariana. Eu, se ultrapassar aquilo que está estipulado como limite, que é 30%, tenho de justificar, caso contrário vou ser penalizado em termos de financiamento. Isto no sistema público. Depois vemos que noutros sítios as taxas são, no mínimo, o dobro. Acho estranho que, no mesmo país, com uma mesma entidade reguladora de saúde, mesmos critérios, isto não seja avaliado. Os critérios têm de ser iguais de um lado e de outro e, portanto, aquilo que se propõe para o sector público tem de ser replicado no sector privado.

Alberto Caldas Afonso falou com o Expresso no Centro Materno-Infantil do Norte, maternidade integrada na Unidade Local de Saúde de Santo António, de que é diretor desde 2016

P Fala-se de avançar com um projeto-piloto de atendimento pediátrico referenciado no Porto. Já tem ideia para quando?
R Se num serviço de urgência, no mínimo 50% das situações são não urgentes, tem que haver uma alternativa para essas crianças serem vistas, avaliadas e orientadas. Temos de criar uma linha também para a criança e o adolescente, com uma triagem muito bem feita, no SNS 24.

P Vai avançar?
R Sim, já tenho um grupo a trabalhar sobre isso. Também é importante dizer-lhe que a Ordem dos Médicos está a fazer um esforço brutal para que, no próximo concurso, já haja vagas para a especialidade de Urgência. Queremos que isso aconteça já em janeiro. Não tenho dúvidas nenhumas de que, em setembro, esta especialidade vai ser proposta e reconhecida pela Ordem. É minha forte convicção.

jascensao@expresso.impresa.pt

Este ano já nasceram 40 bebés em ambulâncias, metade deles no verão

Fechos de maternidades fazem aumentar partos em trânsito. Bombeiros falam em "risco iminente de uma desgraça"

Andreia, 19 anos, esperava o primeiro filho. E aos nervos do parto juntava-se a incerteza do local. A morar em Foros da Charneca, Benavente, tinha por escolha o Hospital de Vila Franca de Xira a 40 km, pouco mais de meia hora, mas as urgências de obstetrícia tinham andado intermitentes todo o verão, principalmente ao fim de semana. Quando o bebé deu sinal de querer nascer, a 11 de agosto, um domingo de manhã, todos os constrangimentos do SNS pareceram ativar-se ao ritmo doloroso das contrações. Vila Franca fechado. Santarém, a 60 km, no limite da capacidade. Loures, a 70 km, fechado. A solução era o Hospital de Abrantes, a 140 km, mais de hora e meia de caminho.

Foi o destino indicado pelo Centro de Orientação de Doentes Urgentes (CODU) aos bombeiros de Benavente, que a foram buscar a casa. As águas já tinham rebentado. Pediram apoio diferenciado — uma viatura de emergência com médico e enfermeiro —, dada a probabilidade de um parto em trânsito, mas não havia. Fizeram-se ao caminho mas pouco andaram. Uma hora após a chamada, pararam a ambulância e ajudaram Catarina a nascer, seguindo depois para o Hospital de Vila Franca, que tinha equipas para assegurar o internamento mas não a urgência.

Mãe e filha estão bem, o mesmo sucedendo com os restantes 39 bebés que já nasceram este ano a bordo de ambulâncias, a caminho do hospital. O número foi estimado pelo Expresso com base nas publicações das corporações de bombeiros que, quase invariavelmente, noticiam o feito nas suas páginas do Facebook. Só em julho e agosto (até dia 28), meses mais atingidos pela falta de obstetras, e consequentes fechos hospitalares, registaram-se 21, seguindo-se janeiro, outra época de escalas difíceis, com oito partos em trânsito. Nos restantes meses, as ocorrências oscilam entre duas e três.

Os partos de Sofia, Leonardo e Mateus ocorreram nas ambulâncias dos bombeiros da Lourinhã, Proença-a-Nova (em baixo, à esq.) e Figueira da Foz (em baixo, à dir.)

FOTOS D.R.

Bebé da A1, IP3, IC21, N8...

A cronologia anual dos casos torna claro o efeito do fecho das maternidades no número de nascimento em ambulâncias: mais encerramentos e maior distância a percorrer faz aumentar os partos extra-hospital. Como o de uma grávida de Sines que não aguentou os 119 km até à maternidade de Beja; ou a que chamou os bombeiros quando ia na A1, no carro particular, ainda a 90 km do hospital de Coimbra; ou a de Salvaterra de Magos cujo bebé nasceu antes de findos os 84 km até às Caldas; ou a parturiente da Marinha Grande que já chegou mãe a Coimbra, a 90 km de casa; ou a de Peniche incapaz de adiar o parto de Sofia mais de uma hora até ao Amadora-Sintra.

Consequentemente, há bebés com o local de nascimento na Circular Externa de Coimbra, vários na A1, Via do Infante, IP3, IC21, N8, N106, N113, N118 ou na Ponte Salgueiro Maia (Santarém).

Esta estatística informal surgiu como alternativa à falta de números oficiais totais. Os dados fornecidos pelo Ministério da Saúde ao Expresso, com base em registos do INEM, indicam que este ano apenas teriam ocorrido

Há mais casos nos distritos de Setúbal, Santarém e Leiria, com destaque para a Moita e Ourém

18 nascimentos em ambulâncias, entre dois a quatro por mês, sem oscilações de maior. Olhando para o mesmo período (janeiro a agosto), este seria ainda assim o terceiro ano com mais casos nos últimos seis. No total, confirmam-se 151 partos em trânsito entre 2019 e 2024. O gabinete da ministra Ana Paula Martins contabiliza também este ano, até agosto, 88 partos em casa assistidos pelo INEM.

"É importante ressalvar que estas ocorrências se referem a situações com ficha CODU. Ou seja, transportes secundários coordenados pelos hospitais ou outras situações sem chamada 112 podem não estar incluídas", alerta o Ministério, justificando assim a disparidade dos números.

"Mergulhados num caos"

O levantamento dos nascimentos em ambulâncias realizado pelo Expresso permite também perceber que as regiões com mais casos são também as mais atingidas pelos constrangimentos nas maternidades. A geolocalização dos 40 partos no Google Maps revela uma maior concentração nos distritos de Setúbal, Santarém e Leiria, com destaque para os concelhos da Moita, Ourém e Marinha Grande. A norte e a sul há menos ocorrências.

"Antes, uma saída com uma grávida demorava uma hora, agora leva uma manhã inteira ou mais. Nem se sabe a quantos quilómetros vai acabar. E entretanto esse quartel não responde às outras urgências. Mas se o de Cascais não pode, vai o do Estoril, depois vai o da Parede, cada vez mais longe da ocorrência... e chegou-se a um limite em que há ambulâncias de Oeiras a responder a urgências em Setúbal. O aumento de tempo de chegada ao local é inevitável. Estamos mergulhados num caos", alerta António Nunes, presidente da Liga Portuguesa de Bombeiros.

E apesar da formação específica que todos os tripulantes têm para assistir a partos, o presidente da Liga receia uma desgraça. "Há um risco iminente. Nunca tivemos tantos nascimentos nas ambulâncias, é inaceitável e não pode continuar. De que está à espera o Ministério da Saúde? Que morra uma grávida para que a ministra se demita, como aconteceu com a ministra Marta Temido?"

RAQUEL MOLEIRO
rmoleiro@expresso.impresa.pt

Lei da imigração deixa ilegais dezenas de nadadores--salvadores

Brasileiros e argentinos estão certificados pelo Instituto de Socorros a Náufragos. Concessionários em risco de fechar

FOTO NUNO BOTELHO

Sem os imigrantes sul-americanos que fazem vigilância nas praias, há concessionários em risco de fechar

JOÃO MIRA GODINHO

"Vou-lhe contar uma situação." Num espanhol com sotaque brasileiro, Mari, argentina a trabalhar como nadadora-salvadora no Algarve, prepara-se para contar ao Expresso o que aconteceu a um colega do mesmo país. Os dois fazem parte das dezenas de nadadores-salvadores sul-americanos (a maioria do Brasil e Argentina) que este verão, à semelhança dos últimos anos, viajaram para Portugal para trabalhar na época alta. Mas uma mudança nas regras da imigração, no início de junho, faz com que estejam quase todos em situação ilegal, apesar da certificação do Instituto de Socorro a Náufragos (ISN) e do contrato de trabalho com os concessionários.

Com as novas regras que ditaram o fim da manifestação de interesse, que permitia que estrangeiros que começassem a trabalhar em território nacional requeressem autorizações de residência, os nadadores-salvadores sul-americanos passaram a ter de pedir um visto de trabalho no seu país de origem para poderem entrar em Portugal legalmente. Algo que este ano perceberam que não iam conseguir fazer antes do início da época balnear, devido à demora nos consulados. Como solução, a grande maioria optou por pedir 'vistos de curta duração' — vistos turísticos —, que permitem a permanência em Portugal por 90 dias, mas não autorizam a que se trabalhe no país.

Com esses vistos turísticos entraram em Portugal, fizeram contratos com concessionários de praia, registaram-se nas Finanças e Segurança Social e começaram a trabalhar. Mas estão em situação irregular. Para estarem legais tinham de voltar ao país de origem, celebrar o contrato de trabalho e depois pedir o visto. A juntar a isso, o prazo dos vistos turísticos dos nadadores-salvadores está a expirar, o que os obriga a sair de Portugal. E perante todos estes problemas não sabem o que fazer.

Sem apoio e sem resposta da AIMA

"Viemos porque o ISN nos avaliou e deu a certificação. Convidou-nos a vir para Portugal trabalhar porque éramos necessários", argumenta Mari. Com as mudanças na lei e as dificuldades para regularizarem a situação, não receberam "qualquer apoio ou ajuda do ISN", continua a nadadora-salvadora. Tiveram de "tratar cada um da viagem e do visto", lamenta. "Agora nem sabemos se vamos ser multados quando formos sair de Portugal."

E explica ainda que têm tentado contactar a Agência para a Integração, Migrações e Asilo (AIMA) para conseguirem regularizar a situação, mas não obtêm qualquer resposta. "Quando ligamos, uma gravação diz-nos para irmos ao *site* [da AIMA]. Vamos lá e não explicam nada."

O Expresso contactou os Ministérios da Defesa e da Presidência e a Autoridade Marítima Nacional para obter esclarecimentos sobre esta situação, mas não recebeu qualquer resposta até à hora de fecho desta reportagem.

Protocolo assinado em 2022

Foi a 3 de junho que Marcelo Rebelo de Sousa promulgou as alterações do Governo à lei da imigração e no dia seguinte extinguiu-se o procedimento de manifestação de interesse, a forma que os nadadores-salvadores da América do Sul tinham para entrar no país para trabalhar apenas durante os meses de verão: viajavam com visto turístico e regularizavam a situação depois, já em Portugal, com o contrato assegurado. Era assim que se minorava um problema crónico: a falta de nadadores-salvadores nas praias nacionais.

A resolução para esta falta de mão de obra, que assegura a segurança de milhares de banhistas nas praias portuguesas, remonta a 2011, quando a Associação Brasileira de Salva Vidas Civis (ABSVC) contactou o ISN para que nadadores-salvadores brasileiros pudessem trabalhar em Portugal como resposta à noticiada escassez de candidatos. Nesse ano, pela primeira vez, um grupo de nadadores-salvadores brasileiros fez a viagem para trabalhar nos areais portugueses. A colaboração continuou e em 2016 começou a falar-se num protocolo para a oficializar. Em 2022 esse protocolo entrou em vigor. E, desde então, o ISN faz anualmente, no Brasil, testes a candidatos para as vagas de nadador-salvador em Portugal. Como a ABSVC está localizada no Estado do Rio Grande do Sul — que faz fronteira com a Argentina —, além de brasileiros, há muitos candidatos argentinos.

> **Têm contrato de trabalho e estão inscritos na Segurança Social e nas Finanças**

"Somos mais de 50"

Em 2023 foram 106 os aprovados, ao abrigo do protocolo, que receberam um cartão do ISN que lhes permite exercer a profissão em Portugal. A certificação tem uma validade de três anos. O Governo, contactado pelo Expresso, não disponibilizou o número referente a este ano. Mas Mari garante: "Somos mais de 50 e houve uns 70 que desistiram por causa da dificuldade em obter visto."

E voltamos ao início, à história que ela queria contar sobre o colega. "Marcámos, quase todos, a viagem com uma agência no Brasil, mas quando chegou ao dia do voo não tinham comprado os bilhetes e ficámos sem o dinheiro", conta. "Cada um começou a tentar arranjar outro voo e um arranjou ligação para os Países Baixos. Quando chegou lá, viram o equipamento que ele levava e não acreditaram no visto turístico. Mandaram-no de volta para a Argentina." Teve então de comprar um terceiro bilhete de avião, da Argentina para Lisboa, para finalmente conseguir trabalhar cá. Cada passagem aérea entre Brasil (ou Argentina) e Portugal custa cerca de mil euros — um valor elevado nos dois países sul-americanos.

"Fazemos um grande esforço para vir trabalhar para Portugal, muitas vezes com a ajuda da família", descreve Mari. "Somos necessários. Se nos formos embora, há concessionários que têm de fechar. Devíamos ter apoio na regularização."

No âmbito do Plano das Migrações, o Governo criou uma via verde para acelerar vistos de trabalhadores estrangeiros, mas o acesso está limitado a confederações e associações empresariais e a clubes e federações desportivas. Os nadadores-salvadores não foram incluídos.

sociedade@expresso.impresa.pt

HABITAÇÃO

O novo "palácio" da família Cruz

O programa cívico **Bairros Saudáveis** pôs de pé 240 projetos, mas não mereceu aprovação do novo Governo

JOANA ASCENSÃO

A casa é pequeníssima. Tem apenas três divisões minúsculas: uma cozinha, uma sala e um quarto, onde quase não sobram centímetros entre a cama e a cómoda. Para dormirem, há turnos. Muitas vezes é a filha mais velha, Letícia, de 12 anos, quem fica no sofá. Vanessa e Tiago dividem a cama com o mais novo, Santiago, de quatro. Dentro de casa chove. Há humidade, "bicharada". O teto de gesso "qualquer dia" cai-lhes "em cima", relata a mãe, Vanessa Vieira, de 29 anos. E a casa de banho fica no exterior, a uma distância suficiente para se levar com chuva no inverno.

No domingo, dia 1 de setembro, vai fazer oito anos que a família Cruz ali mora — quatro pessoas em menos de 30 metros quadrados. O pacto com o senhorio, dono de toda a ilha onde a pequena casa se encontra, na freguesia de Campanhã, no Porto, é que a renda se mantenha nos €110 por mês. "Mas se não aumenta a renda também não faz obras", diz Tiago Cruz.

A família estava sem saber para onde se virar — ele a receber o Rendimento Social de Inserção e ela a trabalhar à hora nas limpezas — quando José António Pinto, assistente social da Junta de Freguesia de Campanhã, arranjou uma solução: era possível reabilitar a casa imediatamente ao lado, que estava em ruínas, com apoio do programa Bairros Saudáveis. "A família dona da casa tinha vários herdeiros que não tinham dinheiro para a restaurar. Nós convocámo-los para uma reunião e dissemos que púnhamos a casa a brilhar, mas com uma condição: tinha de ser esta família a ir para o 'palácio' e durante cinco anos a renda tinha de se manter."

A família Cruz passa de uma casa de três divisões, sem casa de banho, para um T3 de seis divisões FOTO RUI OLIVEIRA

> **Foram criados 407 postos de trabalho, dos quais 284 se mantêm após o fim do programa**

Para Bernardo Amaral, o arquiteto responsável pelo projeto de Campanhã, o Bairros Saudáveis é "uma espécie de SAAL 2.0" (o plano estatal de construção habitacional surgido após o 25 de Abril), mas com muito menos custos e com abertura para soluções que não passem só pela habitação, até porque o valor máximo por projeto é de €50 mil. Surgido em 2020, em plena pandemia, o programa começou como uma iniciativa cidadã por parte de arquitetos e médicos de saúde pública para capacitar parcerias locais que apresentassem projetos concretos para melhorar as condições de saúde e qualidade de vida de territórios e comunidades vulneráveis. A primeira edição, com uma verba de €10 milhões, teve quase 800 candidaturas.

"Uma resposta à pobreza"

A nova casa da família Cruz foi apenas um dos 240 projetos concluídos em três anos em todo o país — 70 na região Norte, 34 no Centro, 93 em Lisboa e Vale do Tejo, 27 no Alentejo e 16 no Algarve. A primeira edição do Bairros Saudáveis, com coordenação da arquiteta Helena Roseta, teve uma execução de mais de 90% e envolveu 1180 entidades diferentes, a grande maioria do sector solidário. A reboque dos projetos foram criadas 56 associações, oito cooperativas e 27 empresas. No total, 407 postos de trabalho, dos quais 284 se mantêm após a conclusão das atividades.

"Isto foi muito mais do que uma resposta à pandemia, foi uma resposta à pobreza", afirma a histórica arquiteta, que diz de si própria ser quase um "Canal História" das políticas de habitação em Portugal. Para pôr o plano em prática estiveram envolvidos sete ministérios. Depois de uma avaliação independente "muito positiva", para a segunda edição já estavam guardados €15 milhões e estava escolhido um novo coordenador nacional.

Mas o novo Governo decidiu não dar continuidade ao Bairros Saudáveis, por "estar ultrapassado o contexto pandémico em que o programa foi criado" e por "não partilhar das premissas do anterior Executivo que levaram à sua continuidade", escreve a coordenação do programa. A informação foi transmitida pelo secretário de Estado Adjunto da Presidência, Rui Armindo de Freitas, em reunião com o novo coordenador nacional do programa, João Afonso.

Para Helena Roseta, "é um absurdo". Nenhum outro programa é tão aberto e está tão disponível para ouvir da própria comunidade aquilo de que ela precisa, argumenta. "Nenhum outro é tão inclusivo em relação, por exemplo, a associações de ciganos, de imigrantes ou de pessoas com deficiência." E se "na maior parte dos casos houve pequenas intervenções", há exemplos, como a criação de hortas comunitárias e a distribuição de legumes pela comunidade e de percursos pedonais, com abrangência de 140 mil pessoas. A arquiteta acredita que "as razões dadas [pelo Executivo] não são relevantes" e que "o Governo desconhece profundamente o projeto" para considerar terminá-lo, tendo ele um orçamento com "zero impacto para qualquer Orçamento do Estado, mas com um enorme impacto no terreno".

Contactado pelo Expresso, o Ministério da Presidência não respondeu até ao fecho desta edição.

Em Campanhã, desde que começaram as obras que o pequeno Santiago quer ir todos os dias à casa nova, "só para olhar para o quarto dele". A mais velha, Letícia, é mais reservada. Mas quando entram no espaço em obras é automático: cada um dirige-se de imediato para o quarto que vai ser o seu. A mãe, Vanessa, já selecionou uma tomada para "o difusor dos cheirinhos" e outra para a árvore de Natal. Já tem mobília guardada. Mas falta concluir as obras, atrasadas devido à pouca disponibilidade do empreiteiro. Já eram para ter ido lá passar o Natal passado. Depois, o aniversário da filha mais velha, a 12 de agosto. E agora, enquanto se esbate a esperança, sonham em "comer as próximas rabanadas" natalícias no novo lar.

jascensao@expresso.impresa.pt

INCÊNDIOS

Depois do fogo, Madeira tem de preparar o inverno

Trabalho de consolidação da área ardida mal começou. É preciso estabilizar os solos para precaver derrocadas

Depois de dominado o incêndio que lavrou durante 13 dias no centro da ilha da Madeira, há que avaliar o que é preciso fazer para estabilizar e restaurar áreas ardidas e proteger os solos erodidos do deslizamento de pedras. "As zonas por onde andou o fogo podem ter ficado sem coberto vegetal e com rochas a saltar e há o risco de haver deslizamento de terras quando chegarem as chuvas mais fortes. É essencial avançar com intervenções no terreno", avisa Hélder Spínola, biólogo e especialista na área de gestão ambiental da Universidade da Madeira.

Este é um risco por todos conhecido na ilha da Madeira e que os aluviões de fevereiro de 2010 — que fizeram 51 mortos, 600 desalojados e mil milhões de euros de prejuízos — não deixam esquecer. A chuva intensa desse inverno de há 14 anos provocou mais de 150 derrocadas só no Funchal e a água e lama arrastaram tudo o que encontraram pela frente numa vasta área de casario disperso pelas encostas da ilha. Hélder Spínola defende que é necessário "prevenir a erosão dos solos e retirar material que possa ser arrastado, assim como colocar barreiras nos locais de maior risco de derrocadas, para suster os desabamentos de terras".

Esse trabalho "está a ser feito no terreno", garante ao Expresso o presidente do Instituto das Florestas e da Conservação da Natureza da Madeira (IFCN). Manuel Filipe esclarece que começaram "a fazer algumas paliçadas e a retirar algum material de algumas linhas de água no Paul da Serra". Diz ainda que o trabalho de contenção pós-fogo implica "reduzir, de montante para jusante, todo o material que possa vir por aí abaixo". Contudo, admite que há áreas em zonas de grande declive ou mais escarpadas onde não conseguem chegar.

Proteger a Laurissilva

O incêndio estendeu-se por um perímetro de cerca de 9000 hectares, consumindo uma mancha de 5104 hectares de floresta, matos e terrenos agrícolas, de acordo com o sistema Copernicus. O valor exato da área ardida ainda está a ser apurado no terreno pelo IFCN. O presidente do instituto indica que "a área da floresta Laurissilva afetada pelo fogo foi residual".

> **É preciso reduzir o que possa rolar nas encostas e travar a invasão de exóticas na floresta Laurissilva**

O biólogo Hélder Spínola admite que assim seja, já que "nas áreas mais densas desta floresta há mais humidade, que trava o fogo". O que mais o preocupa são as espécies invasoras, como giestas, tojo e carqueja, que invadem a floresta autóctone. "As espécies exóticas são uma preocupação" também para o IFCN que, para tentar travar a invasão pós-fogo da floresta indígena, vai "começar a replantar as áreas ardidas com espécies autóctones dos viveiros florestais do instituto", indica Manuel Filipe.

Crias devolvidas

Já no Maciço Montanhoso, a Freira-da-Madeira (*Pterodroma madeira*) é a rainha das preocupações, uma vez que é uma espécie endémica "em perigo" de extinção e uma das aves marinhas mais ameaçadas do mundo. É nas escarpas da cordilheira montanhosa central entre o Pico do Areeiro e o Pico Ruivo, que os 80 casais desta espécie existentes na ilha fazem os seus ninhos. A Freira-da-Madeira apenas põe um ovo por ano e qualquer perda tem um efeito tremendo.

Quando o fogo se aproximou destes picos, a solução encontrada para proteger a espécie foi retirar algumas crias — "menos de 10" dos 50 ninhos ativos atuais — para o centro de recuperação de aves do IFCN. Entretanto, Manuel Filipe garante que "já foram devolvidas aos ninhos com sucesso".

CARLA TOMÁS

ctomas@expresso.impresa.pt

DEMOGRAFIA

Mulheres não-europeias contribuem mais para aumento da fecundidade em Portugal

Número médio de filhos das mulheres estrangeiras em Portugal **varia muito entre nacionalidades**. "Não há um padrão único", conclui a demógrafa Maria João Valente Rosa, numa análise focada em 2021 e 2022

Texto **RAQUEL ALBUQUERQUE**
Infografia **SOFIA MIGUEL ROSA**

A imigração explica o aumento do número de crianças com menos de 15 anos em 2023 — pela primeira vez em duas décadas — e o crescimento da população residente para um recorde de 10,6 milhões FOTO PETRI OESCHGER/GETTY IMAGES

O número médio de filhos por mulher em Portugal aumentou ligeiramente nos últimos anos, embora continue a ser baixo e longe do necessário para substituir gerações. Esse aumento é explicado pela imigração, mas os níveis de fecundidade das mulheres estrangeiras a residir em Portugal variam muito entre nacionalidades. Em 2021 e 2022, foram as mulheres não-europeias que mais contribuíram para o aumento da fecundidade, segundo a análise feita pela demógrafa Maria João Valente Rosa, avançada ao Expresso e apresentada no colóquio da Associação Internacional de Demógrafos de Língua Francesa.

"A presença de mulheres estrangeiras é frequentemente apresentada como solução para evitar que os valores globais de fecundidade sejam muito baixos. Mas o comportamento das mulheres estrangeiras em Portugal em relação à fecundidade é bastante diverso. São as mulheres de países fora da União Europeia que contribuem mais para que a fecundidade em Portugal não seja tão baixa", conclui a professora da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. "Entre as mulheres europeias, os níveis de fecundidade são muito inferiores aos observados entre as portuguesas."

A análise incide sobre mulheres com o mesmo perfil etário, entre os 15 e os 49 anos, ou seja, em idade fértil. E os dados mostram que o número médio de filhos por mulher em Portugal foi de 1,42 em 2022, contando com todas as mulheres destas idades a residir no país, independentemente da sua nacionalidade. Contudo, quando se consideram apenas as portuguesas, o indicador desce para 1,37 e é ainda mais baixo (0,77) entre as europeias (UE-27). Pelo contrário, o número sobe consideravelmente entre as mulheres de nacionalidades extra-UE que, em 2022, tiveram, em média, 2,33 filhos em Portugal, de acordo com os cálculos feitos pela demógrafa a partir de dados do Instituto Nacional de Estatística, Eurostat e Nações Unidas.

Mesmo entre as mulheres de países terceiros, há diferenças no número médio de filhos. "Não é verdade que a fecundidade das mulheres de países fora da União Europeia seja sempre mais alta do que a das portuguesas", aponta Valente Rosa. É o caso das mulheres chinesas (0,88) e britânicas (0,10) em Portugal, com uma fecundidade mais baixa do que as portuguesas em 2022 (1,37).

FECUNDIDADE EM 2022
Número médio de filhos por mulher

EM PORTUGAL	1,42
MULHERES PORTUGUESAS	1,37
MULHERES ESTRANGEIRAS	1,97
UE (SEM PT)	0,77
FORA DA UE-27	2,33

FECUNDIDADE POR NACIONALIDADE
Em mulheres estrangeiras residentes em Portugal. Em 2022

	COM FECUNDIDADE MAIS ALTA	EM PORTUGAL	NO PAÍS DE ORIGEM
1	Paquistão	5,83	3,66
2	Bangladesh	4,47	2,18
3	São Tomé e Príncipe	3,88	3,70
4	Angola	3,32	5,21
5	Índia	2,98	1,99

	COM FECUNDIDADE MAIS BAIXA	EM PORTUGAL	NO PAÍS DE ORIGEM
15	China	0,82	1,03
16	Espanha	0,81	1,16
17	Países Baixos	0,80	1,49
18	Alemanha	0,79	1,46
19	Itália	0,45	1,24
20	Reino Unido	0,10	1,56

FONTE: CÁLCULOS APRESENTADOS EM PÓSTER CIENTÍFICO DE MARIA JOÃO VALENTE ROSA

A demógrafa comparou ainda a fecundidade das mulheres estrangeiras em território nacional com a dos seus países de origem. "Embora as mulheres estrangeiras em Portugal não sejam uma amostra representativa da população dos seus países, há casos em que a fecundidade é mais alta em Portugal do que no país de origem, como o Brasil e, especialmente, o Bangladesh. Mas também há casos em que é mais baixa em Portugal, como Angola e Guiné-Bissau", diz.

Os dados evidenciam que não existe um padrão único no número médio de filhos das mulheres estrangeiras em Portugal. "A cidadania estrangeira não constitui em si um preditor perfeito dos níveis de fecundidade e não existe qualquer regra sobre a relação do número observado em Portugal e nos países de origem."

Faltam dados atualizados

Sem imigrantes, o país estaria a perder população em vez de bater recordes de habitantes. Também não teria tido um aumento do número de crianças pela primeira vez em duas décadas e a natalidade teria caído, uma vez que o número de filhos de mães portuguesas foi o mais baixo de sempre. Por isso, os demógrafos acham fundamental estudar melhor o contributo da imigração na demografia. "As diferenças na fecundidade entre as mulheres estrangeiras exigem mais dados e uma análise profunda da relação entre comportamentos e dimensões globais de fecundidade, sejam culturais, religiosas ou socioeconómicas", alerta a demógrafa.

Também Pedro Góis, investigador na área das migrações, aponta para a falta de dados atualizados sobre as características sociodemográficas dos imigrantes. "Não vejo nos institutos que recolhem dados a atenção devida para ter esta informação com a atualização necessária. O recenseamento de 2021 já não é de todo útil e precisamos de dados para que o Serviço Nacional de Saúde e os serviços de Educação sejam adequados à realidade."

Para o investigador da Universidade de Coimbra, escolhido pelo Governo como futuro diretor do Observatório das Migrações, o país continua a precisar de um "fluxo contínuo" de chegadas para antecipar as saídas do mercado de trabalho. "Temos visto a imigração de um ponto de vista utilitário para a economia, mas é preciso olhara para o seu papel na demografia. O impacto das chegadas faz-se sentir em locais onde há mais necessidade de mão de obra e isso obriga a repensar planos para esses lugares, porque estas famílias precisam de habitação e de escolas para os filhos."

ralbuquerque@expresso.impresa.pt

O FUTURO DO FUTURO

As células reinventadas

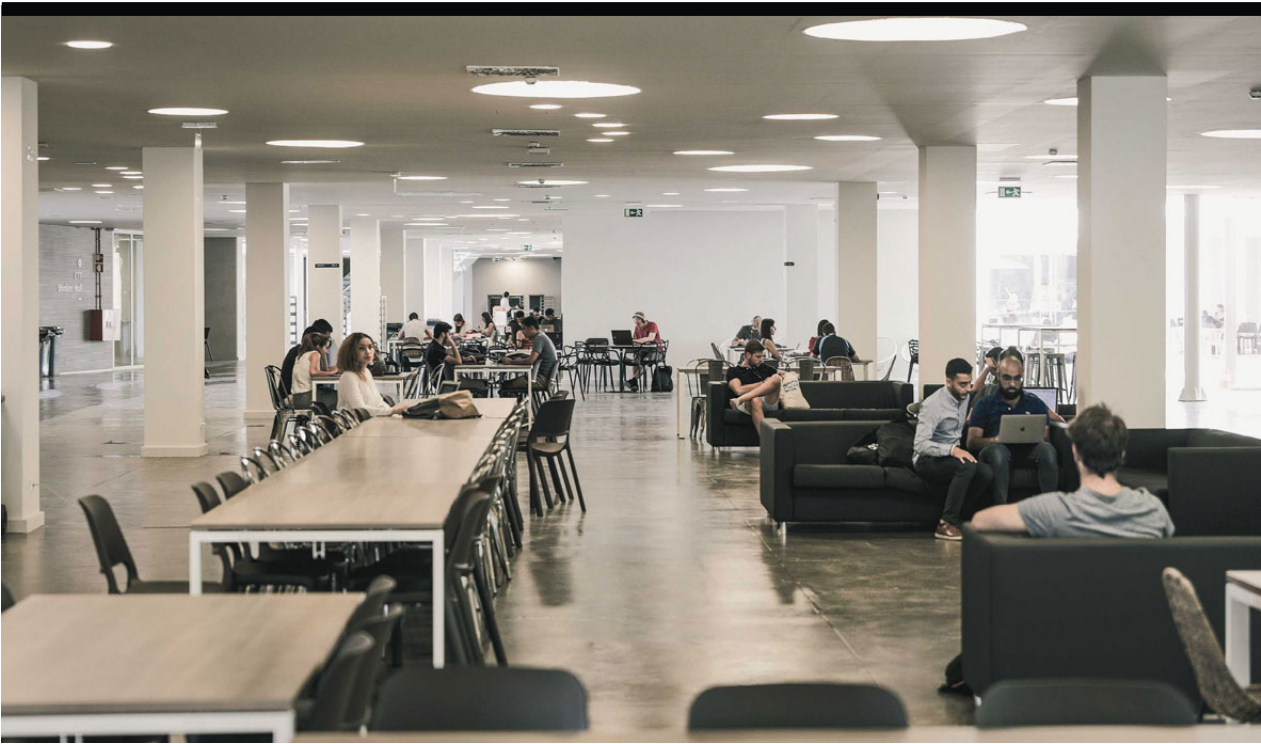
Investigadores da Universidade de Coimbra pretendem descobrir novas formas de superar lesões de AVC

Se os neurónios fossem células da glia, nenhum humano se poderia queixar de falta de células para pensar. Só que não é assim: enquanto as células da glia se multiplicam para assegurar funções de preenchimento, os neurónios que criam os circuitos que processam a mais variada informação não são substituídos quando morrem. Resultado: em acidentes vasculares cerebrais (AVC) ou em doenças neurodegenerativas há drásticas perdas de neurónios, que limitam a capacidade de entendimento e movimento. Ao mesmo tempo, as células da glia proliferam para ocupar o espaço vazio. É nesse cenário que surge o Centro de Neurociências e Biologia Celular da Universidade de Coimbra (CNC-UC), com o objetivo de trocar as voltas ao destino celular. "Queremos converter células de preenchimento em neurónios. Em vez de transplantarmos neurónios, vamos reprogramar células", informa Lino Ferreira, investigador do CNC-UC.

O projeto Regenerar arrancou em março, com €3 milhões do Conselho Europeu de Inovação. Durante três anos, os investigadores de Coimbra vão trabalhar com o Instituto Fraunhofer e o Centro Helmholtz e as empresas Hovione e Single Technologies numa linha de investigação que se distingue pelo uso de nanopartículas de polímeros, em vez de nanopartículas produzidas com vírus. Lino Ferreira não refere detalhes por questões de proteção intelectual, mas explica o processo: o CNC-UC usa as nanopartículas como "ninjas" que entram em células da glia e têm a destreza para evitar a eliminação e garantir o acesso ao citoplasma. No citoplasma, o "ninja" polimérico descarrega o equivalente a "um cocktail molecular" que leva a célula da glia a produzir proteínas que não produzia antes. "O facto de produzir proteínas diferentes já distingue a célula", refere Lino Ferreira, admitindo que a morfologia das células da glia pode mudar.

Tendo potencial, o projeto não é inédito: "Há o desafio de converter uma célula madura numa célula complexa, como um neurónio. Eventualmente, é algo que poderá beneficiar do facto de neurónios e células da glia costumarem ter interações. A questão é saber se faz mais sentido fazer isto com células da glia ou com células estaminais", declara Mamede de Carvalho, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, que não participa no Regenerar.

HUGO SÉNECA
sociedade@expresso.impresa.pt

ENSINO SUPERIOR

A Nova SBE, em Carcavelos, tem o mestrado mais caro do país: custa €19.650 FOTO JOÃO CARLOS SANTOS

Mestrados podem custar €20 mil: diretores dizem que ninguém fica de fora

Faculdades querem que o Governo **descongele o valor das propinas** das licenciaturas fixado em €697 por ano

ISABEL VICENTE

Quanto custa um mestrado e porque é que há propinas desde €1000 a €19.650? Não existe uma resposta fechada para esta pergunta. Os mestrados ganharam vida própria após a Declaração de Bolonha, em 1999, quando as licenciaturas a nível europeu passaram a ser de três anos, salvo algumas exceções.

Quem tem de escolher e faz uma busca nos diversos endereços das universidades públicas depara-se com propinas para mestrados muito díspares. Porquê, foi o que o Expresso perguntou a alguns dos dirigentes dos estabelecimentos de ensino superior. A questão que se seguiu foi, inevitavelmente, a de saber se, com preços tão elevados, os estudantes portugueses correm o risco de, tendo talento e conhecimento, não terem dinheiro para ir mais longe na vida académica.

À segunda pergunta os dirigentes de três universidades/faculdades dizem que, havendo talento, requisitos e candidatos, não é a falta de capacidade financeira que deixa o aluno de fora. As bolsas, afirmam, servem para isso mesmo: venham elas do Estado, das próprias instituições de ensino ou até de privados.

Pedro Oliveira, da Nova SBE, Rita Sousa, da Escola de Economia e Gestão (EEG) da Universidade do Minho, e João Duque, do Instituto Superior de Economia e Gestão (ISEG), atestam a existência de disparidades no custo dos mestrados, mas também advertem para o facto de serem muito inferiores aos praticados no resto dos países europeus — em Espanha, refere o *dean* da Nova SBE, um mestrado na área das Finanças custa o triplo. "Em Portugal somos quem tem propinas mais elevadas, mas em comparação com o *top* 20 [mundial], com quem competimos, não", sustenta Pedro Oliveira, *dean* da Nova SBE, a faculdade que pratica os preços mais elevados de mestrados em Portugal — podem chegar quase aos €20 mil.

Os alunos portugueses com uma capacidade financeira menor "beneficiam de bolsas", que a faculdade atribui. Pedro Oliveira admite mesmo que as propinas dos alunos internacionais (fora da União Europeia) são mais elevadas "exatamente para se poder atribuir mais bolsas e apoiar quem não tem capacidade para pagar". E explica: "Somos um bocadinho o Robin dos Bosques, mal comparado; não roubamos nada a ninguém, mas quem pode pagar mais paga e quem não pode tem uma bolsa." Para tal, garante, contribuiu a estratégia de internacionalização seguida pela Nova SBE: "Em termos europeus, somos o 7º melhor mestrado na área de Finanças e o 15º do mundo, segundo o *ranking* do 'Financial Times'."

"O que temos de fazer é garantir que os alunos que se candidatem a um mestrado e tenham os requisitos exigidos pelas escolas não fiquem de fora", sublinha. É nesse sentido que a Nova SBE vai investir até ao final do ano "€3,1 milhões no programa de bolsas", face aos €2,4 milhões investidos em 2023, para "possibilitar o acesso a um ensino de qualidade a todos".

Rita Sousa, vice-presidente da EEG da Universidade do Minho para a Educação e Sustentabilidade, também não acredita que haja bons alunos a ficar para trás devido aos preços dos mestrados. "Não acho provável que os

Diretores admitem que cobram mais aos alunos fora da UE para poderem dar mais bolsas

bons alunos fiquem de fora dos mestrados devido às propinas. Pelo que sei, os cursos de Gestão, Economia e afins, mesmo nas universidades mais caras, geralmente conseguem preencher as vagas. As médias de entrada são razoáveis, o que indica que os alunos com boas notas estão a entrar", sublinha.

Numa sondagem informal feita na EEG, onde se perguntava aos alunos finalistas o que influenciava na escolha da instituição para fazer o mestrado, "as propinas não se revelaram um fator determinante". Nesta faculdade, que não é a mais acessível, mas também não é a mais cara, os custos das propinas dos mestrados oscilam entre os €2500 e os €3500.

A duração do mestrado — que pode ir de um a dois anos — funciona como atenuante do preço, acredita Rita Sousa. "O mestrado representa um investimento de muito curta duração", daí que os alunos valorizem sobretudo a instituição onde vão estudar. "Muitos estudantes manifestaram principalmente uma preferência por diversificar a sua formação, optando por instituições diferentes para fazer o mestrado daquelas onde fizeram a licenciatura", explica.

Para o presidente do ISEG, em Lisboa, o fundamental "é ter mais bolsas para atrair e reter mais talento". João Duque defende até que "os valores deverão ser mais elevados para acompanhar a tendência do mercado". Com uma condição, porém: "Cabe às instituições arranjar apoios para atribuir bolsas e apoiar estudantes com maiores dificuldades", sem que estejam "dependentes do Estado". Um caminho difícil, porque, reconhece, "muitas vezes não é fácil obter financiamento privado para bolsas". No ISEG, "a associação de antigos alunos contribuiu" para que este caminho continuasse a ser feito. Aqui os mestrados vão dos €4950 aos €7900 para alunos da União Europeia.

O Expresso tentou falar com o presidente do Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas, Paulo Jorge Ferreira, também responsável pela Universidade de Aveiro, mas não foi possível.

Diretores querem cobrar mais pelas licenciaturas

Se os valores dos mestrados podem ser livremente definidos por cada instituição de ensino, o mesmo não sucede com os preços das propinas para as licenciaturas, que desde 2020 estão congelados no valor máximo de €697 anuais, sendo que o valor mínimo é de €450. Estes preços são definidos pelo Orçamento do Estado e os responsáveis com quem o Expresso falou esperam que no novo Orçamento o Governo descongele estes valores. Para quanto? Ninguém sabe.

A preocupação que levou ao congelamento das propinas foi de cariz social, justificado pela incerteza sobre o futuro, mas nada se alterou no pós-pandemia. Rita Sousa, da EEG da Universidade do Minho, afirma que "o congelamento de propinas tem sido uma prática corrente" e que "as implicações são relevantes". Também Pedro Oliveira, da Nova SBE, vinca que "seria desejável as propinas serem descongeladas".

João Duque afirma que este pode ser um problema, até porque, para "contratar professores e fazer face aos gastos e necessidades de cada mestrado, as escolas precisam de gerir muito bem as suas receitas".

ivicente@expresso.impresa.pt

CURIOSIDADES SOBRE O ENSINO SUPERIOR EM PORTUGAL

- Desde 1986 que há mais mulheres do que homens inscritos no Ensino Superior. Atualmente, são 54% do total.
- No passado ano letivo (2022/23), foi atingido o recorde de alunos inscritos: eram 446.028 (incluindo todos os ciclos de estudos do ensino público e privado). São mais 18% do que há dez anos.
- O número anual de diplomados mais do que duplicou em três décadas. Quase 96 mil terminaram os estudos em 2023 — e em 1996 foram 42 mil.
- Cerca de 38% dos alunos do 1º ano, inscritos pela primeira vez em 2022/23, estavam em instituições na Área Metropolitana de Lisboa. O Norte tinha 33% dos alunos.
- Para o próximo ano letivo (2024/25) já foram colocados 49.963 estudantes. Sobram agora 4996 vagas para a 2ª fase. As candidaturas estão a decorrer até 4 de setembro e os resultados saem a 15 de setembro.

PHELIPE DE ANDRADE e RAQUEL ALBUQUERQUE

195 mil pessoas vivem em casas sem construção antissísmica em Lisboa

Mais de metade dos edifícios da capital, quase 30 mil (60%), não têm construção adequada. O risco sísmico depende da habitação, da zona e também do tipo de solo

Texto **MARA TRIBUNA** Infografia **JAIME FIGUEIREDO**

Há cerca de 30 mil edifícios em Lisboa que não são resistentes a sismos. O município tem 49.223 prédios de habitação e, destes, 29.673 foram construídos antes de 1960, dois anos antes de a primeira legislação antissísmica ter entrado em vigor em Portugal. Isto significa que 60% das habitações da capital não estão preparadas para sofrer tremores de terra. Os números são avançados por Mónica Amaral Ferreira, investigadora do Instituto Superior Técnico especializada em risco sísmico e membro da equipa do ReSist, o programa de promoção de resiliência sísmica da Câmara Municipal de Lisboa.

No concelho de Lisboa moram 195.080 pessoas em habitações construídas até 1960, representando 36% do total de 544 mil habitantes. Os dados são do Censos 2021, do Instituto Nacional de Estatística, que considera 'épocas de construção' em vez de anos, não sendo por isso possível saber ao certo quantas casas são anteriores a 1958.

Mas é possível saber quais as zonas mais vulneráveis para se morar na cidade, através da "Carta do Tipo de Solos" de Lisboa, explica Mónica Amaral Ferreira. "Quando construímos uma casa temos de saber que tipo de terreno temos por baixo, para saber a fundação mais apropriada. Solos mais rijos são melhores do que aqueles junto ao rio, mais brandos e arenosos", sublinha a investigadora do Centro de Investigação, Inovação e Sustentabilidade de Engenharia Civil do Técnico.

O mapa, aqui reproduzido, distingue também os níveis de movimento sísmico. "Nas zonas a vermelho, esse movimento será maior, os solos vão oscilar mais, pelo que os edifícios devem ter uma melhor qualidade construtiva", afirma Rui Carrilho Gomes, engenheiro geotécnico e professor no Instituto Superior Técnico. "Na Baixa de Lisboa e zona ribeirinha, os solos são mais fracos e deformáveis. É um pouco como a gelatina: vai mexer mais do que um bolo, que é mais rígido", compara o responsável da equipa do Centro Europeu de Riscos Urbanos, que participou na classificação dos solos de Lisboa.

Além das áreas à beira do rio Tejo, há outros pontos na cidade com maior vulnerabilidade — ficam nos chamados "terrenos de tipo E", que têm uma particularidade, diz Rui Carrilho Gomes. Trata-se de solos superficiais, mais deformáveis, que no entanto têm por baixo uma camada rígida, explica o especialista em geotecnia, dando o seguinte exemplo: "No bilhar, quando lançamos a bola contra a parede da mesa, ela é totalmente refletida, porque a parede é muito rígida. No caso destes solos, quando a energia chega ao material rígido, provoca uma vibração significativa, e o movimento sísmico aumenta." Ora, se num terreno "mau" o edifício for antigo, a vulnerabilidade é "muito grande".

A "Carta do Tipo de Solos" foi feita pela autarquia no âmbito do programa ReSist e é uma das 47 medidas destacadas pela Câmara de Lisboa.

EDIFÍCIOS NA BAIXA DE LISBOA E NAS ZONAS RIBEIRINHAS ESTÃO EM MAIOR RISCO DEVIDO AO TIPO DE SOLO

Passaram mais de três anos e meio desde que foi apresentado o chamado "programa municipal de promoção da resiliência sísmica do parque edificado, privado e municipal e infraestruturas urbanas municipais", ainda durante o mandato de Fernando Medina.

O que falta fazer

Numa resposta enviada ao Expresso, a autarquia garante que o programa "tem sido uma prioridade deste Executivo" e que está "em plena atividade desde o início do mandato" de Carlos Moedas, em outubro de 2021. Ainda não foi tudo feito: falta, por exemplo, identificar as vias de evacuação prioritárias na cidade e os pontos de abrigo para a população em caso de terramoto, bem como as "Zonas de Concentração e Apoio à População" — os locais para onde as pessoas devem ser encaminhadas depois de um evento sísmico (ver texto ao lado).

Por outro lado, a autarquia diz que concluiu a avaliação de viadutos, a georreferenciação de todos os muros de contenção e taludes naturais (declives), fez vistorias a 100 edifícios municipais, incluindo 50 habitacionais e 50 equipamentos, e, sobretudo, realizou muitas ações de formação a professores, arquitetos, engenheiros, técnicos municipais e da Proteção Civil. No total, a Câmara destaca pelo menos 17 "ações internas e externas" que já foram postas em prática para reduzir o risco sísmico na capital.

Hospital da Luz é o único com isolamento sísmico

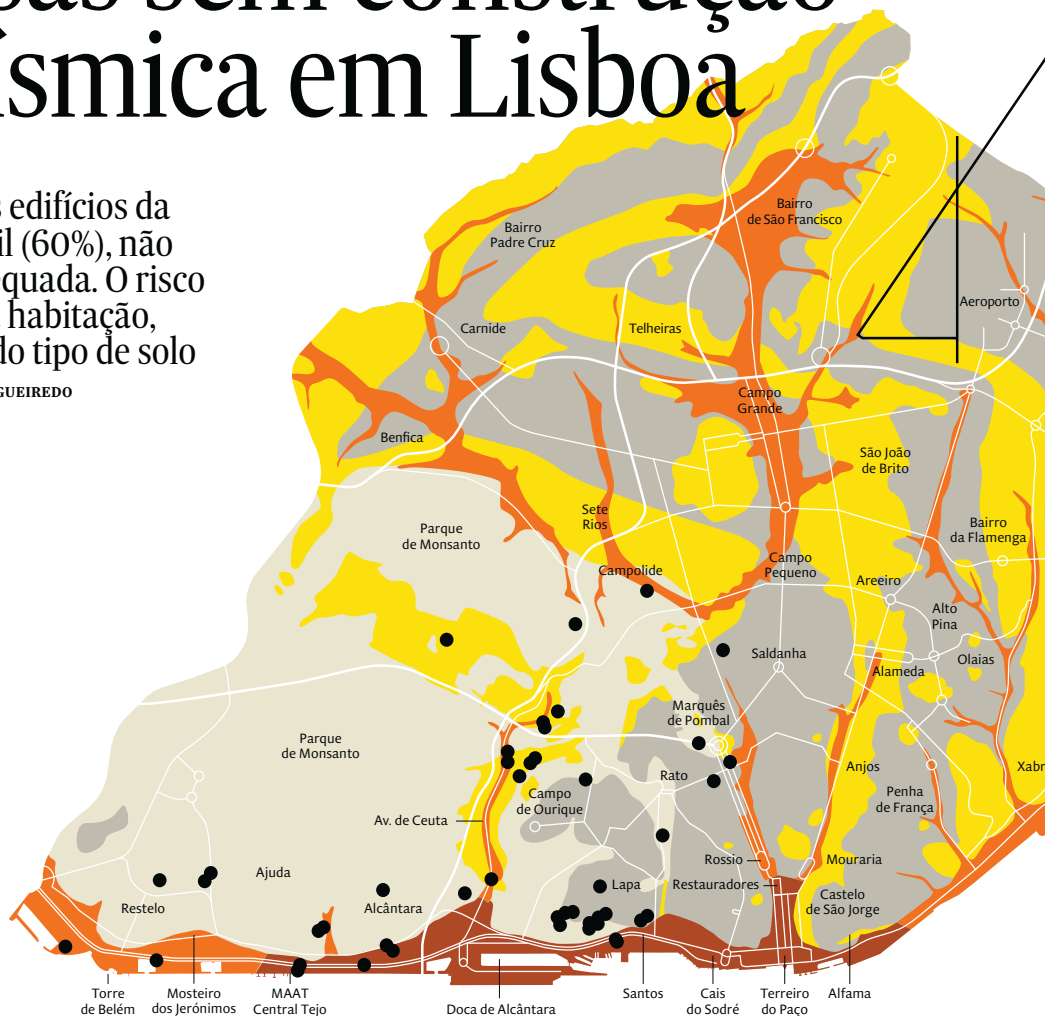
Além das habitações, a percentagem de edifícios municipais que precisam de reforço contra terramotos em Lisboa é apenas "10%", avançou Moedas na segunda-feira, dia em que Portugal foi abalado por um sismo de magnitude de 5,3 na escala de Richter. O autarca detalhou que a Câmara está a "avaliar mais de 1500 edifícios municipais" para saber "onde estão os perigos".

Não significa que estes 10% vão colapsar, ressalva Mónica Amaral Ferreira. "Podem ter danos nas janelas, chaminés, telhas e paredes divisórias" que podem "deixar os edifícios inutilizáveis por tempo indeterminado".

SE NUM TERRENO MAU O EDIFÍCIO FOR ANTIGO, A VULNERABILIDADE É "MUITO GRANDE"

Apesar de este tipo de estragos não ser tão grave como o colapso — que é "o pior problema de todos" —, em infraestruturas públicas como um hospital "não podemos ter tubagens, condutas e tetos falsos a cair", da mesma forma que "os equipamentos não podem oscilar", adverte a especialista em risco sísmico. Em Lisboa, o Hospital da Luz é o único que foi construído com isolamento de base, uma tecnologia de proteção sísmica que isola a estrutura dos movimentos do solo. Inicialmente, o sistema foi pensado para diminuir as vibrações do metro que passa mesmo à beira (Linha Azul), e só "depois é que se pensou em usar esta opção para que o hospital pudesse responder em caso de evento sísmico", acrescenta.

Mais uma vez, "não quer dizer que os outros hospitais, como Santa Maria ou São José, vão colapsar, porém são antigos e vão ficar inoperacionais, porque terão danos significativos" que podem impossibilitar a entrada de ambulâncias e de doentes, explica Mónica Ferreira. O mesmo acontece com a maior parte dos quartéis de bombeiros da cidade. Só há "pelo menos duas construções recentes", na Alta de Lisboa e no Martim Moniz, pelo que "devem ser tomadas medidas" para proteger as outras mais antigas, sobretudo as que se situam nas zonas de maior vulnerabilidade sísmica.

mtribuna@expresso.impresa.pt

EXPRESSO.PT Utilize o código para ler mais sobre o tema

ECONOMIA “Reforço antissismo varia entre 10% e 25% do custo das obras” E18

Vulnerabilidade sísmica dos solos
- AB Baixa a moderada
- B Moderada
- BC Moderada a elevada
- C Elevada
- D Muito elevada
- E Extremamente elevada

NÚMEROS

1572

sismos foram detetados pelo sistema de monitorização do IPMA este ano, entre 1 de janeiro e 27 de agosto

2478

sismos foram detetados no país em 2023, maioritariamente abaixo de magnitude 1 na escala de Richter

10º

lugar desde o século XVI foi onde ficou o sismo de 26 de agosto. Foi o único com magnitude superior a 5 nos últimos três anos, período em que houve oito com magnitude superior a 4 (5 em 2022, 2 em 2023, 1 em 2024)

SISMOS

INVESTIGAÇÃO

É possível antecipar o impacto de sismos por segundos

IPMA tem um sistema experimental de alerta precoce. Capacidade de antecipação depende de vários fatores

Já é possível “detetar um sismo uma dúzia de segundos antes de este produzir impactos”, diz ao Expresso Miguel Miranda, geofísico e ex-presidente do Instituto Português do Mar e da Atmosfera (IPMA). Porém, “predeterminar que vai haver um sismo e qual será a sua magnitude e intensidade é mais difícil”, acrescenta. A capacidade de deteção precoce depende do tempo de duração da rotura e da violência no interior da crosta terrestre, que liberta energia e transmite vibrações a uma vasta área.

Na madrugada de segunda-feira, o sistema de alerta precoce monitorizado pelo IPMA não permitiu prever o sismo, mas sim detetá-lo e “emitir internamente um primeiro alerta com nove segundos de antecipação da chegada das ondas S (as mais impactantes) a Lisboa”, indica fonte oficial deste instituto. Às 5h11 de 26 de agosto, o IPMA identificou a magnitude de 5,3 (escala de Richter), com epicentro a cerca de 60 km a oeste de Sines e a 25 km de profundidade. O abalo foi sentido com maior intensidade na região de Setúbal, Lisboa, Beja, Faro, Santarém e Leiria, e menor no resto do continente. Seguiram-se nove réplicas de pequena magnitude não sentidas.

Não é possível prever a ocorrência e determinar previamente a magnitude do sismo

O sistema permite detetar os sismos que ocorrem em terra ou em zonas submersas a sul e a sudoeste do continente e, “quando de maior magnitude, tem forma de garantir que a informação chegue a Lisboa em 30 ou 40 segundos”. No entanto, o IPMA — que é a sede do Centro Europeu de Alerta de Tsunamis para o Atlântico Norte, desde 2021 — reconhece que “há necessidade de reforçar o investimento na melhoria e densificação das redes acelerométricas terrestres e na instalação de capacidade de monitorização sísmica em oceano profundo”. Em curso está a instalação do Atlantic SMART CAM, um “sistema de telecomunicações por cabos submarinos, com vários tipos de sensores para deteção sísmica e medição de tsunamis”. C.T.

Em Mafra, a população tem acesso aos mapas por freguesia com pontos de fuga em caso de sismo FOTO GETTY IMAGES

Só um município tem plano especial de fuga

Lei não obriga a que municípios façam planos especiais de emergência de risco sísmico, mas proteção civil aconselha como “complemento”

Mafra é o único município em Portugal continental com um Plano Especial de Emergência de Risco Sísmico, que permite aos cidadãos perceber para que “zonas de concentração” no concelho se devem dirigir no caso de um sismo de elevada magnitude e intensidade, com probabilidade de originar um *tsunami*. É o que consta no sistema de informação da Autoridade Nacional de Emergência e Proteção Civil (ANEPC).

“O nosso plano identifica pontos de fuga em função do risco e os locais de maior vulnerabilidade, assim como os sítios para acolher as pessoas, e faz parte da estratégia do município, que sempre foi muito sensível às questões de proteção civil e tem a noção de que cada território tem a sua especificidade”, esclarece ao Expresso o presidente da Câmara de Mafra, Hugo Luís. Neste plano há mapas acessíveis ao público, com identificação dos níveis de danos projetados por áreas, a localização de diferentes infraestruturas e as “zonas de concentração e irradiação” da população por freguesia.

Já no Plano Municipal de Emergência de Proteção Civil de Lisboa (não “especial”) apenas consta uma lista com 40 “zonas de concentração de apoio à população” e é referido que cabe às forças de segurança e proteção civil “orientar a evacuação das populações”. Entretanto, o “planeamento local de emergência”, que envolve a proteção civil municipal e as juntas de freguesia, e o Plano de Evacuação da Frente Ribeirinha (com rotas, pontos de encontro, locais de abrigo vertical ou soluções para as barreiras físicas que separam o rio da cidade) estão em “elaboração” ou “reformulação”, esclarece o gabinete de comunicação do presidente Carlos Moedas.

Para já, Lisboa conta com duas sirenes e sinalética de “evacuação horizontal” na Praça do Império e na Av. Ribeira das Naus em caso de *tsunami* e prevê instalar mais duas, na Estrela e em Alcântara, em breve. O “reforço deste sistema” com mais seis equipamentos na frente ribeirinha, entre Santa Apolónia e o Parque das Nações, tem “planeamento a três anos”.

Também existem dois planos especiais regionais de emergência para o risco sísmico, um para a Área Metropolitana de Lisboa (AML) e outro para o Algarve, mas apenas estabelecem as regras de funcionamento organizacional das autoridades no terreno, sem explicitar rotas de evacuação ou zonas de concentração. Nestes lê-se que serão ativados “automaticamente ao fim de 120 minutos” após ocorrer um evento sísmico com epicentro na AML ou no Algarve “com magnitude igual ou superior a 6,1 na escala de Richter, ou estimativa de intensidade máxima igual ou superior a VIII na escala de Mercalli”.

Hora de agir

“Talvez esteja na hora de os municípios acelerarem este processo de planos especiais, já que os planos de emergência gerais não têm os detalhes sobre pontos de fuga”, aconselha José Guilherme, da proteção civil do Alentejo. Espera que o sismo registado esta semana “sirva para criar uma cultura de segurança na sociedade”, já que “perante um sismo de grande magnitude somos nós que temos de estar preparados para sobreviver até chegar ajuda”. E esta “pode não chegar nas primeiras 24 horas”, adverte João Fonseca, engenheiro civil do Instituto Superior Técnico, que “perante um sismo sentido numa zona costeira, cujo abalo dure mais de 20 segundos”, aconselha “a avançar para um ponto 50 metros acima do nível do mar ou ir para mais de 2 km longe da linha de costa”.

O diretor nacional de Prevenção e Gestão de Riscos da ANEPC, Carlos Mendes, já tinha insistido na ideia de que “a primeira resposta muitas vezes não é protagonizada pelas estruturas organizadas de socorro” e que “nas primeiras horas após um sismo é a entreajuda entre cidadãos que funciona até que o socorro se consiga reorganizar”. Daí que seja importante os cidadãos saberem como reagir e para onde fugir, independentemente das regras básicas de como agir em casa ou na rua em caso de sismo. Porém, a legislação em vigor apenas obriga os municípios a terem um plano de emergência municipal com “enquadramento institucional e operacional da proteção civil” no caso de uma catástrofe. Questionado sobre o porquê de os planos especiais não serem obrigatórios, o Ministério da Administração Interna (MAI) remete a resposta para a ANEPC. Esta autoridade esclarece que estes “deverão ser elaborados adequados à frequência e magnitude dos riscos específicos” e “em complemento” ao plano municipal de emergência para enfrentar a generalidade das situações.

Sistema de alerta em discussão

Há outros municípios, como Cascais, Setúbal, Portimão, Lagos e Loulé, que também têm sinalética ou sirenes (ou ambos) para alerta local de *tsunami*. Contudo, um sistema de alerta generalizado à população ainda “está em discussão”. Em 2023, o Governo aprovou um despacho que “determinou a elaboração de um relatório sobre a implementação de um sistema de aviso por difusão celular” (*cell broadcast*), uma tecnologia que permite o envio de alertas de emergência para eventos extremos mais rapidamente que as SMS. O MAI diz ter “em análise” o processo que “integra a pasta de transição”.

O Instituto Português do Mar e da Atmosfera considera que a criação deste sistema precisa de “ser agilizada”. Prevê-se que seja dirigido “apenas aos *smartphones* localizados nas áreas expostas aos movimentos fortes expectáveis acima de um determinado limiar”, como operacionalizado noutros locais do mundo. Em análise está também o sistema de aviso Galileo, que a ANEPC explica ser “uma iniciativa da Comissão Europeia destinada a utilizar a tecnologia para disseminar avisos à população via satélite para os *smartphones*”. Prevê-se que este sistema entre em funcionamento em 2025.

CARLA TOMÁS
ctomas@expresso.impresa.pt

Olga Roriz Bailarina e coreógrafa

"Quem faz arte salvou-se no meio de todo este marasmo"

Textos BERNARDO MENDONÇA
Fotos JOSÉ FERNANDES

Olga Roriz é uma das criadoras que mais marcaram o rumo da dança e das artes performativas em Portugal. Para o ano, a sua companhia de dança completará 30 anos de existência e Olga celebrará 70 de vida e 50 de carreira. Atualmente, a coreógrafa está em fase de pesquisa para o seu próximo solo, "O Salvado", mais de 10 anos depois do seu último "A Sagração da Primavera", estreado em 2013. A data deste seu regresso aos palcos está marcada para julho de 2025, primeiro no Porto [Teatro Carlos Alberto, de 3 a 5], depois em Lisboa [Teatro São Luiz, de 9 a 12]. E aqui Olga levanta a cortina do que está a preparar. E deixa o apelo: "Dancem mais."

P Tem levado à cena espetáculos que refletem as guerras e conflitos do mundo, como o "Antes que Matem os Elefantes", onde abordou o horror que se vive na Síria. A peça "Síndrome" foi a continuação do tema. E, mais recentemente, com "1001 Noites, Irmã Palestina" resgatou para palco um dos locais mais massacrados do planeta. O que podem a arte e a dança fazer na reflexão sobre estes temas tão complexos e terríveis?

R A palavra é essa, refletir. E é importantíssimo esse ativismo, que surge de repente quando se está a criar um espetáculo e que não fica só ali no estúdio. Porque saímos e vamos deixando rasto por todo o lado. As nossas conversas são sobre isso, e há o vizinho, a senhora do supermercado, a tia, o primo ou o amante, não fica só ali. Uma das coisas importantes que gostaria de oferecer ao público é não só o ponto de vista criativo, mas também de reflexão. Não temos todos que produzir arte, mas os nossos pensamentos podem ser criativos e atentos, e o que existe na arte é essa atenção redobrada.

P A arte que lhe interessa é aquela que vai também às trevas?

R Exatamente. Mesmo que, por vezes, pareça estar muito virada para dentro, mas são embates que temos. As nossas feridas abertas que vêm pelo mundo exterior, não é? E depois é escarafunchar lá dentro e deitar isso cá para fora, pois as nossas feridas são as mesmas do vizinho ou dos nossos irmãos lá muito longe.

OUÇA A ENTREVISTA NA ÍNTEGRA NO *PODCAST* **"A BELEZA DAS PEQUENAS COISAS"** EM ***EXPRESSO.PT/PODCASTS***

P Fala-se muito do olhar anestesiado das pessoas perante o horror do mundo que aparece nas redes sociais ou na televisão. A arte consegue criar outra atenção, outra empatia, entra pela fenda?

R Sim, quem faz arte é um privilegiado, salvou-se no meio de todo este marasmo.

P E a arte salva o público desse marasmo?

R É a missão da arte, trazer pensamento e trazer beleza. E a beleza pode estar no feio.

P O que é que mais lhe interessa agora levar a palco?

R Neste momento estou um bocadinho virada para mim, mulher, aos 70 anos, mas no sentido universal. E estou num sítio de autocrítica. "Mas vamos fazer outras coisas que não fizeste, vamos lá. Porque é que não te despes agora que o teu corpo já não é tão 'belo'?" Belo entre aspas. E é rir com isso... com a velhinha nua que passa no palco. (risos) Eu tenho já essa cena, que é muito engraçada, em que eu me dispo — não vou dizer a cena toda —, mas depois volto, mando parar a música, e digo: "Mas o que é isto? Está tudo louco? A velhinha nua?" (risos)

> "A MISSÃO DA ARTE É TRAZER PENSAMENTO E BELEZA. E A BELEZA PODE ESTAR NO FEIO"

P Está num confronto consigo própria?

R Sim, mas de uma maneira muito pacífica. Em vez de apanhar sol, estou a apanhar ideias.

P Não anda há uma vida a fazê-lo?

R Claro, mas estou agora com mais tempo para estas residências artísticas que ando a fazer. Dou-me a esse luxo. E fico muito quietinha, não vá a ideia desaparecer. (risos) Com esta possibilidade de sairmos de casa para criar ficamos muito sensíveis ao que se passa em nós no momento, desde perder um amante ou morrer a melhor amiga.

P Nos últimos anos tem desenvolvido o projeto de dança "Corpo em Cadeia", com reclusos do Estabelecimento Prisional do Linhó, e com eles estreou recentemente o espetáculo "A Minha História não é Igual à Tua". Como foi a experiência de coreografar aqueles corpos?

R Antes da dança, há um espaço de criação, de responsabilidade, de bem-estar, de amizade, de liberdade, de carinho, de humanidade, de entendimento, de partilha. E partilha entre eles e com a Catarina Câmara, que é a mentora do projeto. Eles vêm todos aperreados de espaços de dois ou três metros quadrados e não sabem correr, não sabem andar.

P Perderam o corpo?

R Perderam o corpo. Nesse processo de criação, da primeira vez que lhes pedi uma corrida, a Catarina disse-me logo: "Olga, eles não conseguem. Já não correm há muito tempo." A corrida que lhes estava a pedir era para quase fugirem dali. (risos)

P E eram todos amadores...

R Eles é que nos escolhem, não somos nós a escolher. Trabalhei com eles como trabalho com bailarinos profissionais e foi uma sensação de privilégio para eles e para mim. Todos os dias saía plena. E, ao mesmo tempo, cheia de dúvidas. O que é a arte e a criação? Houve uma altura em que lhes dei um giz, cheia de medo de que eles não quisessem fazer o que eu queria, e disse-lhes: "Gostava que cada um de vocês desenhasse a vossa cela." Pus uma música e foi uma coisa extraordinária, porque aquilo era uma obra de arte. Incrível! Fizeram todos a mesma coisa. De cócoras no chão, desenharam a mesinha, a caminha [da sua cela], tudo igual. Esse momento existe no espetáculo. E então pensei: "O que é que estou a fazer? Estou a usar estas pessoas para o desenvolvimento das minhas ideias?"

P Receava que fosse muito íntimo?

R Sim. E no final perguntei-lhes o que acharam. E eles: "Ah, agora sim, faz-nos imenso sentido fazer esta parte depois da outra..." Já estavam todos 'prós'. Mas depois uma das coisas que é muito importante é o que eles levam dali, a maneira como estão na própria prisão, a forma como se dão com a família. Eles modificaram-se imenso.

P A arte a mudar vidas...

R E passaram a ter objetivos, porque a maior parte das pessoas perde-os quando chega ali [à prisão]. Alguns já saíram, felizmente. Estão ótimos e eu trouxe um. [Esteve na Companhia Olga Roriz uns meses, depois seguiu para França.]

P Esses reclusos e ex-reclusos ganharam autoestima?

R Sim. Eles eram todos "Elvis just left the building". As pessoas cá fora, aos gritos. Foi lindo. Mesmo a relação com os guardas e com a própria direção [mudou].

P Qual é o lugar da dança numa época em que andamos cada vez mais isolados, mais desencontrados, mais virtuais, sem tempo, sem corpo, sem toque. Cada vez mais presos dentro dos nossos corpos e dentro dos nossos telemóveis...

R Exatamente. Já nem sequer sabemos dançar, e por isso é que vou ao Lux para dançar. A minha missão é puxar as pessoas para dançar. E depois está ali a 'avozinha'. (risos) Os corpos estão miseráveis, a definhar, a parar. Por isso digo que os bailarinos se salvaram...

P Nietzsche é autor da famosa frase "não acredito em um Deus que não dance". Não acredita nas pessoas que não dançam?

R Tenho muita pena delas. É uma grande tristeza, porque acho que é algo que é de graça, que existe na nossa vida, no nosso corpo. Não é preciso dançarem, mas pelo menos não irem contra as coisas. Há pessoas que nem percebem a dimensão dos espaços, as distâncias entre uma pessoa e a outra, e vão contra as cadeiras sem estarem embriagadas. E nem sequer falo da noção estética.

P Num tempo em que se aperfeiçoa a inteligência artificial, onde está o corpo e a dança?

R Não tenho nada contra a inteligência artificial. Tem de haver uma inteligência que não seja artificial a funcionar, o que rareia.

P Como sente as diferenças no corpo com os anos?

R Uma das coisas mais importante para mim é criar, ter ideias, pôr em prática, olhar, sentir o que se passa

à minha volta. O corpo não está em primeiro lugar, apesar de ser da dança. Quer dizer, o corpo está lá, mas neste caminho há um pensamento que é muito forte.

P Mas com os novos limites e fragilidades que o corpo apresenta…

R Sempre trabalhei assim. Aliás, a minha coreografia, a minha linguagem, veio dos meus limites, das minhas perninhas curtas, do meu tronco que nunca mais acaba, agarrado ao chão. Isso fez de mim a coreógrafa que sou. E assumir e aceitar que não sou aquela bailarina esguia, belíssima, que tinha sempre ao meu lado. Mas consegui encontrar outras coisas. E acontece agora. Claro que tenho mais dificuldades na cervical e nos joelhos, porque já foram muitas quedas, piruetas e saltos. Muita pomba assassinada. Ninguém gosta de se sentir envelhecer, porque o envelhecimento nos torna próximos da morte. Também tenho a noção de que é neste envelhecer que está a minha riqueza neste momento e estou a tirar partido disso, da 'velhinha nua'. Aquilo que tenho agora é a minha matéria de trabalho.

> “É NESTE ENVELHECIMENTO QUE ESTÁ A MINHA RIQUEZA. ESTOU A TIRAR PARTIDO DA ‘VELHINHA NUA’”

P Ouvi-a dizer que com a idade tornou-se mais absurda, com menos medo do ridículo. De que forma?

R Gostaria que esse humor viesse mais à tona. Neste próximo solo adorava surpreender-me.

P Já não faz um solo desde 2013. De onde veio o nome “O Salvado”?

R Apareceu-me [o nome] a partir do ponto de vista deste naufrágio que é a vida e o que se salvou.

P A vida é um naufrágio? Um salve-se quem puder?

R Exatamente. E é aquilo que ficou colado ou que ainda vou buscar mais à frente. O próximo solo tem coisas minhas, mas não é autobiográfico, é uma procura. O que é que quero e de que gosto agora? Ao mesmo tempo, há coisas que os meus bailarinos dançaram, que lhes passei, e agora vou pegar nisso. Vou dançar tudo aquilo que queria dançar e que não dancei. “I'm ready to go.”

P A dança para si tem mais de sagrado ou profano?

R Tem mais de profano, pois nela habita um grande erotismo, mas também um olhar obscuro, negro, lento, energético. Há muita paixão, a vontade de querer, de gostar, de desejar que tenho em mim.

oemaildobernardomendonca@gmail.com

AS ESCOLHAS PARA O VERÃO

UM LIVRO
“A Última Duquesa”, de Pedro Paixão

Ele tem a sensação de que fala só sobre ele, mas transforma-se em algo universal. Quando fala de amizade, encaixa em todas as amizades universais. Quando fala no artista, encaixa em todos os artistas. Tem um fôlego universal espetacular. Mas, ao mesmo tempo, de uma forma muito poética, muito condensada, muito simples, sem receio de falar sobre si porque sabe que está a falar sobre muitos de nós. E não posso deixar de falar da poeta Maria Quintans, uma mulher que se despediu recentemente de nós e que era uma grande amiga. Vão procurar os seus livros, como o “Se Me Empurrares Eu Vou” e devorem Maria Quintans. Ela é fortíssima, uma poeta surrealista que não vai escrever mais e temos essa possibilidade de ler os livros que nos deixou.

UM FILME
“A Paixão”, de Ingmar Bergman

Sugiro a extraordinária retrospetiva do Bergman, no Nimas, que continua em setembro. Destaco “A Paixão”, filmada na ilha Fårö, que visitei quando fiz “A Meio da Noite”, peça sobre o Bergman. É filmado logo após ele se ter separado da Liv Ullmann e é sobre isso. Aquele homem falava sobre a sua vida, mas ela era tão rica. É um filme onde se sente a paixão pelos artistas, pelo teatro, pelo teatro no cinema, pelos grandes planos, o tempo. Aos 55 minutos há um monólogo da Liv Ullmann que demora uns 5 minutos, com a câmara parada, e consegue-se ver o sangue a vir aos olhos, a tensão, a mutação na cara daquela mulher. Ele tinha uma obsessão pelo olhar dos atores, incrível.

UM ESPETÁCULO
Festival Bienal BoCA

Destaco a BoCA, bienal de arte contemporânea, que todos os anos tem sido muito interessante. Vai-se passar agora em setembro e terá vários *workshops* com a Sofia Dias e o Vítor Roriz. Destaco também o espetáculo “Nymphalis Antiopa”, da Tânia Carvalho e do Matthieu Ehrlacher, que vai realizar-se nos dias 27 e 28 de setembro, no Teatro São Luiz. A Tânia e o Matthieu pegam nuns cantares tradicionais e depois é todo o percurso de transformação na própria música contemporânea que eles fizeram. Cada um com o seu instrumento eletrónico. É surpreendente.

UM LUGAR
Porto Covo

Este ano fui a Porto Covo e aquelas prainhas são inacreditáveis e aquelas baías, plenas de rochas, e com as escarpas com escadas, as paisagens são maravilhosas. Fiquei surpreendida, e é logo aqui ao lado. São passeios maravilhosos, a gastronomia é muito boa também. Um bom e simples local. O país, realmente, tem uma costa maravilhosa.

UMA SÉRIE
“The Crown”

Televisão não vejo, mas tive ali uns momentos com a pandemia, como toda a gente. Gosto imenso das séries históricas. Não sei se é pelo barroquismo pela história em si ou pelo lado biográfico, os cenários, os figurinos, toda aquela recriação. No caso do “The Crown” tem a ver com a minha ligação com a Diana, que eu conheci e com quem cheguei a jantar em Londres.

VERÃO 2024

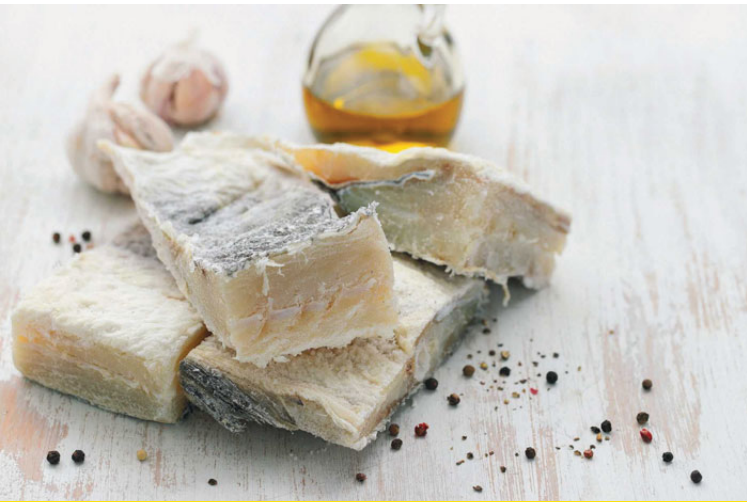



FOTO NATALIASPB/GETTY IMAGES

O HOMEM QUE COMIA TUDO

Ricardo Dias Felner

A Primavera do bacalhau

O peixe mais icónico de Portugal tem sido maltratado. Mas ainda se encontram bons gadídeos, é só preciso sair das cidades

Na mesa ao lado, quatro autóctones metem conversa. Perguntam de onde vimos. "Lisboa! Como é que descobriram isto?!"

O restaurante Primavera fica na aldeia de Colmeal, na região da Gândara. A Gândara é um sítio onde não se vai. No caminho, vemos casas abarracadas construídas ao acaso, hortas em terrenos areentos no entremeio, uma planície de fealdade e caos, antítese do belo e do paisagismo.

A Gândara não é praia nem é campo, não é Tocha nem Cantanhede, não é Aveiro nem Coimbra, não é Mondego e também não é Vouga. Está lá no meio e poucos a conhecem. Sucede que a Gândara tem os gandareses. E os gandareses sabem de bacalhau.

Na semana passada larguei o areal da Figueira da Foz, conduzi 45 minutos para norte e fui lá almoçar. A dica viera do meu amigo Cristiano, do restaurante Peleiro, em Paião, outro bastião de comida boa.

À chegada, o Primavera condizia com a Gândara. Lá dentro, um barracão com salas improvisadas, quadros tortos e toscos, mesas mal amanhadas e "o João já vem", repetiam os funcionários, "ele é que pode dizer se o deixa almoçar".

Apareceu então "o João" a brindar os clientes da mesa ao lado com uma garrafa magnum de espumante, "é a última", entrando e saindo de portas reservadas ao pessoal, como numa taberna ruidosa de onde a qualquer momento poderiam aparecer *strip-teasers* campestres a dançar o vira com jarros de vinho Baga na mão (sonha, Ricardo, sonha).

"Já te sento", atirou.

O João tratava todos por tu e daí a nada já uma travessa de bacalhau pousava na mesa, sem mais introduções e sem que a tenha pedido.

Em parte, isso aconteceu porque às quartas-feiras toda a gente come bacalhau no Primavera, da mesma maneira que às quintas-feiras toda a gente come a sopa gandaresa — que "é à lavrador, mas diferente". Cada dia um prato. Cada prato um evento, uma felicidade.

O bacalhau era do género assado e depois lascado, regado com azeite e salpicado de aros de cebola crua, como o que o Zé da Mouraria popularizou em Lisboa. À parte, serviram-se umas batatas pequenas com pele.

Dito assim, parece simples — nada mais errado.

Começou por debater-se a origem do bacalhau. Alguns locais da mesa de quatro acreditavam ser de demolha industrial, "já ninguém demolha o bacalhau nos restaurantes". Eu achei o contrário. Estava absolutamente perfeito, ligeiramente acima do ponto de sal habitual nas embalagens de ultracongelado, a textura suave, o sabor limpo, aparentemente sem a contaminação de cloro e outros tratamentos da água da companhia.

Hoje em dia, a demolha é um dos pontos críticos do bacalhau. E é também uma das razões pelas quais é tão difícil sermos felizes em Lisboa e nas cidades, em geral. Os urbanos não têm furos nas traseiras, não têm paciência, não têm a paixão do bacalhau dos gandareses ou dos gafanhões ou dos minhotos.

> É, porventura, a comida mais portuguesa de Portugal, mas está muitos furos abaixo do sucesso do pastel de nata, lá fora

No final, ao balcão da tasca, o sr. Silvino, pai do João, haveria de confirmar o cuidado. "Às vezes acordo a meio da noite, ansioso: 'Será que mudei a água ao bacalhau?'" No Primavera, fazem três dias de dessalga em tanques com temperatura controlada, a menos de 4 graus.

Todos os grandes bacalhaus que conheço neste país, aliás, usam este processo: demolha caseira em tanques com temperatura controlada. É assim na Taberna O Afonso, em Poiares, onde este ano comi uma badana inteira, assada no carvão, cheia de gelatina entre as lascas, o melhor prato que julho me deu. Ou no célebre O Victor, claro, em Póvoa de Lanhoso. Ou no Manjar do Marquês, em Pombal.

Não interessa se servem muito ou pouco, interessa o cuidado, a água e a temperatura da demolha. O Manjar do Marquês, por exemplo, é um colosso que vende um dos melhores bacalhaus fritos do mundo, a menos de 10€. Como se consegue tal coisa? Com escala, mas também com bacalhau de qualidade (Lugrade, no caso), com umas serpentinas que garantem que os tanques de demolha, na cave, se mantêm frescos, e com tecnologia para trazer água boa vinda das profundezas da terra.

Voltando ao Primavera, no Colmeal. No final do almoço, Silvino fez-me o desenho de um bacalhau num guardanapo improvisado, dividindo-o em quatro zonas: badanas esquerda e direita, lombo, rabo. "Para a travessa, vai um bocadinho daqui, outro daqui, outro daqui. E pele."

A diferença que isto fez foi absurda. Ora pescava uma lasca grossa do lombo, ora apanhava a pele do rabo com fiapos bem curados agarrados, ora era o músculo da badana a vir ao garfo. "E depois sentiu também, com certeza, a cebola, que é daqui", atalhou Silvino. Senti, pois. Sumarenta, viçosa. "E as batatas", acrescentaria eu, densas, porventura nascidas e criadas nos terrenos feios, arenosos como baldios, da Gândara.

Aos meus amigos estrangeiros que não gostam de bacalhau — a maioria — costumo dizer que eles nunca comeram um bom bacalhau. Na verdade, o problema não é só deles ou da falta de hábito.

Deem-lhes a coisa verdadeira, limpa de odores manhosos, afundada em bom azeite — com o azeite a fazer poça —, azeite que até pode ter um pouco de tulha, como o do Primavera. Deem-lhes a batata da Gândara, do Algarve, dessa que se come sem mais, cozida ou assada, tanto faz, só com sal.

Vão ver que até os turistas gostam.

O bacalhau é, porventura, a comida mais portuguesa de Portugal, mas está muitos furos abaixo do sucesso do pastel de nata, lá fora e, cada vez mais, também cá dentro. Façamos dele o que ele merece. Com menos marketing e mais produto. Como no Primavera.

UM DIA HEI DE...

Cândido Costa Apresentador e ex-jogador de futebol

"Hoje as meninas têm liberdade para jogar futebol"

Personalidade televisiva (do "Taskmaster", na RTP, ao "Cândido Tour", no Canal 11), o antigo jogador olha para o universo do futebol com otimismo, acredita que o desporto é um veículo para mudar mentalidades e tem pena das amizades desfeitas por causa da bola.

P Esteve de férias nas Maldivas. É o cenário ideal de férias?
R É um sítio especial, com água turquesa e temperaturas únicas, onde criámos boas memórias em família. Mas não tenho um registo de férias ideal, o mais importante é ter comigo as pessoas que importam.

P Para onde quer ir?
R Tenho curiosidade pela Ásia, especialmente Japão e China.

P Antes das Maldivas, esteve na Alemanha para o Euro 2024. Que experiência teve lá que nunca imaginou?
R Já faço televisão há algum tempo, mas nunca tinha vivido um Euro desta forma, com conferências de imprensa, diretos, que é sempre uma responsabilidade maior, estar em contacto com o público. Tive a oportunidade de viver aquilo que costumo ver sentado no meu sofá e sinto-me grato por isso.

P Se não tivesse sido futebolista, o que imagina que faria?
R Tenho muito orgulho de ter sido jogador, mas tive de me reinventar no final da carreira e sei que, independentemente da área, serei sempre uma pessoa positiva com vontade de contribuir. Respondendo à pergunta, talvez cantor de rock, uma espécie de Bruce Springsteen português.

P O que mudaria no mundo do futebol?
R A mentalidade desportiva tem espaço para melhorar, ainda há pessoas que deixam de se falar por causa do futebol, mas estamos na estrada certa. Há comportamentos e liberdades que mudaram, que não são tolerados, são expostos e discutidos. Os jogadores são mais bem formados e competentes.

P O que o deixa mais feliz?
R Temos feito um trabalho incrível no contexto do futebol feminino. Hoje temos meninas com liberdade para quererem e poderem jogar futebol. Há uns anos ouvia-se um tipo de vernáculo no futebol feminino que hoje, a acontecer, nem precisa da intervenção de quem de direito, porque quem está à volta mete-se.

P O futebol muda mentalidades?
R O desporto tem-se tornado um veículo que conduz a melhores homens e mulheres. Aquela ideia de que vou pôr o meu filho no futebol para ser o próximo Cristiano Ronaldo, embora não esteja completamente extinta, já não existe da mesma forma. Hoje percebe-se que o futebol pode ser um aliado na construção de carácter e cidadania, com valores como a partilha e o reconhecimento do coletivo.

P Perdeu 24 quilos em cinco meses. Imaginava que isso seria possível?
R Perdi e, se não me puser a pau, ganho outra vez. Não aceitei logo o desafio da "Men's Health", porque estava focado noutras coisas, mas sabia que ia acontecer.

P Há algum hábito de saúde que gostaria de implementar mas não consegue?
R Deixar de fumar. Sou um fumador revoltado.

P Com que equipa adorava ter jogado?
R Com o Porto, na vitória da Champions em 2004. Teria sido um troféu incrível.

P Que jogador gostaria de conhecer?
R Ronaldinho Gaúcho, pela alegria e leveza com que aparenta encarar a vida.

P Se pudesse treinar um clube, qual seria?
R Juventus, pela filosofia do clube.

P O que lhe falta ver?
R Portugal campeão do mundo.

ANA LUÍSA BERNARDINO
sociedade@expresso.impresa.pt

FOTO RUI DUARTE SILVA

CRÓNICA

Manuel Cardoso

Cismar com o sismo

Não sou geofísico, mas tenho a ideia de que a falha sísmica se comportou como um adolescente: apareceu às 5 da manhã de uma segunda-feira, acordou toda a família com o barulho e agora vai ficar a dormir até lhe apetecer. Reconheço, em todo o caso, que a intenção do terramoto talvez fosse a de não incomodar muito. Aconteceu demasiado tarde para os noctívagos e demasiado cedo para os madrugadores — como é óbvio, o sismo concluiu que estávamos todos a dormir. Eu não acordei. O sismo devia ter operado como o meu despertador, replicando de cinco em cinco minutos. No fundo, ficámos a saber quais os seres humanos que Deus menos respeita: as pessoas com sono leve.

Saíram inúmeros artigos que nos explicam o que fazer durante um sismo. Honestamente, desconheço qual é a parede-mestra da minha casa, pelo que já andei a perguntar às de contraplacado quem é que manda aqui. Além disso, também não tenho nenhuma mochila com mantimentos e utensílios. Suponho que, nestes dias, as vendas de rádios a pilhas tenham disparado. Ao que parece, é um aparelho essencial numa situação de emergência, já que muitos sismos sentem repulsa pelo funk.

Passámos a última semana a tentar saber em que ano as nossas casas nasceram. Muito indelicado, este idadismo contra prédios. Estamos a criar inseguranças nos edifícios mais velhos e é provável que muitos comecem a recorrer às plásticas. É certo que os prédios em Portugal não aguentam sismos, mas não era preciso deixá-los abalados.

Num país propenso a terramotos, devíamos todos saber mais sobre placas tectónicas. Porém, pessoalmente, lido com a ameaça sísmica como lido com a condução: faço o que o Google me manda e não presto atenção às placas. Não é surpreendente que o país tenha revelado, até aqui, pouco interesse em falhas geológicas. Afinal de contas, a maioria dos portugueses ignora as suas falhas até levar um abanão.

Nos últimos tempos, já passaram por cá um terramoto, um meteoro e um tornado. Ao contrário do que parece, o turismo está bem de saúde: nota-se que os cataclismos andam a dizer uns aos outros que em Portugal é que se está bem. Tal como os nómadas digitais, os sismos também agravam ligeiramente o problema da habitação. Por outro lado, não deixam de promover a cidade. Quando vier o tsunami, desconfio que Carlos Moedas vai querer inaugurá-lo, alegando tratar-se da nova piscina de ondas municipal. Só aí reconheceremos o seu brilhantismo, ao percebermos que a pala do altar-palco é, na verdade, a maior prancha de surf do Mundo.

O terramoto criou as condições para várias horas de debate em que se fantasia que, de uma vez por todas, Portugal vai começar a planear o futuro

O terramoto ocorreu pertinentemente numa segunda-feira de agosto, gerando um irresistível tema de conversa num mês que costuma ser pobre em notícias. De forma admirável, a Natureza teve a decência de se manifestar de acordo com as necessidades da comunicação social. Criou as condições para várias horas de debate em que se fantasia que, de uma vez por todas, Portugal vai começar a planear o futuro. Sobretudo, solidificou a identidade nacional do país dos quases. Não houve vítimas nem estragos — dificilmente se poderia exigir uma catástrofe mais agradável.

BOA CAMA BOA MESA

FOTO FRANCISCO NOGUEIRA

Embarcar no reino maravilhoso de Miguel Torga

Entre o Douro e Trás-os-Montes, deslumbre-se como Miguel Torga com o "excesso de natureza"

Ana Maria Fonseca

"Embora muitas pessoas digam que não, sempre houve e haverá reinos maravilhosos neste mundo. O que é preciso para os ver é que os olhos não percam a virgindade original diante da realidade e o coração, depois, não hesite." Não foi ao acaso que Adolfo Correia da Rocha, nascido em S. Martinho de Anta, Sabrosa, em 1907, médico, adotou o pseudónimo de Miguel Torga. Miguel homenageia os escritores espanhóis Unamuno e Cervantes. De raiz forte, difícil de arrancar, a torga é uma urze que se multiplica pelas fragas transmontanas. Entre o deslumbre do Douro, região vinhateira, de onde sai o "sol engarrafado" que há de "embebedar os quatro cantos do mundo", e a escuridão da vida difícil das aldeias, o autor de "Contos da Montanha", "Bichos", "Portugal", "Vindima" ou "Diário" deambulou toda a vida entre prosa e poesia, retratando as duas faces da região, que descrevia a partir da sua aldeia natal — a do Douro, mais suave, e a serrana, mais dura.

Percorra os Trilhos Torgueanos a partir do Espaço Miguel Torga (tel. 259 938 017) e Casa Miguel Torga, ambos em S. Martinho de Anta, que foi durante toda a vida inspiração e "um marco de orientação e segurança que vejo em todas as horas de perplexidade e angústia e de todos os quadrantes do mundo". A visita à casa, onde se pode ouvir uma recolha sonora dos sons da aldeia e privar com objetos e citações do escritor, é gratuita, tal como ao Espaço, gizado por Eduardo Souto de Moura. A partir daqui parte-se à descoberta de locais de deslumbre e reflexão, brindados pelo "excesso de natureza". Pergunte pela *app* que desenha o roteiro, em que se incluem sítios de paragem obrigatória que se colaram debaixo da pele do autor de "Portugal", sentindo-se "a encarnação humana destas serras inamovíveis, secas e desesperadas, que esperam pelas mesmas tempestades de inverno e pelo sol da primavera com o mesmo inquebrantável estoicismo". Ainda na aldeia, aprecie a escola onde ainda Adolfo da Rocha aprendeu as primeiras letras e descubra vestígios do passado na neolítica Mamoa de Madorras e nos megalíticos Monumentos de Vilar de Celas. Goze as vistas a partir do baloiço Reino Maravilhoso e, a caminho da cidade, pare no misterioso Santuário de Panoias, um dos dois únicos de cultos orientais na Península Ibérica, descrito por Torga como "[...] um grande santuário pagão que a sombra das carvalheiras cobre de melancolia. Formado por toscos altares cavados no granito, a credulidade dos nossos antepassados acalmava ali, sacrificando rezes, a fúria dos deuses de então".

Poema geológico

Os Miradouros da Senhora da Azinheira e de São Leonardo da Galafura e a aldeia de Provesende permitem avistar o "poema geológico" que constitui os socalcos durienses, mas do roteiro constam também locais na cidade de Vila Real, com destaque para a emblemática Casa de Mateus (tel. 259 323 121), a Casa de Diogo Cão ou a Sé. Em Sabrosa, aprecie o Castro de Sabrosa, as diversas casas senhoriais e a igreja matriz antes de serpentear socalcos descendo entre curvas até ao Pinhão. Do traçado de descoberta faz ainda parte o Parque Natural do Alvão. Também aqui se desvenda uma paisagem de contrastes e abismos, entre rochedos vertiginosos e vales habitados por pacatas aldeias. Parta à descoberta da impressionante queda de água de Fisgas de Ermelo, caminhando através de um (exigente) trilho que ultrapassa os 12 km, e banhe-se nas piocas que envolvem a cascata.

amfonseca@impresa.pt

ONDE COMER

Cozinha da Clara
Alimentada pela horta própria e com deslumbrante vista sobre o rio, a mesa veste-se de receitas de família com renovada roupagem.
Tel. 254 732 254
Preço médio €45

Restaurante da Quinta do Portal
Prove a cozinha apurada de Milton Ferreira neste restaurante rodeado de vinhas.
Tel. 968 120 127
Preço médio €45

Casa de Pasto Chaxoila
Nasceram aqui as "Tripas aos molhos" e outros dos pratos emblemáticos deste restaurante em Vila Real é o "Joelho da porca". Finalize com "Pito calondro".
Tel. 259 322 654
Preço médio €20

ONDE DORMIR

Quinta de Nossa Senhora do Carmo — Winery House
Faz parte da história do Douro esta quinta de 1764 com 11 quartos e atmosfera tradicional. Deslumbre-se com a panorâmica, visite a adega e prove os vinhos.
Tel. 969 860 056
A partir de €260

Casa do Santo
Na aldeia vinhateira de Provesende, esta é uma casa com história. Recuperada, oferece sete quartos e piscina rodeada de vinhas.
Tel. 273 431 005
A partir de €160

EXPRESSO.PT Leia no *site* a versão integral da reportagem sobre a Cisjordânia

Nablus Cidade palestiniana a norte de Jerusalém vive refém das incursões das IDF e exibe nas ruas fotos dos seus mártires

É no cemitério que os jovens passam os dias

Texto e foto **FRANCESCA BORRI**
na Cisjordânia

Os jovens palestinianos passam os dias no cemitério, junto às sepulturas dos amigos

Todos estão alerta. Os guardas estão colados aos ecrãs das câmaras de vigilância que monitorizam todas as entradas da cidade. "Mas está tudo quieto", digo, "não há sequer um polícia por perto". Exatamente, responde-me o guarda à janela, apontando a M16 para fora. "Quando a polícia sai, significa que as IDF [Forças de Defesa de Israel] estão prestes a atacar."

Normalmente, em Nablus, o sinal de um ataque iminente era o som dos drones à procura do alvo. Agora é a Autoridade Nacional Palestiniana, que é contra a resistência armada e que para a parar junta-se a Israel. Por essa razão muitos dizem que se vendeu.

Mais de 35% do seu orçamento vai para as forças de segurança, que representam 44% dos seus 147 mil trabalhadores. E, de facto, isso não seria de esperar: entre incursões de colonos e ataques de soldados antes de 7 de outubro, 2023 já tinha sido o ano com o maior número de mortes desde o final da Segunda Intifada. Mas, afinal, que orçamento? O Conselho Legislativo da Palestina foi dissolvido em 2018 e desde então ninguém tem supervisionado nada. O dinheiro é apenas gasto. Desde então, Mahmoud Abbas, cujo mandato presidencial acabou em 2009, tem vindo a governar sozinho, por decreto, nomeando todos os funcionários, incluindo juízes. As últimas eleições realizaram-se em 2006.

"A comunidade internacional também gostaria que Mahmoud Abbas estivesse no poder em Gaza, mas, honestamente, a Autoridade Palestiniana não é a solução, é o problema. Se não estivesse tão corrompida, o ataque de 7 de outubro nunca teria acontecido", explica Wael Faqeh, ativista de longa data. "É como Israel: estamos sujeitos a uma dupla ocupação", diz, enquanto preenche documentos para um projeto com uma ONG francesa. De acordo com a ONU, a reconstrução de Gaza custará mais de €40 mil milhões e só a remoção dos escombros irá demorar 14 anos. Chegam ONG de todo o lado para apoiar a Autoridade Palestiniana.

Esta foi instituída provisoriamente, em 1994, pelos Acordos de Oslo, aguardando um acordo final que deveria ser assinado em cinco anos: até 1999. Trinta anos depois, tem jurisdição sobre apenas 22% do seu território, que é patrulhado pela polícia 24 horas por dia. "Gostaria de escrever sobre isso", digo a Amjad Farateh, assessor de imprensa da esquadra de Nablus. "Claro! Pergunte-me o que quiser. Quer um café?", pergunta-me gentilmente. Na verdade, respondo, gostaria de passar três dias com uma unidade de reação rápida. Ele olha para mim. "E porquê? Esse é o meu trabalho", afirma. "O meu também", respondo e prossigo: "Talvez depois me possa explicar tudo o que quer explicar, mas primeiro eu gostaria de ir para a rua." "Na rua? No meio do *smog*? Não leu os dados sobre o cancro do pulmão?", questiona-me. "E, a propósito, uma entrevista é perfeito, porque já sei as respostas. E posso aconselhá-la sobre as melhores perguntas. Confie em mim", diz. "Diga ao seu editor que será uma obra-prima."

Olivia Benson de Nablus

Assim, vou ter com Tayseer Naserallah, que é aqui a pessoa mais importante. Um dos pilares da Fatah, e assessor de Arafat, conseguiu a rendição do grupo Lions' Den, os jovens de 20 anos que em 2021 foram os primeiros a começar a lutar e que agora se estão a render à Autoridade Palestiniana. "Honestamente, quem tem feito mais pressão têm sido as mães, porque são jovens sem experiência nem estratégia. Acabam por ser mortos. Mas que alternativa têm? Que tipo de vida?", explica.

Esse acordo não foi uma operação policial, mas governamental.

> MAHMOUD ABBAS, CUJO MANDATO PRESIDENCIAL ACABOU EM 2009, TEM VINDO A GOVERNAR SOZINHO, POR DECRETO

Prova de quão decisiva pode ser a Autoridade Palestiniana. "Há muita conversa sobre fortalecê-la, e, em vez disso, está a ficar cada vez mais fraca. Desde 7 de outubro, Israel não só cancelou 100 mil licenças de trabalho das 150 mil existentes, que representam 25% do nosso PIB, como reteve os impostos que recolhe em seu nome e que representam 66% das suas receitas. Este mês, os seus trabalhadores só receberam 25% do salário. Qual é o objetivo de chamar os bombeiros quando se é um incendiário?", exclama. "Faço mediação durante o dia e à noite tenho de enfrentar um novo ataque. Novas mortes."

Apresenta-me a Lana Mukhallalati, uma polícia que é uma estrela aqui. A Olivia Benson [protagonista da série "Lei e Ordem"] de Nablus. Lana diz-me abertamente: "É difícil. Neste momento estamos ocupados com traficantes de haxixe, acidentes de carro e disputas familiares. Ninguém quer ser visto como um traidor, mas, segundo os Acordos de Oslo, anexo I, artigo 3, somos responsáveis pela lei e pela ordem — tudo o resto é responsabilidade de Israel. Durante as incursões das IDF, recuar não é uma escolha, é obrigatório. Muitos, muitos de nós, estão a renunciar. O que vai acontecer?", pergunta. Porque estão a renunciar sem devolver as armas.

Fotos de mártires

Analistas argumentam que é provavelmente por isso que Israel, que controla tudo e todos, tem permitido a entrada de tantas M16 nos últimos anos, pois, quando Mahmoud Abbas for forçado a sair do cargo, "se não por força de eleições, então por força de Deus", como dizem aqui, pois tem 88 anos e será um triplo recuo, porque, além de ser o presidente da Autoridade Palestiniana, é o secretário da Fatah e o secretário da OLP, e haverá guerra entre a Fatah e o Hamas. De acordo com a Constituição, será temporariamente substituído pelo presidente do Conselho Legislativo, mas o Conselho Legislativo já não existe, e, de qualquer forma, o presidente é do Hamas.

Lana liga a Zneid Abu Zneid, porta-voz do chefe da polícia, o general Yousef al-Helou. Preciso da sua autorização. "Claro! Bem-vinda, bem-vinda", replica ele imediatamente. E em menos de uma hora envia-me uma mensagem: "Tudo OK. O general está fora este fim de semana, está no Dubai, mas quando chegar assina os seus papéis. Entretanto, aproveite Nablus. É uma cidade maravilhosa."

> "DURANTE AS INCURSÕES DAS IDF, RECUAR NÃO É UMA ESCOLHA, É OBRIGATÓRIO", DIZ LANA MUKHALLALATI

Tiroteios a toda a hora

Na verdade, nesta altura Nablus parece um pouco o Iraque. Há tiroteios a toda a hora, na cidade e para lá dela, porque alguns dos colonos mais extremistas vivem nas colinas próximas. As ruas estão cobertas de fotos de mártires, combatentes mortos. Camadas de fotografias. Umas em cima das outras, porque já não há espaço. E os jovens passam o dia no cemitério, junto das sepulturas dos amigos ou a ver Gaza na Al Jazeera. E agora a tensão é mais forte do que nunca, porque em Tulkarem o comandante da Jihad Islâmica feriu-se a manusear explosivos de fabrico artesanal, a polícia cercou o hospital para o prender e os palestinianos cercaram a polícia. Do grupo Lions' Den quase todos foram mortos, mas até agora mataram apenas um israelita. Mas, pelo menos, quem se alista recebe dinheiro. Aqui, a Intifada é um emprego. O único que resta.

Esta quarta e quinta-feira, ataques aéreos israelitas na Cisjordânia mataram pelo menos 18 pessoas, segundo a Al-Jazeera, aumentando os receios de uma incursão em larga escala semelhante à que decorre em Gaza. A Jihad Islâmica anunciou a morte de cinco combatentes, incluindo um comandante das brigadas Al-Quds.

internacional@expresso.impresa.pt

VENEZUELA

Encruzilhada pós-eleitoral afasta ainda mais o sonho democrático

Nas ruas de Caracas o povo divide-se entre o apoio a Maduro e a Edmundo González FOTO PEDRO RANCES MATTEY/REUTERS

Maduro exigiu mudanças no Governo e receia-se um **aumento da repressão** contra a oposição

SALOMÉ FERNANDES

As eleições presidenciais venezuelanas de 28 de julho desembocaram num braço de ferro: a oposição alega que as eleições foram fraudulentas e que venceu o candidato Edmundo González Urrutia, o Presidente Nicolás Maduro mantém que foi eleito de forma legítima. A desconfiança do processo eleitoral instalou-se e emergiram protestos nas ruas. Pelo menos 27 pessoas morreram e 2400 foram detidas, de acordo com dados da Reuters. As Forças Armadas Nacionais Bolivarianas da Venezuela declararam "absoluta lealdade" a Maduro.

"Acredito que [a oposição] está a ser brutalmente reprimida. A Venezuela está cansada de Maduro, mas também de tanta repressão, as pessoas não querem continuar a expor-se a mais repressão. A nomeação de Diosdado Cabello, uma das figuras mais intolerantes do chavismo, significa que a mão dura contra a oposição se vai acentuar", comentou Javier Corrales, professor de Ciência Política no Amherst College, ao Expresso.

Na terça-feira, Maduro exigiu mudanças no Governo, entre as quais a nomeação de Diosdado Cabello como ministro do Interior, da Justiça e Paz, cargo que já tinha ocupado em 2002. Os Estados Unidos colocaram Cabello, visto como o segundo homem mais forte do chavismo, na lista de traficantes procurados em 2020, acusando-o de participar numa "conspiração corrupta e violenta" de narcoterrorismo. "Iniciamos uma etapa de autogoverno popular, na qual não há lideranças aéreas e atuações de governo superficiais, e se concretizam mudanças profundas", disse Maduro, citado numa publicação do Governo na rede social Facebook sobre as alterações de pastas ministeriais.

"A Venezuela está numa encruzilhada. Há um caminho possível que está a levar o país para um modelo totalmente repressivo e que à primeira vista parece ser o que estão a tentar fazer, com as recentes mudanças ministeriais, a repressão e a fraude flagrante. Mas não creio que seja um resultado inevitável. A outra alternativa é quem está no poder negociar uma saída", disse ao Expresso Tamara Taraciuk Broner, diretora do Programa de Estado de Direito da organização Inter-American Dialogue.

Broner destaca que quem está no poder não fará concessões gratuitamente e coloca o foco na capacidade da comunidade internacional se unir com forças internas democráticas da oposição, para uma dupla abordagem: "ameaças claras que deixem quem está no poder nervoso", nomeadamente com processos penais no estrangeiro, e "incentivos para abrir a porta a uma transição para a democracia".

Dados por publicar

Apesar do Supremo Tribunal da Venezuela ter validado a vitória atribuída pelo Conselho Nacional Eleitoral (CNE) a Nicolás Maduro, os únicos alegados documentos da contagem desagregada de votos foram tornados públicos pela oposição e contrariam esse resultado. A publicação *online* destes documentos está a ser alvo de uma investigação do Ministério Público. O procurador-geral venezuelano Tarek William Saab diz tratar-se de "documentos forjados ou falsificados, com os quais se pretende usurpar ilegalmente as funções do Conselho Nacional de Eleições".

A versão preliminar de um estudo de Dorothy Kronick, professora assistente na Universidade da Califórnia, conclui que os dados da oposição refletem "quase de certeza" os votos submetidos. Destacando a segurança do sistema eleitoral venezuelano, Kronick defende que "mesmo níveis extraordinários de capacidade organizacional, perspicácia conspirativa e recursos não conseguiriam perpetuar fraude da contagem dos votos e produzir dados de campanha sem deixar rasto documental".

Quatro semanas após as eleições, as autoridades nacionais ainda não publicaram provas que contrariem a informação veiculada. A CNE alegou que foi alvo de um ciberataque.

Broner descreve as eleições como "um momento político que gerou este terramoto que coloca agora a Venezuela à porta de uma transição para a democracia", e responsabiliza as autoridades pelos erros de cálculo quanto à margem de vitória da oposição e a má organização documental dos resultados.

O candidato eleitoral da oposição, Edmundo González, está na clandestinidade há três semanas e ignorou duas intimações para prestar declarações na investigação criminal que decorre contra si, segundo noticiam vários meios de Comunicação latino-americanos. A aliança opositora Plataforma Unitária Democrática (PUD) considera que González está a ser sujeito a "assédio judicial" e "perseguição".

Questionado sobre o que levaria Maduro a sair do poder, Corrales indica que a mudança terá de surgir de dentro, com a quebra de pelo menos dois dos pilares que o sustêm, e que são, segundo o académico, o partido do Governo, gangues criminosos, órgãos institucionais e os aliados externos. "Por agora não vemos ruturas em nenhum destes pilares. Nem todos estão fortes, mas mantêm-se", observa.

Na esfera internacional, Maduro não está isolado. Países como a China, a Rússia e Cuba reconheceram a sua reeleição. Ainda assim, vários Estados da América Latina exigem provas dos resultados e pedem uma auditoria imparcial dos votos. Para os Estados Unidos, a informação disponível "mostra que os eleitores venezuelanos escolheram Edmundo González como o seu futuro líder".

sfernandes@expresso.impresa.pt

NÚMEROS

67

é a percentagem de votos das alegadas atas (correspondentes a cerca de 80% do total) divulgadas pela oposição e que dão a vitória a Edmundo González

2400

detenções nos protestos e operações policiais que se seguiram às eleições, e que provocaram também 27 mortes

2020

foi o ano em que o Departamento de Estado norte-americano ofereceu um máximo de dez mil dólares por informações que levassem à detenção de Cabello

Guerra e Paz

Miguel Monjardino
guerraepaz.expresso@gmail.com

NOVA DELI: EM BUSCA DA AUTONOMIA E DO EQUILÍBRIO

A turbulência internacional está a ter dois efeitos. O primeiro é levar-nos a avaliar as diferentes geoestratégias das principais capitais apenas do ponto de vista da sua componente externa. A política interna, com todos os seus dilemas em termos de processo de escolha e decisão, é ignorada. O segundo é concentrar a nossa atenção num número cada vez mais reduzido de países. O resto do mundo parece não existir neste nosso universo de análise. O resultado deste processo intelectual é uma distorção dos factos políticos a nível interno e externo.

Um mês e meio depois de ter ido a Moscovo para conversações com Vladimir Putin, Narendra Modi, primeiro-ministro da Índia, visitou Varsóvia e Kyiv. Porquê? A primeira razão é a diminuição das expectativas internas em relação ao terceiro mandato de Modi. As suas visitas a Moscovo, Varsóvia e Kyiv foram um instrumento para mostrar à sociedade indiana a crescente influência internacional do país.

A segunda razão é a avaliação que os decisores políticos e diplomatas em Nova Deli fazem da situação estratégia na Eurásia. Do ponto de vista indiano, a maior ameaça aos seus interesses já não é o Paquistão, mas sim a China, que pressiona militarmente Nova Deli junto à sua fronteira nos Himalaias e aumenta a sua presença naval nas linhas de comunicação que ligam a Ásia ao Golfo Pérsico e África oriental. A crescente dependência de Moscovo em relação à China preocupa o Governo indiano. A compra de armamento russo para as forças armadas indianas diminuiu de forma significativa nas últimas duas décadas. Mesmo assim, representa 36 por cento das importações militares de Nova Deli, que receia que futuras vendas de armamento russo possam vir a ser vetadas ou condicionadas de alguma forma por Pequim. O que interessa a Modi é a multipolaridade euroasiática e não a unipolaridade chinesa. Daí a importância de manter boas relações com Putin agora.

A terceira razão está relacionada com o desejo de Nova Deli manter a sua autonomia estratégica e equilibrar diferentes interesses num mundo muito mais complexo do que no início do século. Foi a ida de Modi a Moscovo que lhe permitiu ir a Varsóvia e a Kyiv na semana passada. A Índia olha com cada vez mais interesse para os países da Europa Central e de Leste do ponto de vista político, económico e de segurança. A isto acresce a sua necessidade de atrair investimento direto estrangeiro no seu enorme mercado interno. Em Kyiv, Modi deixou no ar a possibilidade de vir a ser um mediador entre a Rússia e a Ucrânia. Nenhuma destas capitais parece ter interesse nesta mediação. Como sempre, o mais importante nunca é afirmado: as conversações de Modi com Putin visam camuflar a inclinação de Nova Deli para Washington e Paris em termos tecnológicos e de defesa. Uma inclinação estratégica, todavia, não é uma aliança, mas sim uma forma de defesa de interesses nacionais permanentes da Índia na Eurásia.

Durante quanto tempo mais conseguirá Nova Deli caminhar no fio da navalha política e diplomática?

P.S. — "Trilhos", as memórias do professor Luís Valente de Oliveira — um português notável com uma visão sobre o país, os seus constrangimentos e futuro —, merecem leitura atenta.

A pedido de Miguel Monjardino, o Expresso respeitou a grafia Kyiv usada pelo autor neste texto e não a forma Kiev que o jornal adotou

EUA

Eles esperam Trump

A dois meses das eleições, **sete líderes internacionais** querem o republicano na Casa Branca

MARGARIDA MOTA

Donald Trump é um líder admirado por alguns pares por ser pragmático e prático FOTO PETER ZAY/AFP/GETTY IMAGES

Donald Trump quer regressar à Casa Branca e alguns líderes estrangeiros querem que ele volte. Uns demonstram-no com palavras, outros com visitas à Trump Tower ou a Mar-a-Lago. Outros são mais discretos nessa preferência, mas a conjuntura em seu redor anseia pelo republicano.

BENJAMIN NETANYAHU
Chefe de governo de Israel

Na sua viagem a Washington, em julho, Netanyahu circulou pelos corredores do poder como nenhum outro líder estrangeiro fez. Discursou no Congresso e foi recebido à vez por Joe Biden e Kamala Harris. No último dia visitou Trump em Mar-a-Lago.

A relação esfriara após o israelita parabenizar Biden pela vitória, em 2020. Mas a 5 de novembro Netanyahu 'vota' em Trump. "Ele alcançou muitas 'vitórias' com a anterior Administração Trump, como o reconhecimento da anexação de Jerusalém Oriental [e de Jerusalém como capital do país] e dos montes Golã por Israel e os Acordos de Abraão", pelos quais vários países árabes reconheceram Israel, diz Joel Beinin, professor na Universidade de Stanford (EUA). "Netanyahu quer a continuação destas políticas e Trump pode fazê-lo."

KIM JONG-UN
Líder da Coreia do Norte

Uma cimeira Trump-Kim seria um *déjà vu* de um encontro realizado a 12 de junho de 2018 em Singapura, que foi histórico, mas também inconsequente. Seis anos depois, mais que um aliado Trump representa para Kim a garantia de uma relação turbulenta com a Coreia do Sul.

Trump sempre questionou a presença militar dos EUA a sul do paralelo 38 — atualmente 28.500 soldados. Na presidência, exigiu que Seul aumentasse a comparticipação nos custos. Para estancar a tensão bilateral, a Administração Biden aceitou a proposta sul-coreana de aumento em 13,9%, que Trump achava pouco e que poderá questionar se voltar ao poder.

NARENDRA MODI
Chefe de governo da Índia

Quando Trump era Presidente, a Índia era dos poucos países onde tinha taxas de aprovação superiores a 50%. A 24 de fevereiro de 2020 foi saudado por mais de 100 mil pessoas, com bonés dizendo "Namaste Trump", na inauguração do estádio de críquete de Ahmedabad. Cinco meses antes, Modi fora recebido num megacomício "Howdy, Modi" em Houston, onde declarou apoio a Trump, que perderia as eleições.

Ainda que defendam agendas nacionalistas concorrentes — Trump com "Make America Great Again" e Modi com "Make in India" —, "eles têm uma química ideológica", diz Amit Singh, cientista social indiano. "Representam fações de extrema-direita e acreditam na filosofia extremista. Ambos são responsáveis pela degradação da democracia e dos direitos humanos nos seus países."

A visibilidade que Trump deu a Modi "elevou o seu perfil mundial. Mas Modi está em perda. Nas recentes eleições não ganhou a maioria". Precisa de Trump para sobressair.

> **"Tenho a certeza de que uma mudança [nos EUA] seria boa para o mundo", disse Viktor Orbán**

VIKTOR ORBÁN
Primeiro-ministro da Hungria

Trump é um admirador confesso de governantes autoritários, em especial do húngaro. "Não há ninguém melhor, mais inteligente ou melhor líder do que Viktor Orbán", disse Trump, em março, após receber o húngaro no seu *resort* privado. "Ele é fantástico."

Quatro meses depois, por ocasião da Cimeira da NATO em Washington, Orbán repetiu a visita. A Hungria acabara de assumir a presidência rotativa da União Europeia com o *slogan* "Make Europe Great Again", de inspiração trumpista. "Tenho a certeza de que uma mudança [nos EUA] seria boa para o mundo", disse Orbán. Elogiou Trump por ter "uma abordagem diferente para tudo". Enquanto Presidente, "não iniciou uma única guerra e fez muito para criar a paz em conflitos antigos em áreas complicadas".

"Orbán e Trump veem-se como pais e guardiões da nação. É a partir deles que a alma nacional começa e são eles que a defendem", diz Tiago André Lopes, professor na Universidade Lusíada. "Depois, reagem negativamente à chamada política de género."

Orbán é hoje um farol para populistas conservadores, criador de uma "democracia iliberal" que inclui restrições à imigração, aos direitos LGBTQI+, o controlo da imprensa e do sistema judicial.

JAVIER MILEI
Presidente da Argentina

"Presidente!" Foi desta forma que, a 24 de fevereiro, Javier Milei se dirigiu a Donald Trump nos bastidores de uma conferência conservadora em Oxon Hill, Maryland, antes de o abraçar. O argentino levava dois meses na presidência, eleito na sequência de uma campanha onde não faltaram, entre os apoiantes, bonés vermelhos com a frase "Make Argentina Great Again". A campanha de Trump publicou o vídeo desse momento nas redes sociais.

"Milei admira Trump. Provavelmente ficaria satisfeito com o seu regresso à Casa Branca", vinca o politólogo argentino Ignacio Labaqui. "Há uma ilusão no seu Governo de que Trump ajudaria a Argentina a negociar um empréstimo generoso com o Fundo Monetário Internacional."

MOHAMMED VI
Rei de Marrocos

Na reta final da presidência Trump, a 22 de dezembro de 2020, Marrocos assinou os Acordos de Abraão, com que reconheceu Israel. "Teve como contrapartida o reconhecimento americano (e de todos os aderentes ao Acordo) da soberania marroquina" sobre um território disputado há décadas — o Sara Ocidental, recorda o arabista Raúl Braga Pires. "Mohammed VI e o futuro Hassan III têm esta dívida para com Trump e honrá-la-ão sempre que possível."

> **Ainda que defendam agendas nacionalistas concorrentes, Trump e Modi têm uma química ideológica**

VLADIMIR PUTIN
Presidente da Rússia

No fatídico debate de 27 de junho, que expôs fragilidades de Biden e precipitou o fim da corrida à reeleição, Trump afirmou que, se for eleito, terá "a guerra [da Ucrânia] resolvida" antes de tomar posse. Sete dias depois, Vladimir Putin disse ter levado "muito a sério" as palavras de Trump, apesar de "não estar familiarizado" com as suas propostas.

"Eles reconhecem-se como estadistas fortes. E, não se movendo Trump por causas ideológicas, acima de tudo o que Putin gosta em Trump é da visão prática de um homem de negócios", explica Tiago André Lopes. "A única guerra que parece interessar a Trump é a comercial, com a China. Para um homem de negócios, a guerra da Ucrânia foi o pior que lhe aconteceu. É onerosa e não traz vantagens económicas. Interessa a Putin alguém como Trump, que deixe de apoiar a guerra."

mmota@expresso.impresa.pt

RÚSSIA

“O Grupo Wagner já não é insubstituível”

Um ano após a morte de Prigozhin, mercenários caíram a pique e grupo está **“cada vez mais fragmentado”**

HÉLDER GOMES

Dificilmente o aniversário da morte de Yevgeny Prigozhin, então líder do Grupo Wagner, poderia chegar em pior altura para o Kremlin. A 6 de agosto, as Forças Armadas da Ucrânia iniciaram uma ofensiva surpresa em Kursk e, no final da primeira semana de incursão, Kiev afirmou ter capturado 1000 quilómetros quadrados de território russo. Em meados do mês, a Ucrânia estabeleceu uma administração militar para o território que controlava. E a 21 de agosto, a dois dias de se completar um ano sobre a morte de Prigozhin, Kiev anunciou a destruição de várias pontes flutuantes usadas pelas forças russas — isto depois de já ter destruído três pontes estratégicas sobre o rio Seym.

Em junho do ano passado como agora, o controlo da narrativa da chamada “operação militar especial” escapou ao Presidente russo. Vladimir Putin não contava com o motim comandado por Prigozhin, cujo objetivo era marchar até Moscovo em protesto contra a estratégia seguida pelo Kremlin na Ucrânia. A rebelião acabou por ser abortada e o líder dos mercenários morreu exatos dois meses depois na queda de um jato privado. E Putin também não contava com esta incursão ucraniana no *oblast* de Kursk.

Mas onde andam os mercenários do Wagner um ano após a morte de Prigozhin? Segundo o Ministério da Defesa do Reino Unido, no ano passado atingiu-se um “pico” de cerca de 50 mil efetivos, enquanto atualmente serão cerca de 5 mil nos seus “destacamentos residuais na Bielorrússia e em África”. Além de reduzido a um décimo da sua capacidade, o grupo está “cada vez mais fragmentado”, refere o Governo britânico.

Pessoas visitam campa de Prigozhin em São Petersburgo no aniversário da sua morte FOTO OLGA MALTSEVA/AFP/GETTY IMAGES

Forças russas oferecem apoio militar a países africanos e acedem a recursos naturais

Emboscada no Mali

Num relatório publicado em fevereiro, o grupo de reflexão Royal United Services Institute (RUSI) indicava que a agência de informações militares estrangeiras da Rússia tinha absorvido as funções do Wagner e procurava agora expandir, “de forma agressiva”, as suas parcerias em África, com a “intenção explícita” de suplantar as parcerias ocidentais. O RUSI, com sede em Londres, citava Mali, Níger, República Centro-Africana (RCA) ou Líbia como países aos quais as forças russas oferecem apoio militar em troca de acesso a recursos naturais.

Atualmente sob a tutela do Ministério da Defesa russo e integrado na força expedicionária Africa Corps, o Grupo Wagner ainda é visto como uma peça essencial na estratégia de Putin para o continente africano. Contudo, tal não é isento de percalços fatais, como o ocorrido no final de junho perto de Tinzaouaten, no extremo nordeste do Mali, quando os homens do Wagner e os seus aliados malianos foram alvo de uma emboscada que resultou em dezenas de mortos.

Além da falta de meios aéreos, o incidente terá sido facilitado pela partilha, com insurgentes tuaregues e jiadistas, de detalhes sobre os movimentos do Wagner por parte dos serviços de informações ucranianos.

Influência às claras

“Os acontecimentos recentes em África mostram que os mercenários russos não estão a reforçar a segurança nem a restabelecer a paz”, avalia Grzegorz Kuczynski, especialista polaco no mundo pós-soviético. “Pelo contrário”, sublinha ao Expresso, “assassinam civis e falham quando se trata de fazer frente a um adversário sério, como os rebeldes ou os jiadistas”.

Ainda que os mercenários continuem a ser um instrumento importante da influência russa em África, a sua preponderância parece estar a diminuir. Porquê? “Moscovo começa a envolver-se oficialmente e já não apenas lançando o Grupo Wagner e as empresas comerciais de Prigozhin. Um bom exemplo é a Líbia, onde a Rússia está a tentar formalizar uma cooperação militar com o general Khalifa Haftar”, diz o especialista.

Prigozhin e os seus homens deslocavam-se ao Mali, ao Sudão ou à RCA como “enviados não oficiais” de Moscovo. No último ano, já têm seguido “delegações oficiais russas”, chefiadas pelo vice-ministro da Defesa e por um general suspeito de envolvimento na queda do avião de Prigozhin.

A Rússia está, portanto, a “exercer abertamente” a sua influência em África e, nesse sentido, “o Grupo Wagner já não é insubstituível”. O controlo de Putin sobre os mercenários no continente é hoje “incomparavelmente maior” do que no tempo de Prigozhin. “Mas a isto está associado um maior risco político e de imagem”, adverte Kuczynski: “qualquer sucesso será atribuído à Rússia, mas também qualquer fracasso, como a recente derrota sangrenta na fronteira entre o Mali e a Argélia”.

Já a ideia de que “mercenários russos podem manter a segurança em países tão instáveis é extremamente otimista”, relativiza a especialista britânica Sarah Hurst. “Especialmente agora, com a Ucrânia a ocupar parte da Rússia, vemos como Putin nem sequer consegue controlar o seu próprio país, quanto mais um continente com o qual se preocupa tão pouco”, acrescenta ao Expresso a analista de assuntos russos.

E pode o Africa Corps substituir eficazmente o Wagner nos projetos do Kremlin para o continente? “Aí pode haver um problema”, acautela Kuczynski. Apesar de em curso, “sabe-se que o recrutamento não está a correr bem”. Além disso, “muitos veteranos do Wagner não confiam no Exército”.

O especialista acredita que “a Rússia irá apostar cada vez mais em desenvolver a sua presença militar oficial em África”, como as bases navais na Líbia ou no Sudão. E, mesmo não correndo bem, o recrutamento prossegue, até porque tudo o que seja extraído em África ajuda a alimentar a máquina de guerra russa contra a Ucrânia.

hgomes@expresso.impresa.pt

ALEMANHA

Extrema-direita vencerá primeira eleição estadual?

AfD não terá dificuldades na Turíngia, mas disputa na Saxónia pode ser renhida. Futuro de Scholz estará em jogo

As eleições de domingo na Turíngia e na Saxónia arriscam-se a escrever uma nova página na História da Alemanha. Pela primeira vez desde o fim da II Guerra Mundial um partido de extrema-direita pode vencer uma eleição estadual. As sondagens apontam como possível a vitória da Alternativa para a Alemanha (AfD) em ambos os estados do leste do país, com intenções de voto na ordem dos 30%. A AfD também surge na frente para as eleições de 22 de setembro em Brandemburgo.

Este quadro deixa Maria Brock “muito desapontada, mas não surpreendida”. Nascida em Leipzig, a maior cidade da Saxónia, a especialista em assuntos soviéticos fala ao Expresso na geração dos pais, que “cresceram na República Democrática da Alemanha e tinham famílias e carreiras na altura do colapso”. Desde então, mas sobretudo ao longo da última década, a investigadora na Universidade de Södertörn, em Estocolmo, assistiu a “uma mudança no discurso”, que se traduziu por “raiva crescente contra os governos federal e regional, grandes preocupações com a gestão da chamada ‘crise dos refugiados’ e alienação e polarização generalizadas”.

Entre a reunificação da Alemanha, em 1990, e 2014, a Turíngia foi governada pela União Democrata-Cristã (CDU, centro-direita). Há 10 anos o estado virou à esquerda e passou para as mãos de Bodo Ramelow, que lidera um governo de coligação entre A Esquerda (Die Linke, o seu partido), o Partido Social-Democrata (SPD, centro-esquerda) e os Verdes. Tal não impediu que a Turíngia se tornasse um bastião da AfD. Ou que Björn Höcke, que preside ao partido neste estado, liderasse uma fação da AfD considerada particularmente extremista pelo serviço de informações interno da Alemanha.

Se na Turíngia a extrema-direita parte com uma vantagem de quase 10% sobre a CDU, na vizinha Saxónia as eleições serão mais disputadas: a AfD surge taco a taco com os democratas-cristãos. A Saxónia é governada pela CDU desde a reunificação — e, em concreto, por Michael Kretschmer desde o final de 2017, em coligação com os Verdes e o SPD.

Aliança entre a CDU e um novo partido será a única via para afastar a extrema-direita da governação

Scholz em apuros

O SPD, do chanceler Olaf Scholz, é que não descola dos 5%. Esta é a percentagem mínima para garantir representação nos parlamentos estaduais, o que significa que se o partido não conseguir ultrapassar essa barreira ou o fizer por muito pouco, Scholz ficará em maus lençóis a um ano das eleições nacionais.

Todos os outros partidos prometem deixar a AfD fora do campo da governação, mas a única via parece ser uma coligação entre a CDU e a Aliança Sahra Wagenknecht, um partido que é de esquerda na economia e próximo da extrema-direita na imigração.

“O que mais deve preocupar os partidos no poder em Berlim é terem, na Saxónia e na Turíngia, uma percentagem de votos combinada de 10%-15% nas sondagens”, pelo que “deixaram de ser forças políticas importantes nesses estados”, sinaliza ao Expresso o diretor do grupo de reflexão Global Public Policy Institute, Thorsten Benner.

Na semana passada, um ataque com faca em Solingen fez três mortos e oito feridos, sendo o principal suspeito um sírio de 26 anos. No domingo fica a saber-se se a AfD conseguiu ‘engordar’ ainda mais com o aproveitamento político do atentado. **H.G.**

FRANÇA

Macron incapaz de encontrar saída para a crise

Esquerda acusa o Presidente de negar a democracia. E ninguém quer entrar no jogo de um Governo de coligação

A vida política francesa assemelha-se a uma estranha peça de teatro. Há mais de 40 dias que o Governo de Gabriel Attal está demissionário, mas continua a emitir decretos e a trabalhar às escondidas num Orçamento que terá de ser apresentado à Assembleia Nacional no dia 1 de outubro.

Emmanuel Macron decidiu lançar uma ronda de consultas com todas as forças políticas — que se recusam a participar num Governo de coligação — e também com eleitos locais. Depois da primeira ronda frustrada, o Palácio do Eliseu publicou um comunicado: em nome da "estabilidade institucional", o Presidente constata que "um Governo baseado apenas no programa e nos partidos propostos pela aliança com mais deputados, a Nova Frente Popular, seria imediatamente censurado por todos os outros grupos representados na Assembleia Nacional. Assim, um tal Governo teria imediatamente contra si uma maioria de mais de 350 deputados, o que o impediria de atuar". Por outras palavras, a Nova Frente Popular (NFP) não estará no Governo. O chefe de Estado ignora a frente republicana durante as eleições legislativas, a rejeição da sua política expressa nas urnas durante as eleições europeias e a esperança suscitada pela NFP, o maior bloco político da Assembleia Nacional.

"Trata-se de uma demonstração de força a que Macron está habituado. Ignora constantemente o Parlamento e não reconhece o resultado da votação. O Presidente tem uma abordagem cesarista do poder. Está a torcer a Constituição ao máximo", afirma ao Expresso Christian Picquet, membro do Partido Comunista

> "O Presidente tem uma abordagem cesarista do poder", diz Christian Picquet, quadro da NFP

e quadro da NFP. Logo a seguir, o partido de extrema-esquerda França Insubmissa (LFI) anunciou uma resolução de destituição do Presidente da República, com base no artigo 68º da Constituição. Uma iniciativa política forte mas que tem poucas hipóteses de ser bem-sucedida.

No campo de Macron continua a sonhar-se com um Governo que vá desde os sociais-democratas aos gaulistas. "Se quisermos evitar uma maioria de desconfiança, o chefe de Estado deve nomear um primeiro-ministro que possa ganhar espaço no seio da direita republicana e também na parte moderada da NFP", explica Bertrand Mas-Fraissinet, membro do Juntos pela República. Para tentar sair do impasse, Macron lançou uma segunda ronda de consultas com a direita e o bloco central, a 28 de agosto. O Reagrupamento Nacional (RN, de Marine Le Pen e Jordan Bardella) não foi convidado e a NFP não quis prosseguir as conversações, exceto para discutir as modalidades de uma coabitação entre Emmanuel Macron e Lucie Castets.

> Em privado, o chefe de Estado pondera entre vários possíveis candidatos ao cargo de primeiro-ministro

A NFP continua a acreditar nas suas hipóteses. Para Aurélien Taché, deputado do LFI, "ainda há uma pequena hipótese de Castets ser nomeada. Porque Emmanuel Macron não tem um plano B. Laurent Wauquiez [líder da Direita Republicana, ex-Les Républicains] quer censurar um Governo de esquerda que inclua a França Insubmissa mas não quer fazer parte de uma coligação. Macron está, portanto, bloqueado. Talvez tenha de se decidir pela nomeação de Castets". À saída da reunião de quase hora e meia com o chefe de Estado, na quarta-feira, Wauquiez declarou que o encontro no Eliseu foi "dececionante".

Em privado, o chefe de Estado pondera entre vários possíveis candidatos ao cargo de primeiro-ministro: Xavier Bertrand, ex-ministro do Trabalho, das Relações Sociais e da Solidariedade, o antigo primeiro-ministro socialista Bernard Cazeneuve, o presidente da Câmara de Saint-Ouen (Seine-Saint-Denis), Karim Bouamrane, o antigo presidente da UDI (centro-direita) e ministro de Jacques Chirac e depois de Nicolas Sarkozy, Jean-Louis Borloo, o atual presidente da Alta Autoridade Francesa para a Transparência na Vida Pública (HATVP), Didier Migaud, ou ainda o antigo negociador-chefe da União Europeia para o 'Brexit', Michel Barnier. Também circulam os nomes de Pascal Demurger, diretor-geral da MAIF, uma grande companhia de seguros mútuos, e Jean-Dominique Senard, presidente do Conselho de Administração da Renault.

Bertrand Mas-Fraissinet considera que o país precisa "de um primeiro-ministro com coloração de esquerda, alguém que esteja acima da política partidária para poder reunir todas as boas vontades, que possa apresentar quatro ou cinco textos prioritários sobre a autoridade, a ecologia, a reforma fiscal e a reforma do sistema eleitoral para incluir a representação proporcional".

LUCAS SARAFIAN em Paris
internacional@expresso.impresa.pt

CHINA-EUA

Antes de deixar Pequim, Jake Sullivan ainda se encontrou com Xi Jinping FOTO TREVOR HUNNICUTT/POOL/AFP VIA GETTY IMAGES

O diálogo continua, a rivalidade também

Jake Sullivan deslocou-se à China para **manter a "comunicação estratégica"** entre os dois países. E foi recebido por Xi Jinping

ANTÓNIO CAEIRO

O primeiro Presidente da República Popular da China, Mao Zedong, gostava de dizer que nas eleições americanas de 1968 votou no candidato do Partido Republicano, Richard Nixon. Cinquenta e seis anos depois, a liderança chinesa preferirá abster-se. A "contenção da China" parece ser mesmo um dos poucos temas de consenso entre os principais candidatos à Casa Branca: no seu anterior mandato, Donald Trump lançou uma guerra comercial contra Pequim; Kamala Harris está empenhada em "assegurar que a América, e não a China, vencerá a competição do século XXI". Retórica eleitoral à parte, trata-se da mais importante relação bilateral do planeta.

Esta semana, pela primeira vez em oito anos, o conselheiro nacional de segurança do Presidente dos Estados Unidos, Jake Sullivan, deslocou-se à China para manter a "comunicação estratégica" entre os dois países e "evitar que as suas divergências degenerem em conflito". O diagnóstico do Governo chinês é idêntico: "As relações China-EUA ainda se encontram numa conjuntura crítica."

Manter a paz

Ao fim de quase 11 horas de conversações entre Sullivan e o diretor da Comissão de Negócios Estrangeiros do Politburo do Partido Comunista Chinês (PCC), Wang Yi, a agência noticiosa oficial chinesa anunciou que o Presidente, Xi Jinping, e o homólogo norte-americano, Joe Biden, deverão voltar a falar ao telefone "num futuro próximo". O diálogo entre responsáveis militares, interrompido no verão de 2022 na sequência da visita a Taiwan da líder do Congresso norte-americano, Nancy Pelosi, irá também prosseguir.

Segundo a Casa Branca, ambas as partes mantiveram "uma discussão franca, importante e construtiva sobre questões globais e regionais", incluindo as guerras na Ucrânia e Médio Oriente. "A chave para o bom desenvolvimento das relações China-EUA está em tratarmo-nos como iguais", disse Wang Yi.

Para a China, a questão de Taiwan — a ilha onde se refugiou o antigo Governo chinês após a vitória comunista no continente em 1949 — é "a primeira e mais inquebrável linha vermelha". Sullivan

> Para a China, a questão de Taiwan é "a primeira e mais inquebrável linha vermelha"

"sublinhou a importância de manter a paz e a estabilidade através do estreito de Taiwan", referiu a Casa Branca. Wang Yi insistiu que aquela ilha "pertence à China". Pequim defende a "reunificação pacífica", mas ameaça "usar a força" se Taiwan declarar a independência. "Os Estados Unidos deviam deixar de armar Taiwan e apoiar a reunificação pacífica da China", afirmou o ministro chinês. Também esta semana o partido no poder em Taiwan, considerado "pró-independência", anunciou que o seu secretário-geral, Lin Yu-chang, partirá no sábado para os EUA. Não é a única coincidência suscetível de fomentar a desconfiança de Pequim em relação a Washington. Enquanto preparava a viagem de Sullivan, a Administração americana ultimava um novo pacote de tarifas a aplicar a produtos chineses.

Ameaça à hegemonia

Nos EUA, os dois partidos que se revezam no poder encaram a ascensão da China como uma ameaça à sua hegemonia. Do ponto de vista chinês, essa visão revela "uma mentalidade de Guerra Fria" e as relações entre as duas maiores economias do mundo "não devem ser definidas apenas por rivalidade". "Ainda há muitos problemas e fricções", mas "a China identifica claramente os EUA como um parceiro com que se pode cooperar, enquanto os EUA veem a China como um rival", escreveu um jornal do PCC sobre a visita de Sullivan.

Biden e Xi Jinping encontraram-se em novembro passado na Califórnia, à margem da cimeira anual da APEC (organização para a Cooperação Económica na Ásia-Pacífico), e há cerca de quatro meses conferenciaram ao telefone durante 105 minutos. O primeiro, com 81 anos, sairá da Casa Branca em janeiro; o segundo, 11 anos mais novo, está a cumprir o seu terceiro mandato e, de acordo com uma emenda constitucional introduzida em 2018, poderá manter-se indefinidamente no poder.

Na quinta-feira, terceiro e último dia da visita, Sullivan reuniu-se com o general Zhang Youxia, primeiro vice-presidente da Comissão Militar Central. "O pedido para se encontrar comigo mostra o valor que atribui à segurança militar e à relação entre os nossos militares", observou o general chinês. A Comissão Militar Central, chefiada pelo secretário-geral do PCC e Presidente da República, Xi Jinping, é a direção política das Forças Armadas chinesas. "Sei que é raro termos a oportunidade de manter este tipo de intercâmbio e, dado o estado do mundo e a necessidade de gerir responsavelmente as relações Estados Unidos-China, penso que este encontro é muito importante", disse o enviado norte-americano.

Antes de deixar Pequim, ainda se encontrou com Xi Jinping. O encontro, que não estava anunciado, decorreu no Grande Palácio do Povo. "Embora a situação dos nossos dois países e as relações China-EUA tenham mudado grandemente, o compromisso da China em desenvolver saudáveis e sustentadas relações com os EUA não mudou", disse o líder chinês.

Richard Nixon foi o primeiro Presidente dos EUA a deslocar-se à China, em 1972, iniciando uma aliança estratégica contra o inimigo comum. A União Soviética entretanto desapareceu e a China, outrora pobre e isolada, tornou-se uma grande potência global. Na semana passada, Kamala Harris prometeu "fortalecer a liderança global" dos EUA. É o contrário do "mundo multipolar" preconizado pela China. Segundo o presidente do Instituto de Estudos Internacionais e Estratégicos da Universidade de Pequim (Beida), Wang Jisi, e dois outros influentes académicos chineses, a China "está a preparar-se para o resultado das eleições nos EUA com grande prudência e limitada esperança".

internacional@expresso.impresa.pt

FOTO JULIEN DE ROSA/POOL/GETTY IMAGES

FOTO FRANCK FIFE/AFP/GETTY IMAGES

A cerimónia de abertura dos Jogos Paralímpicos fez os atletas das 168 delegações desfilarem pelos Campos Elísios, em Paris. No dia seguinte, quinta-feira, começou a participação portuguesa no boccia

FOTO ANTÓNIO BORGA/COMITÉ PARALÍMPICO

Reportagem Portugal leva 27 atletas à maior prova do desporto adaptado, em Paris, onde a mascote também se adaptou

A revolução da inclusão em Paris

Texto **Tomás Delfim**

Vídeo **José Cedovim Pinto**

enviados a **Paris**

Desde uma linha de metro automatizada e intencionalmente projetada, de modo a servir os amantes do desporto durante o período olímpico e paralímpico, a diversas sinaléticas pelas ruas que nos recordam que o desporto adaptado fará parte do ADN parisiense, a capital francesa vestiu as cores da inclusão para receber as 168 delegações vindas a esta edição dos Jogos Paralímpicos de 2024.

A par do entusiasmo gaulês observável pelas ruas e avenidas, o rosto desta competição, que começou na quinta-feira e vai até 8 de setembro, é Phryge, a paramascote. Apesar de precisarmos de recuar até 1932 para conhecermos a primeira mascote dos Jogos Olímpicos de Los Angeles (com "Smoky", o cão), foi apenas em Grenoble, em 1968, que foi criada uma mascote oficial. Em 2024, temos a oportunidade de conhecer a mascote inspirada nos barretes frígios, símbolo do espírito e dos históricos movimentos revolucionários franceses. Apenas há um detalhe que distingue a Paraphryge olímpica da paralímpica. A Phryge, em homenagem aos atletas das categorias de amputação, possui também ela uma perna prostética.

Não é só exposta pelas montras do comércio parisiense que Phryge dá as caras. Seja nos recintos onde decorrem as provas, seja na aldeia paralímpica, local onde os atletas se alojam, a paramascote estende o espírito paralímpico ao redor da cidade. A Aldeia Paralímpica passou por uma reestruturação para receber os 4400 competidores. Rampas de acesso, corredores alargados, pisos rebaixados e meios de transporte elétricos acessíveis são algumas das características projetadas que compõem a casa destes atletas, de modo a suprir todas as suas necessidades de acesso e mobilidade.

No edifício que alberga os atletas portugueses, além das cores nacionais, é possível observar também as bandeiras do Brasil, Irlanda, Sérvia e Timor numa dança combinada ao sabor do vento. Os atletas somente abandonam as instalações para os treinos e provas. No entanto, parte da comitiva nacional, a convite da Embaixada portuguesa em Paris, esteve presente na parcela de território luso em França para uma cerimónia de boas-vindas. José Pedro Aguiar-Branco, presidente da Assembleia da República, deu início à receção dos atletas através de um discurso em que ressaltou os obstáculos ultrapassados pelos competidores até chegarem ao ápice das paralimpíadas. "Cada um de vós chega a esta competição já de medalha ao peito", evidenciou. Desde obstáculos físicos e estruturais a barreiras de financiamento, facto é que os atletas nacionais continuam a consagrar-se com bons resultados ano após ano: "Não há hipótese de ter resultados se não houver condições."

Resultados que se traduzem em números claros. Desde a primeira participação portuguesa, em 1972, o palmarés nacional já conta com 94 medalhas conquistadas: 25 de ouro, 30 de prata e 39 de bronze. São apenas estatísticas, contudo estatísticas que contagiam o ambiente envolvente. Também presente no encontro com os atletas, José Augusto Duarte, embaixador de Portugal em Paris, assegurou: "Os portugueses são agora o que foram durante o Europeu de Futebol em 2016, bem como aquando do Mundial de Râguebi e durante os Jogos Olímpicos. Com certeza que durante os Jogos Paralímpicos será igual. Há modalidades que as pessoas conhecem melhor que outras, o preço dos bilhetes também não é acessível a qualquer um, mas não tenho dúvida que, cada vez que uma bandeira portuguesa for levantada, os portugueses ficarão orgulhosos. A vitória de um atleta paralímpico é uma vitória para todos nós."

A PARAPHRYGE, MASCOTE DOS JOGOS, TEM UMA PERNA PROSTÉTICA EM HOMENAGEM AOS ATLETAS AMPUTADOS

Em funções no cargo desde 2022, é a primeira vez que José Augusto Duarte recebe uma comitiva paralímpica na embaixada em Paris, tendo já noutras ocasiões aberto a porta a equipas de trabalho de atletas olímpicos, à época como diplomata. "Qualquer atleta português que vem representar o nosso país e que está em França, seja no futebol ou no atletismo, seja numa modalidade olímpica ou paralímpica, é um portador do estandarte de Portugal. Nós queremos acolher. Estamos juntos neste esforço para a vitória."

À semelhança de como foi referido por diversas ocasiões durante a cerimónia de abertura que ateou a chama que irá arder durante a próxima semana e meia em Paris, é necessário ser revolucionário. Para tal, o apoio é imprescindível. No primeiro dia de provas, no qual a comitiva portuguesa esteve com o foco no boccia, Aguiar-Branco, Pedro Duarte (ministro dos Assuntos Parlamentares), Pedro Dias (secretário de Estado do Desporto), Clara Marques Mendes (secretária de Estado da Ação Social e da Inclusão) e José Augusto Duarte fizeram-se presentes para oferecer o apoio aos atletas.

Num dos eventos desportivos de maior relevo a nível mundial já teve início e o foco mediático recairá sobre o desporto adaptado, o representante de Portugal em Paris reforçou: "Como um ser humano que não tenha estas limitações, às vezes queixamo-nos de uma coisa qualquer, como uma constipação e deixamo-nos ir abaixo. Estas pessoas não estão constipadas. Têm uma limitação que é permanente. E, apesar disso, têm a capacidade de conviver com isso e de desfrutar da vida. Sinto uma grande inspiração e respeito por estes atletas."

tribuna@expresso.impresa.pt

FUTEBOL

Em 20 jogos com a seleção nacional, Roberto Martínez tem 15 vitórias, dois empates e três derrotas FOTO DAN MULLAN/GETTY IMAGES

Mais do que um verdadeiro novo ciclo, teremos só mais um ciclo?

Depois do Euro, **Portugal volta a jogar já para a semana**. Martínez fará algo de diferente?

PEDRO BARATA

O Euro 2024 despertou, talvez como nunca, o debate público sobre a utilização de Cristiano Ronaldo na seleção. Às costas de um torneio em que o avançado ficou em branco ao nível goleador, chegando aos 12 jogos seguidos em fases finais sem golos que não sejam de penálti, houve quem defendesse que o madeirense deveria ser suplente, quem opinasse que o ideal era dosear-lhe a utilização, quem achasse que a sua data de validade na equipa estava ultrapassada.

E havia Roberto Martínez. Para o técnico, o capitão mantém-se indiscutível, atuando em 485 dos 510 minutos que Portugal disputou no Europeu e fazendo um total de 240 minutos nas eliminatórias contra Eslovénia e França.

O futebol de seleções analisa-se em períodos de dois anos, o tempo que vai de uma grande fase final até outra. Ora, ao realizar o balanço do ciclo anterior e projetar o novo, Martínez foi claro: Ronaldo continuará a ser primordial, já que, disse o espanhol ao Zerozero, o capitão foi "bem gerido e bem utilizado". Porquê? Porque Bob tem "informação confidencial" que "comprova esta narrativa", argumenta o catalão.

Assim, o debate parece morto à nascença pelo técnico. Na mesma linha, Cristiano, em entrevista ao canal Now, do qual é acionista, diz que quer "ajudar a seleção nos próximos compromissos", e assegura: "Quando deixar a seleção, não avisarei ninguém antes." Evidenciou que a decisão cabe a ele, e só a ele.

As garantias do selecionador e do capitão lançam as bases para o futuro. Findo o Euro 2024, vem aí o Mundial 2026, mas, mais do que um novo ciclo, talvez tenhamos só mais um ciclo de continuidade dentro da realidade recente da equipa.

O que aí vem

Esta sexta-feira, às 10h30, Roberto Martínez anuncia a primeira lista da sua segunda fase na seleção nacional. Os convocados terão em vista os dois primeiros encontros da fase de grupos da Liga das Nações, frente à Croácia (quinta-feira, 5 de setembro) e à Escócia (domingo, 8 de setembro), ambos no Estádio da Luz.

> Martínez já quase garantiu que Cristiano Ronaldo está presente na convocatória

Integrada no grupo A da primeira divisão da Liga das Nações, a seleção terá também a Polónia como adversária nesta fase de grupos. Após este duplo compromisso, haverá nova jornada dupla em outubro e outra em novembro. Os dois primeiros do grupo garantem a passagem para os quartos de final, uma fase em estreia nesta temporada no torneio que teve Portugal como vencedor da edição inaugural.

Ainda antes da *final four* da Liga das Nações, agendada para junho de 2025, terá início a qualificação europeia para o Mundial 2026, a realizar nos Estados Unidos, México e Canadá. Na primeira vez que a competição terá 48 equipas, a presença na fase final será um pouco mais fácil, pois a UEFA, que anteriormente tinha 13 vagas na competição, passará a ter 16. Para Portugal, pode ser a 14ª presença seguida num grande torneio.

Projetando o Mundial, Martínez aplica um discurso semelhante ao que verbalizou antes do Euro 2024. "Estamos a trabalhar para ganhar o Mundial. Esse é o objetivo supremo", assegurou o técnico ao Zerozero. Também Ronaldo já expressou o desejo de estar em 2026, no que seria o seu sexto Mundial, um registo que ainda nenhum futebolista alcançou.

Pepe, o grande ausente

Noutra das entrevistas que deu recentemente, esta à TVI/CNN, Roberto Martínez assegurou que chamaria nesta lista jogadores "novos". Tendo como ponto de comparação os 26 que foram ao Euro 2024, uma garantia de novidade prende-se com o terceiro futebolista que mais internacionalizações tem por Portugal.

Pepe, 141 jogos pela seleção, esteve presente nos últimos cinco Europeus e quatro Mundiais. No início de agosto, o lendário central anunciou o fim da carreira, um ponto final que obrigará o selecionador a, pelo menos, uma mexida no centro da defesa. Para essa vaga podem entrar Toti Gomes ou Diogo Leite, já convocados no passado recente, ou Eduardo Quaresma, destaque nos últimos meses no Sporting.

> A única grande mudança confirmada é a saída de Pepe, o 3º mais internacional de sempre

Quanto ao restante plantel, há jogadores que, devido às vicissitudes do mercado, ainda não realizaram qualquer minuto oficial na temporada. Danilo Pereira, Francisco Conceição, João Cancelo e Rui Patrício estão a zeros em 2024/25, sendo que no caso do guarda-redes recém-contratado pela Atalanta o último jogo que fez data de março.

Chamar nomes sem ritmo competitivo recente não é novidade na seleção. Há um ano, Cancelo e João Félix foram convocados quando não tinham ainda minutos na época, com Martínez a justificar a decisão dizendo que os jogadores precisavam "de apoio" e que, na lista de setembro, é mais importante "o trabalho feito" nos estágios recentes da equipa nacional do que "o momento" dos futebolistas.

Assim, não ter minutos na época não obriga, necessariamente, a um afastamento das opções. Além de Pepe, a outra ausência certa face ao Europeu é a do lesionado Gonçalo Ramos. De Renato Veiga, nome já referido pelo técnico, a Francisco Trincão, passando por Pedro Gonçalves, Ricardo Horta ou Paulinho, candidatos à lista não faltam.

pmbarata@expresso.impresa.pt

O segundo *round* do mesmo clássico

Nem um mês após a Supertaça, Sporting e FC Porto voltam a jogar (sábado, 20h30, Sport TV1) para o campeonato

Com três vitórias no campeonato em três jornadas, quem lima os treinos, a forma de jogar, os métodos do Sporting foi modesto quando chegou o momento de ser galardoado como melhor treinador da época passada na Liga Portugal Awards: "Eles conhecem-se tão bem que é deixar andar e não atrapalhar." Entende-se a intenção de Rúben Amorim em elevar o mérito de quem joga. É percetível também a subestima pela influência de quem colocou os leões, à 5ª época que inicia no clube, a jogar como que possuídos por uma missão.

No trio de jornadas já feito a equipa marcou 14 golos e sofreu dois, um diferencial demolidor contra adversários do lote dos mais simpáticos que o Sporting terá neste campeonato, mas, ainda assim, reveladores das fortalezas incutidas pelo treinador na equipa: uma nova variabilidade a sair de trás, construindo com os três centrais de sempre ou formando uma linha de quatro, com a descida de um dos médios, e uma junção, ainda mais declarada, de Pedro Gonçalves e Francisco Trincão ao centro do ataque, às vezes até ambos no mesmo lado. Nos últimos dois jogos ganharam por 1-6 (ao Nacional) e por 0-5 (ao Farense), com Viktor Gyökeres a marcar em ambos. Segundo a Driblab, empresa de estatísticas de futebol, o Sporting é, na I Liga, a equipa cujas ações com bola maior probabilidade têm de acabar em golo.

Vai receber agora o rival que se insurgiu na Supertaça após aquela meia hora inicial em que foi dominado. O novo FC Porto, de Vítor Bruno, a viver o seu verão azul após uma pré-época de baixas expectativas face à magreza dos cofres do clube e às separações tumultuosas (Pinto da Costa, Sérgio Conceição) ou tristes (Pepe), chega a Alvalade também com pleno de vitórias. Sem conceder grandes protagonismos aos pesos pesados da temporada transata — à exceção de Diogo Costa e Galeno, que até foi lateral esquerdo no último par de jogos —, o treinador incutiu na equipa uma preferência por desenhar coisas pelo centro do campo, entregando a Alan Varela os primeiros passes e a Nico González os últimos, para fechar as jogadas. Ainda será cedo para 'Samu' Omorodion, avançado vindo do Atlético de Madrid, correr a titular, tal como Fábio Vieira, o símbolo do portismo regressado ao Dragão para ficar com a camisola 10 deixada por 'Chico' Conceição. Também aí houve dedo de Vítor Bruno. "Foi um pedido especial do treinador", revelou André Villas-Boas.

DIOGO POMBO

dpombo@expresso.impresa.pt

Vidas Perfeitas

Por **Carla Quevedo**

1948-2024 Treinador de futebol sueco com uma carreira internacional fulgurante e que influenciou o futebol português, dando vitórias ao Sport Lisboa e Benfica

Sven-Göran Eriksson

Quando ouvimos dizer que um homem é um cavalheiro, formamos uma ideia de alguém que abre a porta às senhoras, não levanta a voz e tem um aspeto composto. A ideia é insuficiente. Não é cavalheiro aquele que aparenta ser cavalheiro, adotando uma diferenciação aristotélica. Chegar ao fim da vida e ser lembrado como um *gentleman* significa que se teve uma conduta correta ao longo da mesma.

Sven-Göran Eriksson, um cavalheiro, morreu a 26 de agosto em Torsby, na Suécia, na sequência de um cancro no pâncreas. Após anunciar que estava doente em janeiro deste ano e que teria, "no máximo, um ano de vida", foi convidado, em março, pelo Liverpool para dirigir a equipa num único jogo de beneficência contra o Ajax. O Liverpool ganhou no estádio de Anfield, e Eriksson pôde concretizar o sonho de estar à frente de uma equipa que sempre admirou e de a ver triunfar sob a sua orientação.

Eriksson nasceu no dia 5 de fevereiro de 1948 em Sunne, na província de Värmland, na Suécia. O pai, Sven, motorista de autocarros, e a mãe, Ula, vendedora numa loja de roupa, tratavam-no por "Svennis", um *petit nom* que ficou. Estreou-se aos 16 anos, como lateral direito no Torsby IF, o clube da pequena terra para onde a família se mudara e onde Svennis cresceu. Mudou-se depois para Säffle, para estudar Engenharia Eletrotécnica, e jogou num clube da terceira divisão, o SK Sifhalla. Já com 25 anos trabalhava como professor de Educação Física quando começou a jogar no Karlskoga, um clube da segunda divisão. Fizesse o que fizesse, o futebol era parte da sua vida.

Quando foi convidado, aos 29 anos, para treinar o seu primeiro clube, o Degerfors, da terceira divisão, trazia ensinamentos do futebol inglês. Tord Grip, um dos treinadores de Eriksson, fora treinado por Bob Houghton e Roy Hodgson. O esquema de 4-4-2, com quatro defesas, quatro centrais e dois avançados, era uma tática inglesa, de acordo com o "The Guardian". Eriksson ganha um título e o IFK Gotemburgo contrata-o. O resultado seria um sucesso para o clube sueco: vitória sobre o Hamburgo na Copa UEFA em 1982.

FOTO ACTION IMAGES VIA REUTERS

Chegar ao fim da vida e ser lembrado como um *gentleman* significa que se teve uma conduta correta ao longo da mesma

A partir daí, a carreira de Eriksson dispara. Aos 34 anos torna-se treinador do Sport Lisboa e Benfica, clube que o acarinha, respeitando os métodos de treino do sueco. "Com Eriksson, os treinos passaram de uma duração de duas horas para 50 a 60 minutos, com pausas de um a dois minutos para hidratação. O treino era feito por sectores, com exercícios de 10 a 12 minutos, seguidos das pausas de um a dois minutos", é referido no *site* do clube.

A maneira de trabalhar de Eriksson, atenta e dando espaço aos jogadores para respirar, resulta. O Benfica, sob a orientação do treinador sueco, seria campeão nacional em 1983 e de novo em 1984. Nesse ano, o treinador muda-se para Itália e treina a Roma. Depois passa para a Fiorentina. Em 1989, após um sucesso modesto em Itália, volta para Portugal e de novo para treinar o Benfica.

Em 1992 regressa a Itália para treinar a Sampdoria e depois a Lazio, numa reviravolta em que desistira de treinar um clube inglês, o Blackburn Rovers. Queria ficar em Itália, e o sucesso chega no fim da década de 90, com uma série de vitórias importantes no campeonato italiano, na Coppa Italia e na Supercoppa, que levam a crer que Eriksson tem o "toque de Midas". Qualquer equipa que treine ganha.

A sua carreira está no auge quando chega à seleção inglesa. É o primeiro selecionador estrangeiro em Inglaterra e consegue, em 2002, a qualificação para o Campeonato do Mundo com um golo do capitão, David Beckham. Muitas expectativas e magras vitórias caracterizam a sua passagem pela seleção inglesa.

O fim desta fase é marcado por uma conversa com um alegado *sheik* que queria comprar o Aston Villa e contratar Eriksson. Só que o magnata era um repórter e a conversa foi parar a um tabloide inglês. Declarações sobre Rio Ferdinand ser "preguiçoso" ou sobre o temperamento intempestivo de Wayne Rooney não caíram bem e o contrato com a seleção inglesa acabou antes do previsto. A partir daí, Eriksson treinou várias equipas, até acabar a sua carreira em 2019, como selecionador das Filipinas.

Num documentário recente admitiu que viveu uma vida boa, sorriu, já doente, e deixou-nos a recomendação: "Cuidem de vocês; cuidem da vossa vida." Eriksson fez muito mais do que isso.

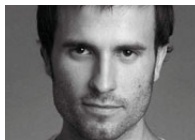
Obituário

Por **Lia Pereira**

Catherine Ribeiro

1941-2024 Nasceu em Lyon, França, filha de portugueses: o pai era latoeiro e a mãe, apesar de analfabeta, deu-lhe a conhecer o fado, cuja melancolia a conquistou. "Sou triste por natureza. Amo a vida, mas sou triste", disse a cantora à revista "Plateia" quando, em 1967, passou por Portugal e visitou uma casa de fados. "Achei o fado extraordinário, mesmo sem compreender uma palavra de português." Foi em França que desenvolveu a sua carreira na música e também no cinema: tendo estudado representação, participou, em 1963, em "Les Carabiniers", de Jean Luc-Godard, onde desempenhou o papel da mulher de um soldado. Foi na rodagem desse filme que conheceu Patrice Mullet, ator e músico com quem criou uma dupla criativa que assinava como Catherine Ribeiro + Alpes. Bebendo inicialmente da *chanson française*, viria a abraçar a folk, o rock progressivo e o experimentalismo. Em anos recentes, a sua obra seria descoberta e louvada pela crítica anglo-saxónica e por artistas como Kim Gordon, dos Sonic Youth. "Livre e libertária", como se definia, aos 82 anos.

Hettie Jones

1934-2024 Voz da geração *beat*, foi poeta, editora e professora, tendo escrito mais de 20 livros, muitos sobre as culturas afro-americana e nativo-americana. Casada até 1965 com LeRoi Jones, poeta e dramaturgo que assinava como Amiri Baraka, com ele criou a revista "Yūgen", que deu a conhecer numerosos *beatnicks*. Em Portugal, está editada pela Orfeu Negro e Sr Teste.

Julián Ortega

1983-2034 Conhecido pela participação na série da Netflix "Elite", o ator foi encontrado sem vida numa praia da Andaluzia, no passado sábado. Ortega, de 41 anos, foi vítima de afogamento, noticiou a imprensa espanhola. Filho da atriz Gloria Muñoz e do realizador e ator José Antonio Ortega, fez teatro e cinema. Terminara há pouco as filmagens da longa-metragem "Trompeta".

Cartas da semana

Os originais das cartas não devem ter mais de 150 palavras, reservando-se a Redação o direito de as condensar. Os autores devem identificar-se indicando o nº do B.I., a morada e o nº do telefone. Não devolvemos documentos que nos sejam remetidos. As cartas também podem ser publicadas na edição *online*.

Para contacto:
Cartas@expresso.impresa.pt

Para que serve a CPLP?

Excelente a carta do leitor Helder Pancadas sobre a CPLP que o Expresso publicou em 16/8, e ainda bem que alguém decidiu questionar a existência de um organismo que, com a inclusão da Guiné Equatorial, passei a considerar uma aberração, só possível pela 'bacoquice' da maioria dos nossos governantes. Talvez a melhor explicação para a dúvida que também me tem acompanhado seja a do incentivo da crescente balbúrdia social desenrolada entre nós, principalmente na endeusada Lisboa e arredores, para um provável estouro do SNS e a possível falência da Segurança Social. Ou, então, para fomentar ainda mais a reparação preconizada pelo nosso brilhante Presidente Marcelo e em curso já há muito tempo. Mas estejamos todos tranquilos. É que, com a falta de candidatos vindos diretamente dos restantes países da CPLP para isso, principalmente de terras de Vera Cruz, poderemos ter em breve fartura de agentes de autoridade, militares, professores, etc.

Celerino Dias, Viana do Castelo

Alojamento local

Luís Montenegro, no histórico discurso do Pontal, afirmou que o Governo não é liberal. No entanto, reverteu as limitações à instalação de unidades de alojamento local. Na governação de António Costa, a assembleia de condóminos de um prédio em propriedade horizontal podia opor-se à instalação de alojamento local (AL). Com a governação montenegrista, o alojamento local afirma-se e só depois é possível o seu encerramento com uma maioria de 2/3 de votos da assembleia-geral de condóminos que consigam convencer o presidente da Câmara de ruído excessivo, invasão de privacidade e outros incómodos do entra e sai a qualquer hora. Sabedores da demora camarária, poderão passar anos até uma deliberação. Como os municípios querem é faturar taxa municipal turística, não vai ser fácil o edil determinar o encerramento de AL. Se Montenegro tivesse como vizinha uma unidade de alojamento local, pensaria três vezes...

Ademar Costa, Póvoa de Varzim

Baixar o IRS? Como?

Com que então, vão baixar o IRS. Como? E, assim, o Governo dirigido pelo propagandista militante, Dr. Luís Montenegro, não pára. Mais uma atoarda, desta vez, com as novas tabelas do IRS, aplicáveis nos meses de setembro e outubro. Tudo serve para fazer propaganda eleitoral. Como é bom ter um Governo como este. Todos os dias sou surpreendido com as grandes benesses que me oferecem. Nem quero acreditar como este Governo se preocupa tanto com o Zé Povinho. Qual o preço a pagar por tantas benesses? Já agora, foi cometido um erro crasso: os pensionista e reformados da Segurança Social (SS) só irão sentir a benesse na retenção do IRS no mês de outubro, e não em setembro, porque entretanto os recibos das pensões já foram emitidos, com as taxas do IRS calculadas nas tabelas anteriores.

Mário Jesus, Odivelas

Hugo Soares, Trump e Kamala

Hugo Soares diz ao Expresso que, se fosse eleitor nos EUA, teria muita dificuldade em escolher entre Trump e Kamala, pois conhece muito pouco de Kamala. Esta afirmação deixou-me chocado. Lembro a Hugo Soares aquilo que todos conhecemos de Trump: implementação brutal de políticas de imigração que separaram milhares de crianças dos seus pais. Covid-19: a lixívia, a gestão caótica e a desinformação, resultando em centenas de milhares de mortes evitáveis nos EUA. É o único Presidente dos EUA a enfrentar dois processos de *impeachment*. Disseminação de mentiras sobre fraude eleitoral, alimentando uma das maiores crises de confiança na história dos EUA. Ataque ao Capitólio, incentivo à insurreição que visou derrubar o resultado legítimo das eleições. Retórica de ódio e divisão no uso de uma linguagem incendiária que incentivou o extremismo a níveis globais. Sabotagem das relações com aliados tradicionais. E a lista continua. É importante sabermos se Montenegro também tem dúvidas em quem votaria.

António José Almeida, Lisboa

"Je suis la loi"

Não posso deixar passar em claro o facto de, 50 anos depois do 25 de Abril, haver entidades públicas que ainda legislam por encomenda. Independentemente de muitas, para quem a lei é sagrada e igual para todos, outras há que tomam decisões a pender mais para um ou outro lado, a roçar a cândida "infantilidade" do jeitinho, que só o mais astuto decifra... e há aquelas que, sem qualquer pejo pela igualdade de direitos, assumem que este ou aquele regulamento foi elaborado a pedido de alguém ("de uma trabalhadora/colaboradora", por exemplo). "Je suis la loi, Je suis l'Etat; l'Etat c'est moi" (Eu sou a lei, eu sou o Estado; o Estado sou eu!), terá dito Luís XIV. Pelos vistos, em 2024 e num país chamado Portugal, a frase não está assim tão descontextualizada.

António Carvalho, Gouveia

o Inimigo Público

Se não aconteceu, podia ter acontecido

Nº 139 SÉRIE II

DIRETOR: LUÍS PEDRO NUNES

PAULO RANGEL JÁ ALTEROU A SUA PÁGINA DE WIKIPÉDIA

"COMO PM INTERINO, GOVERNOU PORTUGAL DURANTE O GRANDE SISMO DE 26 DE AGOSTO DE 2024"

Paulo Rangel foi rápido a reagir ao sismo e ainda mais rápido a reagir à sua reação à tremedeira das placas tectónicas. Ainda não tinham passado 24 horas e já a entrada da Wikipédia do ministro assinalava, à cabeça, que "nasceu em Gaia e, como primeiro-ministro interino, governou Portugal durante o grande sismo de 26 de agosto de 2024, com enorme fibra moral, coragem física e uma liderança serena que só compara com a de Winston Churchill na Batalha de Inglaterra". Mais à frente, no capítulo "Capacidade inata de agregar competências", Rangel é referido como "alguém que viu a mesa de cabeceira a abanar às 5h11, e às 5h12 já estava de pijama na rua à cata de tsunamis e a tranquilizar a população idosa que julgava estar perante uma invasão russa. Devolveu voluntariamente o poder a Luís Montenegro e deixou-lhe um país mais sólido, sem rachas nas paredes nem ecopontos tombados para cima dos automóveis". M.B.

RIMAS DE GONÇALO ANNES BANDARRA PREVIRAM O SISMO DE SEGUNDA-FEIRA

Quando as grávidas parirem onde Deus dará
E o Montenegro e o Marcelo forem a banhos
Portugal vai acordar com um grande bruaá
E um daqueles sismos de antanhos.

Depois de Leonor Beleza na Festa do Pontal
E por ela o Hugo Soares acender velas
O chão vai estremecer em Portugal
E Maria Luís Albuquerque vai para Bruxelas.

Quando cães e gatos puderem ir à praia
E o João Mário quiser fugir para a Turquia
Um grande sismo vai surpreender até a Maya
E no Chicão do CDS-PP causar uma taquicardia.

Quando forem vinte e quatro mais do que dois mil
Os portugueses vão apanhar grandes sustos
Enquanto na sede da Proteção Civil
Os técnicos dormem o sono dos justos. **V.E.**

Terramoto político de António Costa no Conselho Europeu teve como réplica Maria Luís Albuquerque na Comissão Europeia

O terramoto político que levou António Costa para a presidência do Conselho Europeu teve esta semana uma réplica, como de costume de menor intensidade, quando Maria Luís Albuquerque se tornou a nova comissária europeia portuguesa, competindo assim com Ursula von der Leyen em carisma político e estima unânime dos seus opositores políticos. De referir que a colocação de Maria Luís Albuquerque na Comissão Europeia foi uma completa surpresa porque foi negociada, entre o Governo e a Europa, por André-Villas Boas e Andoni Zubizarreta, os novos Metternich e Kissinger de Portugal. **V.E.**

Proteção Civil provou estar preparada para dar conferências de imprensa na manhã a seguir aos sismos

A Proteção Civil foi muito criticada por não colocar meios no terreno, depois da ameaça calamitosa de regresso dos Oasis, mas esteve bem a reagir ao sismo com uma conferência de imprensa, logo na manhã de segunda, que interrompeu horas seguidas de imagens de câmaras de vigilância de *nannies* e de *sextapes* nos canais de TV. Pelo lado menos positivo, a população do Norte indignou-se contra aquilo que designa por "epicentralismo dos sismos sempre no Sul" e os benfiquistas manifestaram uma certa desilusão por o sismo não ter feito cair Roger Schmidt. M.B.

PS acha os 5,3 excessivos e garante: com Mário Centeno, o sismo teria magnitude zero

"O PSD recebeu um país a marcar quase zero nas escalas de Richter e de Mercalli. O primeiro-ministro foi a banhos para o Brasil, virou costas aos portugueses e a magnitude dos sismos subiu em flecha para 5,3", analisou Pedro Nuno Santos para o IP. "Falei com uma sismóloga do PS (Mariana Vieira da Silva) e ela também acha o valor exagerado. Lembro que o professor Mário Centeno trucidou o défice e teria conseguido um sismo de magnitude zero com cativações das placas tectónicas." **M.B.**

"A Bola": sismo sentido em Lisboa é sinal divino para o Benfica despedir Roger Schmidt

O sismo sentido na madrugada de segunda-feira foi interpretado pelos comentadores do jornal "A Bola" e da CMTV, após lerem as entranhas de um pombo do Rossio, como um sinal da ira divina por Roger Schmidt ainda ser treinador do Benfica, devendo Lisboa esperar o mesmo destino apocalíptico de Sodoma e Gomorra caso o alemão ainda esteja no banco encarnado esta noite, em Moreira de Cónegos. Já os comentadores do jornal "O Jogo" e do Porto Canal previram que a Grande Lisboa e Vale do Tejo vão ser fustigadas por uma praga bíblica de gafanhotos, louva-a-deus e demais insetos usados em barras nutricionais caso o substituto de Roger Schmidt seja Sérgio Conceição. V.E.

BARMAN MAIS PREGUIÇOSO DO MUNDO APROVEITOU SISMO PARA AGITAR 50 *COCKTAILS* EM SIMULTÂNEO

Zé Manel, um *barman* com mais de 30 anos de experiência, entrou esta semana para o Guiness como o mais preguiçoso do Mundo. Aproveitou o sismo para agitar 50 *cocktails* sem ter de pegar no *shaker*. Os *cocktails* estão prontos, mas ainda não foram entregues aos clientes. O *barman* está a aguardar pelo próximo furacão para os fazer chegar às mesas. A.P.

Marcelo saúda Governo por ter evitado uma tremenda catástrofe durante o sismo que não teve quaisquer consequências

"Ora bom: o Governo merece o elogio das portuguesas e dos portugueses porque salvou as portuguesas e os portugueses da maior catástrofe a atingir Portugal nos últimos 300 anos (e estou aqui a incluir, obviamente, o *reality show* 'Senhora Dona Lady')", considerou o Presidente da República, que não poupa elogios à atuação do executivo antes, durante e depois do sismo. "Antes, porque o ministro Leitão Amaro estava de vigia às placas tectónicas. Durante, porque abanou, mas não caiu. Depois, porque perante a quase destruição de infraestruturas e gelatarias, serenou o país e as portuguesas e os portugueses não foram para a rua aos gritos em roupa interior." **M.B.**

OPINIÃO

Por Sebastião José de Carvalho e Melo

O PAULO RANGEL É O MARQUÊS DO POMBAL DO SÉCULO XXI

Portugueses, muitos de vós devem ter pensado em mim, Sebastião José de Carvalho e Melo, Marquês do Pombal e Conde de Oeiras, quando, na madrugada da passada segunda-feira, a terra tremeu por baixo dos vossos pés e todos vós temeram pelas vidas, quais famosos nos novos concursos da televisão, como o "Parece Impossível" e o "Congela". Mas cada tempo e cada circunstância pede um homem à sua altura, tendo o grande sismo de 1755, que dizimou Lisboa, uma das maiores cidades do mundo, sido encarado por mim, o marquês do Pombal, tal como o sismo pífio que mandou abaixo meia-dúzia de pechisbeques nas prateleiras de reformados e fez uma mão-cheia de cães vadios ladrarem nas ruas de Alfama produzido a respetiva figura histórica em Paulo Rangel, que, enquanto primeiro-ministro interino, lidou friamente com os abanões, contando com a ajuda inabalável da Proteção Civil, cujo lema é "enterrar os mortos e só depois avisar os vivos". Também saliento o comportamento exemplar e edificante do novo conde de Oeiras, o Isaltino Morais, que apelou à calma da população, mostrando-se nas redes sociais, duas horas depois do sismo, a comer uma tosta mista feita com queijo flamengo de Carcavelos e fiambre de Paço D'Arcos, enquanto empurrava a mesma com um abatanado feito com café produzido nas senzalas do Dafundo. Por isso nada temam, portugueses, estais em mãos capazes quando o próximo grande sismo abalar Lisboa, destruir os poucos hospitais que ainda funcionam e a DGS aconselhar a "cuidar das pessoas que menstruam e enterrar as pessoas que já não respiram". V.E.

Sismo ao largo de Sines obrigou a Start Campus a guardar todos os dados do *datacenter* em *pendrives*

O sismo ocorrido ao largo de Sines levou o *datacenter* local a acionar o plano de emergência e guardar todos os dados em *pendrives*, nos blocos de notas de telemóveis e principalmente na memória de anciãos, que, caso o *datacenter* fosse destruído, transmitiriam os dados, de geração em geração, como parte da tradição oral das tribos do litoral alentejano. Segundo a CMTV, os dados do *datacenter* da Start Campus também foram armazenados, de prevenção, no novo computador de João Galamba, entretanto roubado por Frederico Pinheiro e recuperado pelas agentes dos Serviços Secretos que protegem Donald Trump. V.E.

Sismo ocorrido às 5h00 da madrugada foi sentido por 100% dos padeiros de Lisboa e Setúbal

O sismo que abalou Portugal na madrugada de segunda-feira causou um enorme pânico entre os padeiros de Lisboa e Setúbal, que estavam quase a acabar o expediente e picarem o ponto quando, de repente, todas as carcaças que tinham colocado a repousar nas prateleiras acabaram no meio do chão, impedindo assim milhares de turistas, poucas horas depois, de comerem as bifanas do tradicional pequeno-almoço português. O sismo também frustrou várias buscas domiciliárias da PGR, tendo os magistrados públicos encontrado os políticos devidamente acordados e com a barba feita quando invadiram as suas casas de madrugada. **V.E.**

O INDECISO HUGO SOARES TEM MAIS INDECISÕES

O líder parlamentar do PSD manifestou-se incapaz de escolher entre Kamala Harris e Donald Trump. Mas há mais dilemas obtusos que impedem Hugo Soares de pregar o olho nas longas madrugadas de indecisão:

- **✔ Ana Malhoa ou Elon Musk?**
- **✔ Rinite alérgica ou vírus Crimeia-Congo?**
- **✔ "Preço Certo" ou crise do *subprime* de 2008?**
- **✔ Brisa ligeira ou terramoto de 1755?**
- **✔ Papa Francisco ou Hannibal Lecter?**
- **✔ Barça de Pep Guardiola ou Canelas de Fernando Madureira?**
- **✔ Sá Carneiro ou Oliveira Salazar?**

M.B.

PAN quer permitir animais de companhia nas praias, mas cães e gatos castrados recusam frequentar praias de nudistas

O PAN quer permitir que os animais domésticos frequentem praias e que os cães-guias possam tornar-se nadadores-salvadores, mas os cães e gatos recusam-se terminantemente a passear por praias de nudistas, onde cada pessoa que passa a mostrar orgulhosamente o badalo lembra-lhes a infame tarde em que entraram no veterinário como descendentes de linces e lobos e saíram com eunucos da corte de um sultão ou *castrati* da ópera italiana. O PAN ressalva que os donos dos animais devem mantê-los com trela, apanhar os seus dejetos e, no caso dos psicopatas, não seguirem as ordens que o cão lhes dá para assassinar o homem das bolas de Berlim se já não tiver bolas com creme. V.E.

Toy proíbe Trump de usar "Põe a cerveja no congelador e vem fazer amor" nos comícios

Depois de Beyoncé, Foo Fighters, Rolling Stones, Céline Dion, Tom Petty, Rihanna, Aerosmith, a família de Prince e muitos outros, também Toy avisou a campanha republicana de que não autoriza J. D. Vance a entrar em cena nos comícios a dançar como se estivesse a ter relações sexuais com um sofá ao som de 'Verão e Amor (Cerveja No Congelador)'. Trump reagiu no X: "Tenho pena porque 'Põe a cerveja no congelador e vem fazer amor' lembra-me a noite em que eu e a Stormy Daniels deitámos abaixo um minibar e dois psichés. Stormy, dá-me um toque!". **M.B.**

Metade dos candidatos falha prova de acesso às Forças Armadas e passa a combater as 'guerras culturais' nas redes sociais

Metade dos candidatos que participa nas provas de acesso às Forças Armadas, inspirados pelo exemplo heroico do então vice-almirante na luta contra a covid, falha o acesso, prosseguindo, no entanto, a vida militar nas redes sociais, nomeadamente nas trincheiras das caixas de comentários, onde, com valentia e honra, defendem que um homem com pénis e testículos é uma mulher perfeitamente capaz de dar à luz numa ambulância a caminho do hospital público mais próximo ou que, pelo contrário, só é mulher quem nasceu sem tintins e pretendia usufruir do estatuto de "mulher dona de casa" proposto pelo Movimento Acção Ética. De referir que os ex-combatentes das guerras culturais costumam reunir-se em almoços-convívio, onde exibem as tatuagens que fizeram nos braços, a dizer "Twitter, 2021". V.E.

Rússia declarou como indesejável a Fundação Clooney, que acusa de ser fachada da Fundação José Milhazes

Procuradores russos que viram demasiados episódios de "A Sentença" classificaram a fundação do casal Clooney como "indesejável", o que causou estranheza porque a Humanidade em geral considera George e Amal pessoas assaz desejáveis. Os russos acusam a Fundação Clooney de ser uma fachada de conluios obscuros envolvendo estrelas de Hollywood e de Paço de Arcos e asseguram que os Clooneys são marionetas da Fundação José Milhazes, que "tem como objetivo fazer da federação russa uma Póvoa de Varzim transcontinental". **M.B.**

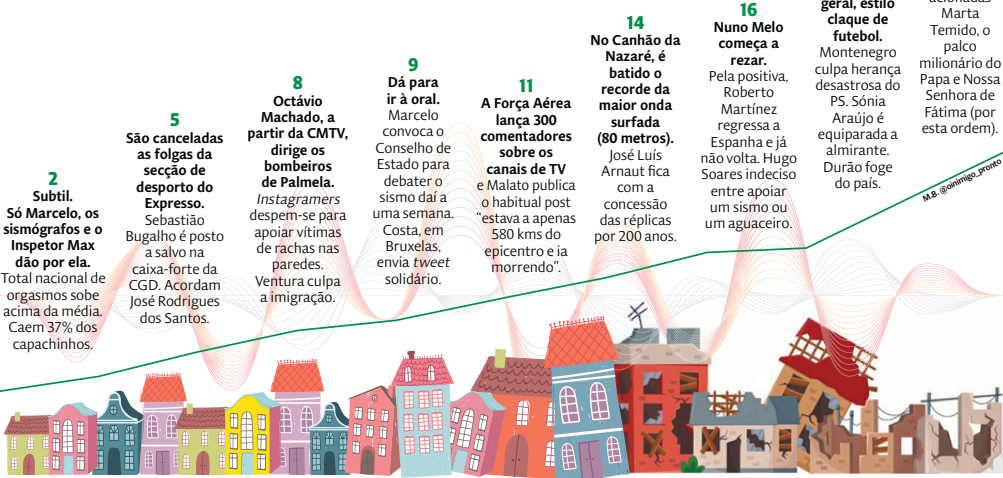
Ronaldo não avisará quando deixar a seleção e apenas o seu grupo restrito de 625 milhões de seguidores no Instagram irá saber

Cristiano Ronaldo foi entrevistado no canal de que é acionista, o Now, e deixou o aviso de que "quando abandonar a seleção, não avisarei ninguém", o que deixou Roberto Martínez à nora e a pensar como irá jogar apenas com 10 porque não concebe o jogo, todo o equilíbrio do cosmos e a própria vida, sem o CR7. Ronaldo só comunicará essa decisão a um limitadíssimo conjunto de pessoas, como os 625 milhões de seguidores no Instagram, Jorge Mendes, Marcelo, a mãe, o Pentágono, o pessoal do champô anticaspa e Deus (via WhatsApp do Vaticano). M.B.

Negociação do Orçamento baseia-se no *slogan* da Temu "compre como um bilionário"

Tanto a oposição como o governo estão a discutir o Orçamento do ano que vem na base do lema da Temu "compre como um bilionário", uma variante da conhecida política orçamental portuguesa de quem vier a seguir que feche a porta. Miranda Sarmento fez um *copy/paste* do Orçamento do governo de Cavaco Silva de 1988 e juntou-lhe previsões do tarot e o regulamento do Euromilhões. Pedro Nuno Santos acrescentou zeros ao Orçamento deste ano, uma lista de coisas a 70 cêntimos na Temu e pediu à Lenka do "Preço Certo" para fazer as somas. **M.B.**

SE VIER UM SISMO GRANDE, COMO É? A ESCALA DE MARCELO

Richter e Mercalli foram uns meninos. Em Portugal, Proteção Civil, IPMA e rodapés da SIC N seguem a Escala do Professor Marcelo, que dá notas de 1 a 20. Alguns exemplos:

Paulo Raimundo não consegue decidir entre hambúrgueres do McDonalds e Burger King por ser "escolha entre dois males"

Paulo Raimundo tem algumas dificuldades de decisão e, da mesma forma que não consegue escolher entre Donald Trump e Kamala Harris, também não sabe se prefere um Big Mac ou um Whopper. Anda há anos a tentar perceber. O secretário-geral do PCP não sabe sequer se gosta mais de Coca-Cola ou Pepsi porque nunca provou nenhuma. Já na escolha entre o Rato Mickey e uma ratazana de esgoto tem uma certeza: prefere a ratazana porque o esgoto é uma verdadeira sociedade sem classes. A.P.

Equipa oInimigoPúblico
"Se não aconteceu... podia ter acontecido!" O Inimigo Público é um suplemento satírico, sendo todo o seu conteúdo ficcional.
Diretor Luís Pedro Nunes
Redação Alexandre Parreira, Luís Pedro Nunes, Mário Botequilha, Vítor Elias
Cartoon Nuno Saraiva
Projeto gráfico @oinimigo_pronto
Editor online João Martins
Fotografia Getty Images e arquivo pessoal
O INIMIGO PÚBLICO é um projeto conjunto Expresso/Produções Fictícias/Farol de Ideias através de O Estado do Sítio

Editorial&Opinião

Editorial Maria Luís Albuquerque será comissária europeia em nome de Portugal

Desafios da UE

O anúncio do nome proposto pelo Governo para comissária europeia em nome de Portugal nos próximos cinco anos leva-nos a discutir o perfil da escolhida, Maria Luís Albuquerque, o seu currículo e mérito, as suas fraquezas ou ainda o processo que levou Luís Montenegro a anunciar o nome esta quarta-feira sem antes ter, por exemplo, prévia e devidamente informado o maior partido da oposição. Discutimos também qual a melhor pasta para a antiga ministra das Finanças e qual gostaríamos que fosse, de acordo com os interesses nacionais. Todas essas discussões são admissíveis, mas escondem algo muito mais importante: nos próximos cinco anos, a União Europeia, liderada pela alemã Von der Leyen, que teve um primeiro mandato essencialmente de resposta a crises, enfrenta desafios tão grandes ou mesmo maiores. Desde logo, a guerra a leste. Depois, o alargamento a mais países e a distribuição do bolo financeiro. E tudo isto quando a própria Europa — basta olhar para a composição do Parlamento Europeu — está mais dividida e fragmentada do que nunca.

1986 outra vez?

Na história das eleições presidenciais, só por uma vez, quando se defrontavam dois fundadores do regime partidário, Soares e Freitas, é que os eleitores foram chamados a uma segunda volta. Em todas as restantes, o vencedor conseguiu ser eleito à primeira. Em 2026, depois de dois Presidentes à esquerda, Soares e Sampaio, e de outros dois do centro-direita, Cavaco e Marcelo, a eleição parece mais disputada que nunca. Não se veem no horizonte candidaturas com um peso tal que permitam sonhar com nova vitória à primeira volta. À esquerda, o mais forte seria Guterres, mas a ONU deixa-o de fora. Os restantes presidenciáveis não têm o mesmo peso. À direita, Marques Mendes parecia fazer um caminho vitorioso, imitando Marcelo. Mas o almirante Gouveia e Melo baralha as contas. Agora apareceu Leonor Beleza. Falta muito tempo ainda. Mas quem der o primeiro passo em frente pode lançar definitivamente a corrida.

Expresso

Proprietária/Editora: IMPRESA PUBLISHING S.A.
Sede: Rua Calvet de Magalhães, 242, 2770-022 Paço de Arcos. NIPC: 501984046
Administração da IMPRESA PUBLISHING: Francisco Pinto Balsemão, Francisco Maria Balsemão, Francisco Pedro Balsemão, Paulo de Saldanha, Paulo Miguel Reis, Nuno Conde e Bruno Mateus Padinha
Composição do Capital da Entidade Proprietária: 100.000 euros, 100% propriedade da Impresa – SGPS, SA, NIPC 502437464
Registo da publicação na ERC: 101.101 ISSN-0870-1970

Diretor-Geral de Informação Impresa Ricardo Costa

Diretor João Vieira Pereira

Diretores-Adjuntos David Dinis, Martim Silva, Miguel Cadete, Paula Santos

Diretor de Arte Marco Grieco

Grande Repórter Micael Pereira

Editor Executivo Pedro Candeias

Editor da edição semanal João Silvestre

Editores Diogo Pombo (Desporto), Eunice Lourenço (Política), Joana Beleza (Multimédia), João Carlos Santos (Fotografia), João Pedro Barros (Online), Miguel Prado (Economia), Pedro Cordeiro (Internacional), Pedro Lima (Editor-adjunto Economia), Ricardo Marques (Revista E) e Rita Ferreira (Sociedade)

Coordenadores Gerais de Arte Jaime Figueiredo (Infografia) Mário Henriques (Desenho)

Coordenadores Cristina Pombo (Internacional), Elisabete Miranda (Economia), Isabel Leiria (Sociedade), João Cândido da Silva (Online), João Miguel Salvador (Online), Lia Pereira (Revista E), Lídia Paralta Gomes (Desporto), Mafalda Ganhão (Online), Margarida Cardoso (Porto), Marta Gonçalves (Online), Pedro Miguel Coelho (Redes Sociais), Rui Tentúgal (Fecho), Tiago Pereira Santos (Desenho Multimédia) e Vítor Andrade (Economia)

Arquivo arquivo@impresa.pt

Redação, Administração e Serviços Comerciais Rua Calvet de Magalhães, 242 2770-022 Paço de Arcos Tel. 214 544 000 ipublishing@impresa.pt

Delegação Norte Rua Conselheiro Costa Braga, 502; 4450-102 Matosinhos Tel. 220 437 000

Publicidade Miguel Pacheco (diretor) João Paulo Luz (diretor de receitas digitais) Carlos Lopes (diretor coordenador) Ângela Almeida (diretora da Delegação Norte) Hugo Rodrigues (diretor publicidade) Nuno Martins (gestores de conta) Miguel Teixeira Diniz e Sérgio Alves (gestores de conta) Marta Teixeira e Helena Almeida (gestores de conta da Delegação Norte) Tel. 214 544 073/214 698 798

Publicidade Online publicidadeonline@impresa.pt

VISAPRESS© Direitos de Autor Protegidos

Subscrições Digitais Expresso
3 semanas: €5,99
52 semanas: €84,99
104 semanas: €139,99
Ligue 214 698 801 ou vá a expresso.pt
Dias úteis: 9h às 19h | Sábados: 9h às 14h

Marketing e Comunicação Mónica Serrano (diretora) Ana Paula Baltazar (coord. de marcas de informação) Susana Freixo (gestora de marca) e Carla Martins (coord. de comunicação para relações externas)

Produção Ana Sengo da Costa (diretora) João Paulo Batlle y Font (coordenador) Carlos Morais e Joaquim Rodrigues (produtores)

Circulação e Assinaturas (papel) Ana Sengo da Costa (diretora) Pedro M. Fernandes (diretor de circulação e produtos Expresso) e João Braz (responsável pela circulação)

Apoio ao Assinante Rita Silva (responsável pelo serviço de apoio ao cliente) Tel. 214 698 801 (dias úteis, das 9h às 19h); *e-mail:* apoio.cliente.ip@impresa.pt

Atendimento Ponto de Venda pontodevenda.ip@impresa.pt

Impressão Lisgráfica Impressão e Artes Gráficas, S.A. Estrada de São Marcos, 27 2735-521 Agualva-Cacém

Distribuição VASP-MLP, Media Logistics Park Quinta do Grajal, Venda Seca 2735-511 Agualva Cacém Tel. 214 337 000 Pontos de venda: contactcenter@vasp.pt Tel. 808 206 545

ANTES DO DESPERTADOR

Sebastião Bugalho
politica@expresso.impresa.pt

O fim de agosto tende a marcar o início de algo, sendo o fim deste o início de algo que não sabemos como acabará.

Em Bruxelas, além da distribuição de pastas e respetivas audições, o novo colégio de comissários enfrentará a difícil tarefa de corresponder às expectativas que Ursula von der Leyen criou após ser reeleita. A promessa de atribuir a um comissário responsabilidade direta sobre a habitação e desenvolver um plano europeu para a habitação acessível vai ao encontro das prioridades que os dois maiores partidos portugueses preconizam. Nas soluções, que Von der Leyen apontou como mistas (com investimento privado e público), o debate manter-se-á certamente vivo. A criação de um portefólio integralmente dedicado ao Mediterrâneo, oferecendo centralidade política à região, é outra novidade a que Portugal, sendo o menos mediterrânico dos sulistas, não poderá estar desatento. Na negociação daquele que poderá ser o último quadro financeiro plurianual de fundos antes do alargamento, essa centralidade será potencialmente útil, se usada a preceito.

A tarefa mais exigente da segunda Comissão Leyen é assim, além de cumprir o que se propôs realizar, assegurar que a Europa deixa de ser um bloco movido por eventos — sobrevivendo sucessivamente a crises na última década — para passar a ser um bloco capaz de estar preparado para estes antes de lhe surgirem. Foi precisa uma guerra para se falar em união de defesa, uma pandemia para se emitir dívida conjunta, uma invasão russa para por termo à dependência energética que se estabelecera. Nos próximos cinco anos, a União Europeia não pode esperar pelo segundo toque do despertador para sair da cama. Não haverá investimento sem crescimento, regulação sem inovação ou reciprocidade sem força.

Quando uma comunidade de Estados mantém os seus alicerces assentes em princípios num mundo que convive cada vez menos com eles, as missões são paradoxais e as soluções contraintuitivas. Descarbonizar e reindustrializar em simultâneo. Competir comercialmente com protecionistas sem cair no protecionismo. Tudo isso será necessário. Nada disto será fácil.

Sem ilusões, Portugal tem razões para otimismo apesar disso. O trio de liderança institucional da União é composto por personalidades amigas

> **Nos próximos cinco anos, a União Europeia não pode esperar pelo segundo toque do despertador para sair da cama**

FOTO PHILIPP VON DITFURTH/REUTERS

de Portugal. Von der Leyen encerrou uma campanha no Porto, o PPE, que foi a única família política europeísta a crescer face à última legislatura, reuniu todos os seus eurodeputados em Lisboa este verão, o Parlamento é presidido por alguém oriundo de um país também pequeno e a sul que, por coincidência, conheceu o marido em Lisboa, e o Conselho será encabeçado por um ex-primeiro-ministro português apoiado com igual empenho pelo PSD e pelo PS.

No Parlamento Europeu, a estabilização do sistema político português, com os dois maiores partidos a superarem a barreira dos 30%, confere aos eurodeputados nacionais uma representatividade capaz de falar de igual para igual no seio das maiores famílias políticas europeias, onde as decisões, de facto, ocorrem. A delegação portuguesa do PS tem apenas menos dois parlamentares do que o SPD alemão. A da AD tem mais eurodeputados do que a França ou a Holanda dentro do grupo PPE.

Se à sensibilidade pró-portuguesa das lideranças institucionais europeias juntarmos um espírito construtivo, disruptivo e realista a essa vantagem, o país poderá celebrar os 55 anos da democracia com mais tranquilidade do que comemorou o seu cinquentenário. Sem a Europa, será impossível fazê-lo.

Esteja ela à altura.

E nós, antes que o despertador caia da cabeceira.

LEIA TAMBÉM EM EXPRESSO.PT

A América distante
HENRIQUE BURNAY

Microplásticos em todo o lado
CATARINA ABRIL

A outra proliferação
RICHARD HAASS

UM TESOURO QUE NÃO SABIA QUE TÍNHAMOS

Rui Tavares
politica@expresso.impresa.pt

Há os clássicos, aqueles livros de que nunca ninguém diz que está a ler, mas sempre que está "a reler". E nem é por mal: já toda a gente ouviu falar dos "Lusíadas" ou do "Dom Quixote", de forma que quando chega verdadeiramente a lê-los, a sensação que tem é a de que está a chegar a algum lugar onde já tinha estado.

Mas depois há os tesouros. São aqueles livros a que chegamos e pensamos "mas porque é que ninguém me tinha falado disto antes?" São mais raros, muito mais raros e escassos. E este verão eu descobri um desses. Tal como os "Lusíadas" e o "Quixote", também saiu daqui da península.

No século XII, havia um homem chamado Ibn Tufayl, que foi professor, político e filósofo. Ibn Tufayl nasceu do outro lado do Al Andaluz, em Guadix, cerca do ano de 1110, e foi vizir em Granada, antes de atravessar o estreito para morar em Marraquexe, onde morreu em 1185. Foi pois contemporâneo de Dom Afonso Henriques (c. 1111-1185); as datas das vidas de ambos coincidem quase exatamente. Isto ajuda-nos a situá-lo: tão perto e tão longe.

Não se sabe quando Ibn Tufayl escreveu "Hayy ibn Zaqdan", livrinho cujo título poderia traduzir-se como "Vivo, o filho do desperto". A história que nos conta é simples. Numa ilha chamada Waq Waq apareceu um rapazinho ainda bebé. Segundo alguns sábios, terá nascido ali de geração espontânea, mas Ibn Tufayl atalha para nos dizer que há outra história segundo a qual o bebé era filho de um amor secreto da irmã do sultão da ilha vizinha, que fora constrangida a pô-lo numa arca e lançá-lo ao mar, esperando que sobrevivesse. O menino chamava-se Hayy, o que quer dizer "vivo"; o seu pai seria um homem chamado Zaqdan, o que quer dizer "desperto". Daí o título do livro.

Na ilha deserta, Hayy foi criado por uma gazela, que morreu quando ele chegou aos sete anos. Foi aí que ele — pensando sempre por imagens, uma vez que ninguém lhe tinha ensinado linguagem humana — começou a tentar perceber a vida e a morte, o que o levou a perguntar-se sobre aquilo que anima o universo, o que o levou a refletir sobre a sua própria reflexão, e por aí adiante. O livro prossegue assim, em etapas de sete a sete anos da vida de Hayy, sempre em estágios mais altos de iluminação, até chegar aos 49 anos, idade em que (como previsto por Aristóteles) atinge a felicidade e sabedoria supremas. E isto sem professores, sem sacerdotes, sem livros sagrados, nem religião organizada, mas apenas pela observação da natureza. Só está vivo quem está desperto para observar.

Apesar da sua mensagem potencialmente subversiva (é possível ser-se bom sem viver sob autoridade), o livrinho foi sendo estimado e conhecido no mundo árabe, no qual foi passando de mão em mão como manuscrito. Até que no século XVII foi descoberto no Cairo por um arabista inglês, Edward Pocock, que o traduziu para latim com o título de "O Filósofo Autodidata". Foi essa tradução que Espinosa terá lido em 1672, uns anos antes de morrer. Depois apareceram versões em inglês, que influenciaram Daniel Defoe na escrita de Robinson Crusoe, e noutras línguas. Nunca tendo ficado célebre, iluminou alguns dos filósofos e escritores mais célebres no século XVIII. Não estando no cânone dos clássicos, foi um dos mais decisivos livros de que nunca ouvimos falar.

E depois? Depois, quando Hayy fez 49 anos sem nunca ter convivido com outro ser humano, apareceu um eremita chamado Asal, que vinha da ilha vizinha. E depois, e depois? Saberá quem descobrir o tesouro. Nesta península dos "Lusíadas" e do "Dom Quixote", somos mais ricos do que pensamos.

Alexandra Leitão
alexandrarfleitao@yahoo.com

Serviços públicos

Prevendo as críticas que sempre são feitas a quem, como eu, defende a primazia do papel do Estado na prestação dos serviços públicos, antecipo desde já que defendo a liberdade de iniciativa privada e o pleno direito de constituir empresas no quadro de uma economia mista, direitos que estão, aliás, garantidos constitucionalmente. E considero que os privados podem concorrer com o sector público, assim como prestar alguns serviços públicos em regime de concessão ou similar. Contudo, discordo profundamente (e parece-me de duvidosa constitucionalidade) que o Estado opte por desinvestir nos seus serviços para criar mercado para os privados, como infelizmente já aconteceu na educação, com os contratos de associação (e tudo indica que pode vir a acontecer novamente), e subjaz também à opção de não comprar comboios para a CP para garantir concorrência de privados — inclusivamente estrangeiros.

Os direitos fundamentais e, em especial, os direitos à saúde e à educação devem ser assegurados pelo Estado, através do Serviço Nacional de Saúde (SNS) e da escola pública, ambos universais e gratuitos. Estas são tarefas essenciais do Estado nos termos da Constituição. Isto não põe em causa a coexistência dos sectores público e privado nestas áreas, mas afasta as políticas públicas que se traduzem num desinvestimento no SNS e na escola pública em prol da transferência desses serviços para privados, quer através da contratualização, quer através de figuras como o "cheque-consulta" ou o "cheque-ensino".

E defendo esta posição por três razões fundamentais. Em primeiro lugar, porque essa opção de política pública vai necessariamente descapitalizar os serviços públicos, pondo em causa a sua capacidade para assegurar uma prestação universal e gratuita. Uma situação desigual em que o Estado financia a sua própria concorrência. Não é por acaso que no RU o Partido Trabalhista reafirmou no seu programa de Governo que o NHS será sempre detido pelo Estado e financiado pelo Estado. Essa é a matriz da social-democracia.

Em segundo lugar, privatizar traz sempre limitações de acesso aos serviços públicos, seja por causa das condições que são impostas pelos privados, seja pelas condições dos próprios utentes. No caso, por exemplo, do "cheque-ensino", este seria uma forma de as escolas escolherem os alunos e não o inverso, dificultando o acesso de crianças e jovens mais desfavorecidos ou com necessidades especiais.

Finalmente, os serviços públicos têm de ser universais e gratuitos. A sua descapitalização conduz a um Estado de "serviços mínimos" que não é um Estado social, mas sim assistencialista, destinado apenas aos mais pobres. Na saúde, é sabido que os doentes que requerem tratamentos mais complexos e mais dispendiosos são assistidos no SNS. Descapitalizar o SNS, acentuando a dependência dos privados, suscita uma questão inultrapassável: o que aconteceria a estes doentes se o SNS deixasse de ter condições para os tratar?

A foto da semana

Por CRISTINA POMBO
cpombo@expresso.impresa.pt

TRADIÇÃO A batalha dos tomates, denominada em Espanha por La Tomatina, voltou a pintar de vermelho as ruas e os muitos visitantes que todos os anos acorrem a este festival tradicional da cidade de Buñol, na região de València. É uma massa de gente que paga bilhete para durante uma hora esborrachar um total de 120 toneladas de tomates, que tiveram de ser transportados em seis camiões. O evento, realizado como habitualmente na última quarta-feira de agosto, cumpriu este ano a 77ª edição. FOTO BURAK AKBULUT/GETTY IMAGES

Dinheiro público gasto no desporto para pessoas com deficiência é muito mais útil do que em medalhas que nos afagam o ego uns dias

Investimento olímpico

Luís Aguiar-Conraria
Professor de Economia da Univ. do Minho
lfaguiar@eeg.uminho.pt

É cíclico. De quatro em quatro anos, percebemos o pouco que investimos no desporto que não o futebol. Depois, queixamo-nos de que o Estado não apoia os atletas e, com tão pouco investimento, não podemos exigir-lhes medalhas. Se participássemos nos Jogos Olímpicos de inverno, o choradinho seria a cada dois anos. Estranhamente, e em contracorrente, o Comité Olímpico de Portugal disse que os apoios que recebem do Governo são suficientes.

Nas redes sociais, lembraram que foi no tempo de José Sócrates que se fez o Centro de Alto Rendimento de Sangalhos, que inclui o velódromo, que permitiu a Iúri Leitão e Rui Oliveira treinar para a medalha de ouro numa das provas de ciclismo em pista.

Mais do que o futebol, é a lamúria o desporto nacional. Só assim se entendem as queixas à falta de apoios a desportos de que ninguém quer saber. A sociedade moderna encontrou a forma ideal de valorizar quem é bom em atividades que apreciamos: o mercado. Se, de facto, os portugueses quisessem saber para alguma coisa do madison ou do omnium, modalidades que, ignorantemente, desconhecia, Iúri Leitão ficaria rico com os patrocínios. Se houvesse muitos interessados no judo, não seria difícil a Patrícia Lança ganhar dinheiro a fazer publicidade a produtos desportivos. O que não faz sentido é fazermos de conta que valorizamos muito estas atividades e depois achar que é o Estado, com o dinheiro obtido coercivamente junto dos contribuintes, que as deve apoiar generosamente.

Sempre que digo isto, alguém me responde que, se deixarmos tudo ao mercado, não haverá apoios à cultura, degrada-se o património histórico, não se investe na investigação fundamental, etc. Discordo absolutamente da comparação. É, para mim, óbvio que preservar o nosso património histórico ou investir na ciência tem uma enorme utilidade social. O argumento funciona, na verdade, ao contrário: os milhões que o Estado investisse em medalhas nos Jogos Olímpicos deixariam de estar disponíveis para as outras áreas. Um Orçamento do Estado é um jogo de soma nula: o que se gasta num lado não se gasta no outro.

Nem tudo se esgota no mercado, mas, numa economia capitalista, o ónus da prova recai sobre quem exige que o Estado invista milhões. Mas ninguém explica a utilidade social de financiar o tiro aos pratos ou o andar às voltas de uma pista de bicicleta ou estar num ringue aos murros. Nada contra estas práticas, cada um tem o *hobby* ou a profissão que quer, mas a sua utilidade social é nula ou perto disso.

Há dois argumentos típicos. Um é o da projeção da imagem internacional do país. O argumento não colhe. Como é evidente, a nossa imagem internacional é a mesma antes e depois de ganhar a medalha de ouro no madison e não ficou nada afetada com o desaire de Fernando Pimenta na canoagem ou com os centímetros que faltaram a Pichardo.

Fiz o trabalho de casa e fui procurar na literatura científica estudos que mostrassem que ganhar competições internacionais importantes traz benefícios para um país. Havendo estudos para todos os gostos, admirei-me por não encontrar quase nada. Alguns falam no prestígio que se ganha ao organizar grandes eventos — concluindo que os benefícios são inexistentes ou quase — alguns explicam porque é que alguns países ganham mais medalhas — quase tudo se deve à dimensão e riqueza do país e, também, ser um país comunista ou ex-comunista —, mas nada encontrei sobre o benefício para um país de se ganhar muitas medalhas.

> **Ninguém acha que a imagem da Argentina ou do Brasil é melhor porque ganharam muitos campeonatos do mundo**

A ciência confirma o bom senso. Ninguém com mente sã acha que a imagem da Argentina ou do Brasil é melhor porque ganharam muitos campeonatos do mundo e ninguém pensa que Cuba é um paraíso porque os quatro primeiros classificados do triplo salto eram de origem cubana.

O segundo argumento típico faz mais sentido: atletas de excelência estimulam a atividade desportiva da população. Não ponho de parte a hipótese de haver quem comprasse bicicletas na sequência das medalhas de Iúri Leitão ou de quem se inscrevesse na ginástica artística graças à performance de Filipa Martins. Mas já duvido que a melhor forma de promover vidas saudáveis não seja investir no desporto escolar e em infraestruturas desportivas de uso geral.

Do ponto de vista da utilidade social, investir nos Jogos Paralímpicos é bem mais importante do que nos Jogos Olímpicos. Dinheiro público gasto no desporto para pessoas com deficiência é muito mais útil do que em medalhas que nos afagam o ego durante uns dias.

Henrique Raposo
henrique.raposo79@gmail.com

Tremores

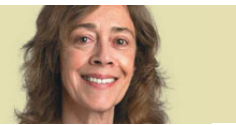
A grande memória de terror do meu pai é a grande cheia de 67; a da minha mãe é o terramoto de 69, até porque ainda vivia numa das áreas em que esse terramoto foi mesmo ruinoso, o Alentejo Litoral; pior só mesmo na ponta de Sagres. Lembra-se com nitidez do medo cavernoso que vem do princípio do tempo e da forma como as pessoas são distintas na relação com o terror. Apesar da água no tanque de rega abanar como se fosse mar alto, o meu avô, sem mexer um músculo das cordas vocais, limitou-se a ficar debaixo do umbral da porta enquanto as paredes rachavam à sua volta. Há dias, claro, estas memórias vieram ao de cima, tal como a perplexidade, o medo, o temor perante uma força tão desmedida e as suposições. Mergulhadas no ambientalismo apocalíptico da sua geração, as miúdas disseram logo que tinha sido a Terra, que anda zangada, a castigar o homem poluidor. Repetiram o raciocínio dos velhos religiosos de 1755: o terramoto de Lisboa, dizia Malagrida, só podia ser um castigo divino contra uma Lisboa dissoluta que perdera o seu caminho enquanto ponta de lança da Jerusalém celestial na Terra.

Para o ser humano, seja qual for a sua idade ou época, é difícil conceber um mundo sem uma natureza moral ou moralizadora e, por arrasto, ligada aos humores de Deus ou dos deuses. No nosso antropocentrismo, achamos sempre que tudo está relacionado connosco, sobretudo com os nossos pecados.

> **Porque é que parte de nós, sobretudo na infância e na velhice, sente que nestes terramotos há um mistério por desvendar?**

Encravado entre gerações e mitos, tentei ser o professor kantiano. Não: ninguém está certo neste ponto, nem a velha religião nem nova religião ambientalista. A natureza é amoral, os seus movimentos tectónicos não são um castigo ou uma recompensa pela nossa ação. A natureza segue leis físicas e químicas que estão em perpétuo movimento. Nós é que ocupámos os espaços onde, se calhar, não devíamos estar. Visto a partir da escala geológica, um terramoto é um evento belíssimo que esculpe vales, enseadas e montanhas na argila da Criação. Aliás, parte da nossa liberdade intelectual nasceu desta ideia pós-1755: se a natureza é amoral, então podemos desligar a ciência da teologia, podemos libertar os cientistas da alçada da Igreja.

No entanto, à noite fui para a cama a pensar num detalhe: porque é que esta racionalidade kantiana continua a ser desafiada por mitos e lendas do impulso religioso? Porque é que parte de nós, sobretudo na infância e na velhice, sente que nestes terramotos há um mistério por desvendar? Porque esta explicação científica é, no fundo, a velha teodiceia com roupagens científicas; é demasiado distante e desumana, cria uma Humanidade abandonada numa rocha azul num cosmos inóspito e indiferente ao nosso destino. Tal como Deus, a ciência também tem um silêncio que assusta.

Opinião

Ângela Silva
avsilva@expresso.impresa.pt

Habituem-se ao rural

A escolha de Maria Luís Albuquerque para comissária europeia deixou o Presidente da República visivelmente incomodado. Marcelo foi informado horas antes do anúncio, sem direito a consultas prévias ou trocas de impressões amigáveis, e confirmou que a relação com o atual primeiro-ministro não é fácil. Luís Montenegro cumpre formalismos, mas foca-se no rumo que traçou e dá pouca confiança. E Marcelo não é o único a queixar-se, embora o mais atarantado interlocutor do líder da AD seja Pedro Nuno Santos.

A três dias de fechar a *rentrée* do partido, o líder socialista continua a ouvir recados de dentro e de fora do PS sobre o que deve fazer e a lista é confusa: chumbar o Orçamento, viabilizá-lo com exigências, deixar passar sem negociar, mandar tudo às malvas, esfrangalhar os excels de Joaquim Sarmento, rebentar com as contas certas, provocar eleições. Se pudesse, Pedro Nuno escolhia a última (Luís Montenegro também), mas não pode. E não pode porque Montenegro preparou-se para o caso de lhe cortarem o caminho.

Montenegro foca-se no rumo que traçou e dá pouca confiança. O caminho que trilhou em cinco meses não permite ao maior partido da oposição arriscar ir a votos

Isto não quer dizer que o rumor de verão segundo o qual o líder da AD é um António Costa que só sabe distribuir cheques e comprar votos tenha aderência à realidade. Não tem. Porque quem quer que viesse a seguir a Costa estava obrigado a começar por onde Montenegro começou: por tapar os buracos que a maioria absoluta socialista deixou escancarados na praça pública, pegar nas dificuldades mais imediatas e resolvê-las e isso implicaria sempre distribuir dinheiro.

O país acalmou. E Pedro Nuno Santos demorou a perceber que o homem que Marcelo definiu como difícil de entender, independente, não influenciável, improvisador e com traços "rurais" ia ser duro de roer. O que o Governo fez até agora não chega para a AD sonhar com maiorias absolutas — conseguir anular ressentimentos de grupos sociais decisivos é uma coisa, mas conquistá-los eleitoralmente é outra, que não está garantida e exige tempo, rasgo, trabalho e mexidas estruturais. Mas o essencial Montenegro já conseguiu: o caminho que trilhou em cinco meses não permite ao maior partido da oposição arriscar ir a votos, pelo contrário, obriga-o a dar vida ao inimigo.

Eleições antecipadas agora seriam sempre melhores para a AD do que para qualquer outro partido e Montenegro sente na fragilidade do líder socialista respaldo para esticar a corda sem a partir. Se o risco de uma irracionalidade inesperada estiver controlado, o rural vai durar.

Não é currículo, é cadastro. Não é escolha, é provocação

Daniel Oliveira
danieloliveira.lx@gmail.com

Maria Luís Albuquerque chegou ao Governo sem grande currículo político ou técnico, para além da passagem pelo IGCP. Tinha sido professora de Passos Coelho e isso chegou para ter lugar no Executivo e, depois, substituir Vítor Gaspar. O percurso de Albuquerque é uma sucessão de desastres ruinosos para o Estado e para a ética. Ainda antes de chegar ao Governo, foi responsável por contratos *swaps* na Refer e depois, enquanto governante, por uma péssima gestão da litigância com o Santander, que veio a custar muitos milhões de euros às empresas públicas transportadoras e várias demissões. Apesar da polémica, Passos queria uma amiga fiel que não se esquivasse da absurda vontade de ir mais longe do que a *troika*. Paulo Portas, que defendia uma postura menos colaboracionista com a *troika*, ameaçou, de forma "irrevogável", abandonar o barco por causa desta promoção. Hoje, o defunto CDS acha que é excelente escolha para comissária europeia.

Como ministra, foi responsável pela venda do BPN por €40 milhões (deixando para o Estado o grosso da fatura) e pela gestão ruinosa do dossiê do Banif, onde injetou milhões sem resolver qualquer problema. Foi Albuquerque quem comprou o experimentalismo de Bruxelas (que fez de Portugal cobaia de uma fórmula falhada) na resolução do BES e que vendeu a falsa ideia de que sairia de borla. Disse que, "aconteça o que acontecer ao Novo Banco, o Estado não vai ser chamado a pagar eventuais prejuízos". Tudo decidido num *e-mail* enviado aos ministros no meio das férias. Foi também a responsável financeira pela venda da ANA à Vinci, de que seremos reféns por meio século e que o Tribunal de Contas viria a destruir em termos pouco habituais. Em quase todos os dossiês manteve uma relação problemática com a verdade. No fim do mandato, foi autora de um simulador de reembolso da sobretaxa de IRS que chegava aos 35% e acabou por ser de 0%, num descarado populismo eleitoral. Saída do Governo, foi trabalhar para o Arrow Global, um fundo que comprava ativos desvalorizados, como crédito malparado ou dívida pública, para posterior reestruturação e venda. Comprou créditos ao Banif quando Albuquerque era ministra e o Estado acionista. Esta entrada na porta giratória entre a política e a banca levou a uma alteração da lei.

O percurso de Albuquerque é uma sucessão de desastres ruinosos para o Estado e para a ética: *swaps*, venda do BPN, gestão do dossiê BANIF, resolução do BES, privatização da ANA, ida para o Arrow Global. O problema não é representar o fanatismo do passismo, é ser a sua versão degradada. Esta escolha é uma chapada na memória, na exigência e na ética

FOTO ANTÓNIO PEDRO FERREIRA

O mínimo que se poderia dizer de Maria Luís Albuquerque é que representa o apoio entusiasta a uma receita errada para uma crise financeira que atingiu a Europa. Receita que provavelmente voltaria a defender se, como comissária, viesse a ter de enfrentar situação semelhante. Mas, nisto, não se distingue de quem a escolheu, o antigo líder parlamentar que deu a cara pela vontade de ir além da *troika*. O problema de Albuquerque não é representar o fanatismo do passismo, é ser a sua versão mais degradada. Poderíamos criticar as opções de Vítor Gaspar, mas ninguém levantou questões éticas ou de impreparação. A escolha de Albuquerque é uma chapada na memória, na exigência e na ética. Isto é passado? Se o passado político, técnico e ético não conta, conta o quê?

O problema de Maria Luís Albuquerque é não ter dimensão técnica, política e ética para qualquer cargo de responsabilidade, muito menos na Europa. É ter cadastro político no lugar de um currículo. Uma lista considerável de falhas técnicas, erros políticos e violações da ética republicana. Vindos de uma comissária como Elisa Ferreira, o seu nome é um insulto ao projeto europeu, sobre o qual, aliás, não se conhece rigorosamente nada do seu pensamento. Do que pensa sobre o mundo sabe-se que se dispôs a apresentar o livro do deputado do Chega Gabriel Mithá Ribeiro dedicado a Bolsonaro e a Trump. Não é por acaso que Ventura elogiou a escolha.

A escolha de Albuquerque não permite que o PS acompanhe o que o PSD fez com António Costa. Até porque, ao contrário do que é habitual, o líder socialista nem sequer foi consultado, mas apenas informado um minuto antes de o nome ser público, na estranha ideia de diálogo a que Montenegro nos começa a habituar. Se os socialistas apoiarem a escolha desta comissária, não estarão a apoiar o país. Estarão, em nome de um falso patriotismo, a colocar uma incompetente num lugar de responsabilidade. Alguém avise a Comissão do que lhe está a ser servido, garantindo que não lhe entregam uma pasta importante. Havia nomes como Poiares Maduro, militante destacado do PSD, apoiante de Montenegro e com conhecimento e pensamento sobre os assuntos europeus. Não faltam mulheres competentes no PSD. Para além de revelar a pequenez tribal de Montenegro, esta escolha é uma provocação política. Mais uma para tornar os entendimentos mais difíceis de engolir pelo PS.

Peçam o menu "Robin dos Bosques"

Eugénia Galvão Teles
egteles@gmail.com

Pelos vistos, no peito dos restauradores de Lisboa também bate um coração que sofre com os alfacinhas expulsos da sua própria cidade por uma invasão de turistas que inflacionou os preços. Como não vão desperdiçar a chegada de um batalhão faminto disposto a pagar o que for preciso por uma tigela de caldo verde, os restaurantes mantêm uma lista oficial de preços, devidamente ajustados aos bolsos sem fundo destes novos bárbaros. Mas, sensíveis à triste sorte de todos os lisboetas obrigados a comer em casa sob pena de declararem falência, têm sempre disponível um muito discreto menu que lhes permite desfrutar de uma refeição mais em conta.

Não há como não admirar estes verdadeiros Robins dos Bosques da restauração. Para dar de comer aos seus compatriotas estão dispostos a correr o risco de receberem uma muito desagradável visita da ASAE a perguntar pelos cardápios escondidos na cozinha. É que esta solução engenhosa para os problemas do turismo onde ninguém fica a perder é ilegal. Andar a cobrar preços diferentes com base no passaporte do freguês é uma atividade que redunda numa discriminação ilegal de preços.

Suspeito que nenhum destes restaurantes foi acometido por uma súbita solidariedade com os seus concidadãos que insistem em comer na tasca da esquina, mesmo cheia de gente esquisita que aprecia pastéis de bacalhau com queijo da Serra. Querem é que os clientes regulares, independentemente da sua nacionalidade, não desapareçam. Acontece que a maioria são portugueses; são estes que vivem ou trabalham por ali o ano inteiro. Se deixarem de pedir o passaporte antes de escolherem a lista de preços e começarem a premiar a regularidade, de forma transparente e que todos possam aproveitar, desaparece a ilegalidade mais óbvia.

Os restauradores sabem que só pagando menos estes clientes, mais sensíveis ao preço, vão entrar no restaurante. Se lhes cobrarem sempre o mesmo que os turistas estão dispostos a pagar, o mais provável é que batam em retirada e nunca mais ninguém os veja. Mas também não querem desaproveitar o turista acidental que não olha muito ao preço, morto de fome depois de calcorrear a integralidade das sete colinas e a quem disseram que não pode passar pela cidade sem provar a sua açorda de marisco.

Não há como não admirar estes verdadeiros Robins dos Bosques da restauração. Para dar de comer aos seus compatriotas estão dispostos a correr o risco de receberem uma visita da ASAE

Antes de os denunciar como uma cambada de chicos-espertos que querem esmifrar os turistas sem perder o resto da clientela, talvez lembrar que, nesta mesma Baixa onde se praticam agora menus com preços diferentes, a minha avó pedia regularmente uma "atenção", que a vendedora aceitava com um sorriso cúmplice. Levava assim para casa o que queria pagando menos do que o valor anunciado na etiqueta — porque era um cliente regular e queriam que voltasse ou viam a sua hesitação perante o preço elevado do objeto do seu desejo.

Todos os descontos e preços especiais são, no fundo, variações desta "atenção" baseadas em razões não muito diferentes. Quem vende estuda o perfil dos seus clientes e oferece benesses para os levar a comprar — das cadeias de *fast-food*, onde um cartão carimbado dá direito a um hambúrguer de graça, aos múltiplos cupões de descontos nos hipermercados, passando pelas reduções dos ginásios nos horários com menos gente e pelos transportes, onde uma viagem custa menos quanto mais se viajar. Nem toda a segmentação da clientela em categorias que pagam valores diferentes pela mesma coisa é, em si mesma, um mal. Pode mesmo ser um bem se, no final, levar gente que não iria consumir a sentar-se à mesa de um restaurante e almoçar. Desde que não coma um pastel de bacalhau recheado com queijo da Serra.

Henrique Monteiro

FOTO JOÃO CARLOS SANTOS

Um mês e muitos casos depois

Se contarmos os dias, são 35 desde a última vez que escrevi nesta página. É muito ou pouco tempo? Não consigo responder; nunca tinha estado tanto tempo sem escrever. Há quase 35 anos que escrevo crónicas neste jornal e já vinha de outros onde, além de crónicas, escrevia, como aqui fiz, notícias e reportagens. Tudo junto, são mais de 46 anos, mas com uma diferença substancial: agora, os temas sucedem-se numa rapidez incrível e, pior do que isso, como se todos tivessem importância idêntica.

Quando troquei a grande metrópole pelas praias gentrificadas, o grande tema era António Costa ter sido designado como presidente do Conselho Europeu. Um cargo em que vai certamente brilhar; se por outro motivo não fosse, o facto de suceder a Charles Michel dá-lhe todas as oportunidades.

Ainda estava a banhos, mas já mentalmente a preparar a mala para o campo, surgiu a desistência de Biden e a aclamação de Kamala. O modo como correram com o "sleepy Joe" foi um pouco indigno, mas a garra da nova candidata é capaz de derrotar Trump; e isso é bom.

Já de mala feita, começaram os Jogos Olímpicos. E aí viajámos todos, como sempre, das grandes vitórias às miseráveis prestações. Fomos salvos ao cair do pano por uns rapazes que foram heróis nacionais, mas a quem ninguém vai ligar nenhuma dentro em breve (refiro-me a Iúri Leitão e a Rui Oliveira, mas também aos restantes, que, em conjunto, trouxeram as quatro medalhas contratadas — Pedro Pichardo e Patrícia Sampaio); isto revelou que Portugal é especialista em ciclismo de pista e outros desportos que ninguém sabia que existiam, salvo os amantes verdadeiros do olimpismo.

Seguiu-se, como tema (se não me baralho) o Pontal. Discurso de Montenegro que deu horas de discursos de comentadores. E, mais grave, o incêndio da Madeira, que ameaçou o Curral das Freiras. Acontecimentos assim permitem especialistas que dizem como devem fazer os bombeiros, a proteção civil e os governantes. Claro que Miguel Albuquerque só não continuou de férias porque alguém lhe recordou o seu dever..., mas assim que pôde para lá voltou. O líder da oposição e os partidos que não gostam de Albuquerque (parecem ser todos) fizeram um charivari que parecia que o incêndio ia ser o fim do mundo.

O facto de a Ucrânia ter invadido um pedacinho da Rússia deu muito debate e muito general e comentador a falar nas TV. Há os que aprecio e os de que não gosto, mas devo esclarecer que já tinha percebido o que estava em causa à quinta vez que falaram disso.

Coisa semelhante se pode dizer do Médio Oriente. Percebemos (e cada um tem a sua opinião) quem são os maus e os bons, ou mesmo se há, ou não, bons; se são todos maus. Os mais profundos dizem que é culpa da indústria do armamento, como se a guerra fosse, na humanidade, uma consequência de haver armas... Enfim, o drama do ovo e da galinha é mais difícil de resolver.

O sismo a oeste de Sines foi outro grande tema. Juro — mas pode ser ficção minha — que me pareceu haver quem tenha ficado com pena de não ter havido vítimas ou, pelo menos, danos assinaláveis. Daria mais conversa e não há pior do que convidar alguém para dizer mal e o convidado, ingrato, acaba por dizer que correu tudo como seria esperado. Mas este país é assim: nem um sismo sabe ter!

Agora estamos na fase Orçamento do Estado. O PS vai aprovar? E, se o fizer, será com condições e negociações, que obrigam a uma corresponsabilização, ou sem condições, apenas para manter o país estável? Eis uma coisa de que todos falam. E todos têm bons argumentos.

Entretanto, haverá menos IRS e um bónus para os mais pobres. É isto a *silly season*? Se é, dura todo o ano, valha-me Deus; *sillies* somos nós todos!

hmonteiroexpresso@gmail.com

> “
>
>
>
> **A *silly season* é tanto mais *silly* quanto mais *silly* for o *country* em que ocorre**
>
> **Vasco Graça Moura (1942-2014)**
> Poeta, tradutor e ensaísta, foi secretário de Estado da Cultura e deputado pelo PSD. A frase é de uma crónica no "DN" de agosto de 2010
>
>

Os dias que me ocorrem

OS JOTAS
A receita é pegar nuns jovens, levá-los para uma terra mais ou menos distante de Lisboa e colocar dirigentes dos partidos a falar para o país fingindo que falam para eles. O precursor desta forma de *rentrée* foi o PSD e penso que o seu dinamizador-mor, Carlos Coelho, nem teria esta intenção, mas sim a contrária: pôr os líderes a ouvir os jovens. Mas as criaturas fogem aos criadores e o resultado é quase o contrário. E o formato é bom, tanto mais que o PS também passou a ter a sua universidade ou academia de verão. A classe política tem beneficiado muito com isto (digo eu, que estou a mentir).

COMBOIOS
O Governo fez um passe barato para todos os comboios, que, aliás, estão em greve boa parte do tempo. Mas eu recordaria que a Beira Alta — de Aveiro à Guarda, passando por Viseu — está sem linhas há anos e não se vê o fim das obras. Parece o IP3 entre Coimbra e Viseu. Ora, sendo assim não compro o passe.

IMIGRANTES
A grande ideia do Chega foi fazer um referendo sobre a imigração. Não sabem bem que pergunta fariam, e Marcelo respondeu-lhes com classe (embora depois desmentisse que lhes respondia, dizendo que apenas tinha dado opiniões baseadas em factos). É pena o recuo, porque alguém tem de explicar ao Chega (e não só) que os referendos não servem para definir políticas. Se assim fosse, teríamos uma democracia direta e podíamos, por exemplo, referendar um OE, ou um primeiro-ministro, ou a existência política de Ventura.

INVASÃO
Não sei se terá sucesso. Mas a entrada das tropas da Ucrânia pela Rússia demonstra algo em que deveríamos refletir: queremos ou não impedir que o nosso estilo de vida seja esmagado pelo Kremlin? É que, às vezes, parece que não nos importamos.

TRUMP E DEUS
O candidato que já foi Presidente diz que foi salvo por Deus do tiro que lhe era dirigido. Que foi milagre. Ora, nem eu acredito que Deus interfira no livre-arbítrio dos homens como acho que milagre seria Trump morrer e ressuscitar (de preferência depois das eleições). Mas meter o sagrado na política serve também para dizer que o procurador que o acusa é um enviado do demónio.

ERC
Ver um regulador condenar um jornalista por algo que não disse ultrapassa tudo o que se pode imaginar. Aconteceu com José Rodrigues dos Santos.

Antes que me esqueça

RESOLVIDO
Foi também um assunto que ocupou um pouco os noticiários. Nomeadamente apostou-se em nomes como Poiares Maduro (que tem o defeito de ser homem, caso contrário seria uma hipótese) ou Leonor Beleza (que acabaria o mandato com a idade que Biden tem hoje). Mas não, a escolhida de Luís Montenegro, porque parece que tinha de ser uma mulher devido à Lei da Paridade, acabou por ser Maria Luís Albuquerque, a mesma que foi secretária de Estado do Orçamento e ministra das Finanças nos Governos de Passos Coelho. Ora isto significa, de acordo com elevadas e elevados analistas, que temos uma aproximação de Montenegro a Passos, ou então pode significar que Von der Leyen gosta dela e pediu a Montenegro que a nomeasse... ou que a Comissão vai iniciar um caminho de austeridade e aperto nas contas. Porém, dentro das teorias analíticas a minha é imbatível: a comissária proposta chama-se Luís, como o primeiro-ministro. É um caso de 'nomismo', ou seja, nomear pessoas com o mesmo nome. Estou sempre às ordens para teorias novas.

EM CURSO
O apoio a um candidato à Presidência da República, coisa que tem de ser feita já daqui a um ano ou antes, está resolvido pelo PSD (e penso que pelo PS). O líder social-democrata deixou claro que esse candidato deve vir de dentro do partido; assim, utilizando ele o 'nomismo' como farol político da sua ação, é óbvio que quer apoiar Luís Marques Mendes. Já Pedro Nuno Santos, que se opõe ao 'nomismo' em nome do 'hereditarismo', tenderá a apoiar Mário Centeno, em homenagem ao melhor Presidente da República do PS, Mário Soares. E aqui tendes uma análise tão boa como outras e até mais divertida.

SEM FIM
Há a questão da obstetrícia, das suas urgências e dos seus ziguezagues. Um problema que este Governo não conseguiu inverter. Porém, recorde-se o tempo em que Correia de Campos, ministro da Saúde do PS, enfrentava nascimentos de bebés em ambulâncias todos os dias. Claro que isto foi em 2006 e ocorria quando o ministro, por motivos técnicos e lógica médica, fechava blocos de partos e maternidades. Agora voltaram as notícias de nascimentos de bebés em ambulâncias, mas ninguém investiga se esse fenómeno tem a ver com decisões políticas e de administração hospitalar ou ocorre regularmente por motivos diversos. Uma coisa é certa: sem atacar os problemas de fundo, esta história não tem fim.

Ricardo Costa

AFINAL, FOI DINHEIRO EM CAIXA

Habituados a ver o Estado a acorrer a negócios tremidos ou de valor incerto já quase não damos pelos casos que correm bem. Na semana passada, um simples comunicado aos mercados pela Caixa Geral de Depósitos encerrava mais valor político que muitos debates parlamentares ou campanhas eleitorais inteiras.

Não estou a exagerar. Em 2016, a capitalização da CGD quase fez cair o ministro Mário Centeno, decapitou em apenas quatro meses e de forma injusta António Domingues — CEO do banco e, mais relevante, o autor e negociador em Bruxelas do duríssimo plano de reestruturação —, e provocou a primeira grande crise entre o Governo PS e Marcelo Rebelo de Sousa.

Por arrasto, fez correr rios de tinta sobre os riscos que o Estado corria (os regastes do BES e do Banif eram recentes) e manteve aceso o debate sobre a privatização do banco público.

Pois bem, na semana passada, Paulo Macedo fez saber que o banco ia pagar um dividendo extra de €300 milhões ao Estado (além dos €525 milhões do exercício de 2023!) e, com isso, saldar por inteiro a capitalização de 2017.

Sete anos depois, é óbvio que o "resgate" da Caixa foi um sucesso. O Estado recuperou tudo e o mercado ficou mais equilibrado

Quase não se falou do assunto, e é pena. Sobretudo porque demonstra que o plano negociado entre Portugal e a Direção de Concorrência de Bruxelas para limpar o malparado foi bem desenhado.

É certo que um Estado quase falido teve de colocar €2500 milhões no banco. Mas Bruxelas obrigou a que a injeção fosse acompanhada de quase €1000 milhões em capital contingente — com um juro excelente para o Estado —, que outros €500 milhões fossem colocados junto de privados (juro de 10,75%!) e, mais duro, que fechassem mais de 150 agências e fossem dispensados cerca de 2 mil funcionários, além de encerrar operações internacionais.

Em rigor, Bruxelas aceitou que o Estado limpasse a Caixa desde que esta funcionasse de forma mais limitada num mercado mais concorrencial. Do ponto de vista técnico, as questões eram e são imensas. Mas do ponto de vista político — o que mais me interessa nas crises bancárias pós-2008 — este caso que agora encerrou mostra como o interesse público e interesses privados podem coexistir numa economia de mercado.

Em tempos de infantilização ideológica, não se perde tempo com o sucesso do caso da Caixa. Não encaixa nas narrativas de ninguém.

rcosta@impresa.pt

VERÃO 2024

Manuel Cardoso "Este idadismo contra os prédios é indelicado" P25

Ricardo Dias Felner A Primavera do bacalhau P24

Cândido Costa "Hoje, as meninas têm liberdade para jogar futebol" P24

BCG afastou sócios sem pagar indemnizações

Escritório da consultora em Portugal falsificou documentos para ocultar pagamentos em Angola

A Boston Consulting Group (BCG) garante ter cortado a ligação com os sócios que participaram nos subornos a Angola através do escritório em Portugal. Esses sócios foram afastados, tendo de abdicar das suas participações, sem direito à compensação financeira que normalmente atribui aquando do término do contrato.

Este é um dos argumentos para que o Departamento de Justiça dos Estados Unidos da América tenham decidido não agir contra a consultora, até porque esta assumiu as irregularidades e pagou 14,4 milhões de dólares (quase €13 milhões ao câmbio atual), soma que corresponde ao lucro estimado que teve com os subornos no mercado angolano.

Não se sabe quem são os visados, nem quando é que se deu a sua saída da empresa. A BCG, que emprega 32 mil funcionários em todo o mundo, não respondeu às questões colocadas pelo Expresso relativamente a este caso, remetendo para o comunicado em que assume que "entre 2011 e 2017" houve funcionários seus a pagar a terceiros para assegurar negócios. Em causa está um agente em Angola que recebia verbas de Lisboa e que depois distribuía para conseguir operações, em particular com o Ministério angolano da Economia, segundo o departamento americano. O agente nunca é identificado.

Na investigação, a divisão criminal do departamento de justiça concluiu que houve trabalhadores da BCG em Portugal que elaboraram contratos pré-datados e falsificaram o teor dos serviços contratados ao agente. Mais uma vez, sem identificar quem são.

LEIA MAIS EM EXPRESSO.PT

Neste momento, a empresa conta com cinco rostos: Carlos Elavai, Teresa Espírito Santo, Tiago Kullberg, Manuel Luiz e Pedro Pereira. Antes de Carlos Elavai ter assumido a liderança, em 2021, a operação portuguesa era comandada por Miguel Abecasis, que em 2022 se tornaria administrador executivo da seguradora Fidelidade. A portuguesa BCG Lda conta com 76 funcionários e em 2023 a sua faturação foi de €23,3 milhões, menos 7% do que no ano anterior.

A BCG conta com 20 contratos com entidades públicas nacionais, avaliados em €3,5 milhões, com destaque para o Banco de Portugal. Trabalhou no plano de reestruturação da TAP, em 2020, e foi referida na comissão de inquérito às rendas da energia, por conta das transferências de quadros para o Estado.

Em Angola, a BCG prestou serviços à Sonangol, quando era liderada por Isabel dos Santos, como revelou o consórcio jornalístico internacional no âmbito dos Luanda Leaks.

Leões e águias só no sábado é que vão conhecer as datas e os horários dos jogos FOTO MANON CRUZ/REUTERS

A Champions de Sporting e Benfica

Os clubes já sabem os adversários que terão no novo formato da Liga dos Campeões

Foi carregar num botão (literalmente), esperar uns poucos minutos e descobrir as oito equipas contra as quais vão jogar na fase liga da maior competição europeia de clubes. Um pouco confusa e totalmente nova, a reformulada Liga dos Campeões garante oito partidas (quatro em casa, quatro fora) às 36 equipas participantes. Sporting e Benfica tiveram fortunas distintas.

A teoria sugere que o sorteio informático concedeu maior sorriso aos leões, que poderão ter em Alvalade os seus jogos mais complicados: é verdade que defrontarão o Manchester City e o Arsenal, as duas equipas mais capazes da Premier League, mas esses encontros serão em casa, tal como os contra os franceses do Lille e os italianos do Bolonha. E visitará o RB Leipzig na Alemanha, o Club Brugge na Bélgica, o PSV nos Países Baixos e o Sturm Graz na Áustria.

O Benfica pode erguer os braços ao céu e reivindicar por melhor sorte. Além de também receber o Bolonha, vai abrir a Luz aos espanhóis do Barcelona e do Atlético de Madrid, além de aos neerlandeses do Feyenoord. E terá deslocações que antes de acontecerem é possível sugerir que serão truculentas: visitará a Allianz Arena, abrigo do Bayern de Munique, também a Juventus em Turim e o AS Monaco no Principado situado em França; e terá ainda de desembarcar em Belgrado para se medir contra o Estrela Vermelha num recinto apelidado de 'Marakana'.

O Expresso vai mudar

Mudanças no formato e maior oferta de conteúdos já para a semana, a 6 de setembro

O mesmo jornal, mais conteúdo, um formato diferente. Já a partir da próxima semana, o Expresso chegará às bancas num formato diferente e com muitas novidades. De forma a adaptar-se aos seus leitores, aos novos hábitos de consumo e às exigências da informação, o seu jornal terá um formato diferente, ligeiramente mais pequeno, mas com mais páginas, que melhor serve as novas tendências de informação, mantendo o rigor informativo e a isenção que há cinco décadas promove e defende de uma sociedade livre e informada. Uma marca de informação com tantos anos de história sabe resistir ao tempo. E adaptar-se. E sabe o que o seu público quer e procura. Por isso mudámos o Expresso para um novo formato, com mais conteúdo sobre os assuntos que estão a marcar a atualidade do país e do mundo. Descubra todas as novidades já na próxima sexta-feira. E esteja atento, porque durante a semana vamos divulgando algumas dessas inovações. Uma delas é o lançamento de um novo caderno focado na análise dos grandes acontecimentos da atualidade, repleto de opiniões e análise fundamentada.

Expresso

Sexta-feira 30 de agosto de 2024

30 08

#2705

expresso.pt

Últimas

Foguetes na origem do fogo da Madeira A Polícia Judiciária concluiu que na origem do grande incêndio da Madeira esteve o lançamento de foguetes no contexto de uma "celebração privada", apurou o Expresso. Das três pessoas envolvidas no "ato negligente", alegadamente sem intenção de causar dano, só uma foi constituída arguida.

Portugal "aberto" a sanções contra ministros Paulo Rangel disse que Portugal "tem abertura" para considerar sanções contra elementos do Governo de Israel por "declarações lancinantes" que contribuem para exacerbar a tensão no Médio Oriente. O ministro dos Negócios Estrangeiros fez depender a posição portuguesa de um "consenso europeu".

Grávidas sem urgências A Margem Sul de Lisboa fica sem urgência de obstetrícia durante cinco dias. Hospitais de Setúbal, Almada e Barreiro fechados a grávidas pelo menos até à próxima quarta-feira. Setembro estreia-se com oito urgências obstétricas encerradas.

Bolhão ganha prémio internacional O projeto de reabilitação do Mercado do Bolhão, no Porto, foi um dos 107 vencedores dos International Architecture Awards. O trabalho do arquiteto Nuno Valentim foi premiado na categoria de "Restauração/Renovação".

Esposende tem novo presidente de Câmara Guilherme Emílio, vereador da Câmara de Esposende, vai assumir a presidência do município. O número dois da lista do PSD nas autárquicas substituiu Benjamim Pereira, que aceitou o convite do Governo para presidir ao Instituto de Habitação e Reabilitação Urbana (IHRU).

GNR apreende sardinha e bivalves Cerca de cinco mil quilos de sardinha e perto de mil quilos de berbigão foram apreendidos, em Sesimbra e em Viana do Castelo, pelas unidades de Controlo Costeiro da GNR.

Borrell defende que Ucrânia possa usar armas O alto representante da União Europeia (UE) para os Negócios Estrangeiros, Josep Borrell, pediu aos Estados-membros que permitam à Ucrânia utilizar o armamento enviado para o país de forma completamente livre.

Jornalistas condenados em Hong Kong Um tribunal de Hong Kong considerou dois jornalistas culpados de sedição. Chung Pui-kuen e Patrick Lam eram editores no jornal "Stand News", que encerrou em 2021 depois de rusgas policiais às suas instalações.

"Swifties" usam influência para apoiar Kamala Um grupo de fãs de Taylor Swift organizou um evento via Zoom de apoio a Kamala Harris, que atraiu 34 mil pessoas. Em menos de 24 horas, os Swifties for Kamala angariaram mais de 140 mil dólares para a campanha da democrata. A cantora não se pronunciou sobre as eleições.